

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORIA: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.

REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

SUMARIO

NATIVIDADE SALDANHA EM BOGOTÁ	Argeu Guimarães	293
RECORDAÇÕES DE D. QUI-TERIA	João Ribeiro	313
O RA' O	Monteiro Lobato	318
A CC.IIMUNHÃO PAULISTA	Oliveira Vianna	326
TRES DOCUMENTOS INEDI-TOS SOBRE BRAZ CUBAS.	Gentil Moura	329
ARTE DE AMAR	Julio Cesar da Silva	334
PORTICO	Remigio Fernandes	335
CRÓNICA DE ARTE	Mario de Andrade	336
ASPECTOS MODERNOS DA ALIMENTAÇÃO	Gustavo Lessa	340
ITINERÁRIO DESCUIDOSO	J. Pinto Guimarães	347
RELAÇÕES SANITARIAS EN-TRE O HOMEM E O MEIO COSMICO.	Aristides Ricardo	353

BIBLIOGRAPHIA — NOTAS DE ARTE — RESENHA DO MEZ
DEBATES E PESQUISAS — CURIOSIDADES
AS CARICATURAS DO MEZ

— S. PAULO —
MONTEIRO LOBATO & Co. - EDITORES
RUA DOS GUSMÕES, 70 - CAIXA. 2-B



R[^]egina Hotel

Endereço Teletgraphico : "REGINA.."

Largo de S. Ephigenia, 8 [^] SÃO PAULO

Este novo hotel oferece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejável. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possui *elevadores, rede telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um liabilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietários, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

Livros a Prestações

Procurando facilitar a todo o mundo a aquisição de uma boa bibliotheca,

Monteiro Lobato & Comp.

acabam de abrir, com o maior successo, uma secção de vendas a prestações. Desejando V. S. effectuar tão vantajoso contracto, peça informações, dirigindo sua correspondência para

CAIXA POSTAL, 2-B - S. PAULO

ESTADO DO PARANÁ - RUA DO COMÉRCIO, 10 - CAXAMBÓ - WILSON
ANUNCIOS: - ANNO 1930 - EXTERIOR - 1930 - 218
t. = correio montado para ser distribuído pelo Agente de Correios



Holmberg, Bech S Cia. Ltd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

S. Paulo

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

Papel, materiaes para
construcção, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.

V. S. gosta de leitura?

Peça então o catalogo das edições de MONTEIRO LOBATO & Cia., que, entre outras vantagens, oferece a seguinte :

Quem adquirir um lote de dez obras - receberá duas á escolha, a titulo de bonificação.

Rua Victoria, 47

CAIXA, 2-B

S. PAULO



COMPREM TODOS OS MEZES

O MUNDO LITERÁRIO

Magnífica e victoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores: PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO

Secretario: AGGRIPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros. Só publica ineditos. Traz a resenha do movimento literário nos paizes europeus e nos estados da União. Cada exemplar de 130 paginas : 2\$000, e 2\$500 no interior.

editora **a Grande Livraria LEITE RIBEIRO** RIO DE JANEIRO

ass

1 LOTERIA DE S. PAULO

jj

Terça-feira

É

7 DE AGOSTO

2 OIQOOSOQO

P O R I 3 Q O O

Os bilhetes já estão á
venda em toda a parte.

O maior Suocesso ISHportivo

"DICCIONARIO DO FUTEBOL" ^{>f}

Por GUY.GAY

diz "O KSTADO DI S. PAULO : "Cremos que nto existo outro melhor trabalho n> genero em lingua portugueza : está destinado a ser o companheiro indispensável do todos os futebolistas".

ILLUSTRADO COM 23 SCHEMAS - 2\$000 PORTE FRANCO

Editores MONTEIRO LOBATO & C. - Rua dos Gusmões, 70 - São Paulo

NUTRION

Formula do Dr. Julio Novaes, da
Academia Nacional de Medicina,
o "NUTRION" se recommenda
como o melhor dos ionipos e como
um poderoso

FORTIFICANTE

O "NUTRION" abre o appetite,
favorecendo as funcções digestivas
e desembaraçando o intestino. E
portanto, um remedio de grande
efficacia para combater o

O FASTIO

O "NUTRION" é o remedio, por
excellencia. dos magros, dos fra-
cos, dos debeis, dos anemiços, dos
convalescentes, das creanças fra-
cas, magras, pai lidas e rachit-icas.

As Officinas Graphicas Monteiro Lobato & Cia.

**executam com presteza e por
preços razoaveis :**

Appellações,

Aggravos,

Razões,

Catalogos,

Follietos, ©to.

REVISTA

DO

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

U L J / W

J - J I VI L . K W / L J _ J

~~~~~ ^ nnnnnmmmm ^

REDACTOR ..»

SECRETARIO:

JULIO CESAR DA SILVA

## NATIVIDADE SALDANHA EM BOGOTÁ'

Eu mesmo, que hoje escrevo, em poucos annos  
Nem as nymphas do plácido Mondego,  
Nem as faias do pátrio Beberibe,  
Escutarão meu canto.

(J. DA N. SALDANHA, *Ode a Munis Tavares*).

### I

**U**M francez amavel, o marquez de Fontenay, chamou Bogotá — a bella adormecida no bosque. Tem suas razões de ser o galante epitheto. Bogotá está realmente adormecida no interior da America equinoxial, e cercam-na immensas e millenares florestas, nas quaes se conjugam temerosos perigos. Assim, quem se propõe a conquistar Bogotá, grimpendo pelas ameias do castello de quasi tres mil metros de altura em que está encerrada, tem antes de vencer canceiras e obstáculos sem conta, enfrentar toda a cohorte dos flagellos tropicaes, palmilhar o deleterio tremedal das baixadas comburidas pelo sol e envenenadas pelos germens da morte, na plena apothese da natureza ingente.

Vencidas, porem, as difficuldades de em torno, encontra-se a compensação. Desata-se um panorama mais risonho, menos cy-

clopico, o ar fresco é embalsamado por essencias embriagantes. E então o refugio da princeza, em verdade, não offerece perigos, abre, pelo contrario, um regaço florido e perfumado. O plateau de Bogotá, com o clima primaveril e a natureza graciosa, conforta afinal o viajante, cansado de sijnportar as ardências do eterno estio, e as phalanges de mosquitos, e a visão terrifica dos jacarés do rio Magdalena. A mesma natureza que, na baixada, á força de ser grandiosa, fizera-se monotona, transfigura-se e desabrocha em mimoso jardim.

Também o marechal Ximenes de Quesada quando, no século XVI, pela vez primeira, divisou a planicie da savana de Bogotá, e sentiu a caricia deste ambiente voluptuoso, não conteve exclamações de jubilo, e desde logo lançou as pedras fundamentais da cidade. Nas mattas da savana o marechal lobrigou as veigas de Granada, e o novo rçino castelhano levou o baptismo das terras granadinas.

Ainda hoje, anno da graça de 1922, o estrangeiro experimenta sensações fortes, quando devassa a Colombia cálida, em busca do planalto andino. A viagem pelo rio Magdalena offerece sublimidades e terrores capazes de inspirar um poema grego...

E atravessando estas paragens, remonto o pensamento ao primeiro quartel do século passado, quando seguiu a mesma trilha um joven brasileiro, desenganado pela má fortuna, procurando exilio remoto.

E ponho-me a imaginar como seriam incomparavelmente mais vultuosas as difficuldades que teve de vencer o desventurado José da Natividade Saldanha, em tempos que já vão longe, e nos quaes ainda não existiam os modernos ensaios de progresso, que attenuam tantas asperezas.

A vida de Saldanha fôra uma louca aventura; padecera cruéis imprevistos; mas não podia ser mais azaroso o remate da sua desdita, em terras estrangeiras e inhospitas.

Comtudo esperava-o, no alto da montanha, a visão suave da *bellc au bois dormant*. Era ella então menos gamenha do que hoje; mas possuia outros encantos, de vetusto romantismo, encantos que souberam fascinar a Natividade Saldanha e lhe embalaram o termo da exhaustiva jornada.

## II

Para fazer-me uma idea dos horrores que Saldanha foi levado a arrostar na sua peregrinação pela Colombia tórrida e pela cordilheira formidável, folheio paginas impressionistas de João Francisco Ortiz, amigo e biographo do joven brasileiro. E recolho este pedaço:





"Quando atravessêi a montanha do Quindio pela primeira vez, estava ella tal comò Deus a creára... Não existia caminho possível, senão uma senda apenas conhecida dos cargueiros e mais própria para os tigres e as serpentes. Que solidões immensas! Páramos altíssimos que formam a cordilheira central, pois os Andes granadinos se dividem em tres ramaes, que cortam a Republica de sul a norte; rios que não teem nome, torrentes caudalosas, despenhadeiros horrendos, precipícios de causar vertigem. Iobregas gargantas, raras esplanadas, montanhas a subir, montanhas a descer, charnecas mortíferas, insondáveis abysmos, bosques seculares, temperaturas desconcertantes, feras que correm, cobras que colleam, aves a cantar, e ao centro da serra a pousada de El Moral..." (J. F. Ortiz, *Reminiscências*, Opúsculo Autobiographico, 1808-1866, Bogotá. 1907).

Deante dessas palavras, sente-se que o escriptor, ao descrever, na velhice, aquellas rudes lembranças da mocidade, guardava ainda funda emoção... O espectáculo devia ser realmente apocalyptico, e o nosso Saldanha, na mesma epocha, conheceu por certo as mesmas agruras e visões dantescas.

### III

Em 1825, depois de percorrer, em fatigante lombo de mula, sertões tão adustos, e contemplar paizagens tão formidáveis, sentiu Saldanha que o peito se lhe dilatava e a vista se embriagava, deante do formoso planalto andino. Iam abrir-se para o exilado as portas hospitaleiras de Bogotá.

Ponho-me eu também a mirar estes velhos muros da capital colombiana, e reconstituo, com alguns retoques sobre poucos modernismos, a villa de outr'ora.

As cidades andinas desfructam esta tocante superioridade, de estarem sempre um pouco á margem da vertigem progressista que arrasta todo o continente, e assim logram conservar a perfumada vetustez do fácies colonial.

Entre urbs modernas que, na planície, afogam as cousas antigas sob o alluvião dos adornos e lambrequins civilisadores, as capitaes da grande cordilheira — La Paz, Arequipa, Quito, Bogotá— continuam a viver a vida de outras eras, e mal se animam a alterar, em pequenos trechos, o harmonioso e significativo conjuncto da architectura de antanho. Cidades felizes, nas quaes o culto da tradição ainda está palpitante!

Bogotá é uma dessas cidades que, isolada do mundo, pode preservar a obra deliciosa dos antigos. Aliás, diz o illustre critico colombiano G. Restrepo, está a uma distancia do mundo que



ainda hoje é comparavel á distancia entre a terra e a lua; e, acrescentarei, talvez por isso pode furtar-se, com tanta galhardia, ao vandalismo innovador...

Bogotá era então, em 1825, o proprio sonho do marechal de Quesada transformado em realidade: quero dizer, era uma typica cidade hespanhola, uma legitima replica de Granada, excluído o Alhambra e o Generalife. As paredes brancas, mouriscas, estendiam-se a perder de vista, em casas baixas. Dentro abriam-se as alas de um vasto pateo. Tudo como em Hespanha.

Os balcões salientes, fechados com gelosias, que ainda hoje se conservam nas velhas ruas estreitas. Pelas grades, quanto olhar furtivo de mulheres lindíssimas buscava, nesse tempo galante, a silhueta de um enamorado... Nos balcões, vasos floridos, com craveiros e geramniums. Que soberbas são as rosas, e os cravos, e as hortênsias, e as flores todas de Bogotá, ainda hoje. E' uma terra privilegiada para a floração de todas as belezas da planta, do espirito, da mulher.

Ruas estreitas e feias. Ao centro, profunda valia de aguas sujas. Não podemos motejar: também o Rio colonial conheceu a rua da Valia... Foi num desses immundos esgotos que o poeta perdeu a vida. Já veremos como.

Nos numerosos conventos, fachadas desgraçadas, claustros com severas columnatas. Ricas igrejas. Aos domingos, á missa elegante de Santo Agostinho, na rua Real, concurriram deliciosos perfis de mulheres, desenhados sob as mantilhas e vestidos de seda negra. Tal como hoje, apenas com a differença de que hoje apparecem alguns tailleurs de figurino parisiense.

#### IV

Gomez Restrepo estabelece o contraste, no Bogotá desse tempo, entre a physionomia exterior da cidade, desataviada e primitiva, e o interior, a alma da nascente urbs: a vida familiar, o movimento intellectual. "O estrangeiro, diz elle, que lograva penetrar nos sanctuarios domésticos, guaidava sempre sympathica lembrança de Bogotá". E acrescenta: "Não havia grande luxo nos moveis ou vestidos; certa simplicidade republicana reinou sempre em nossas melhores familias; mas havia distincção, cordialidade, e uma grande cultura social". (A. G. Restrepo, *Album de Bogotá*, 1918)

E corriam então os tempos ditosos que se seguiram á Independência. Como era natural, os filhos da Athenas Americana, ufanos da obra nacional que acabavam de realizar, gostavam de apresentar-se garridamente aos estrangeiros.



A juventude intellectual, por seu lado, realizava interessantes labores. Os bogotanos sempre revelaram vivo pendor pelas bellas lettras. Nessa quadra, que vae de 1825 a 1830, houve varias tentativas arcadicas de espirital singeleza e ingénuas ambições.

Na Universidade, versava-se, com rara applicação, todo o humanismo. Formavam-se puros mestres em matéria canónica e jurídica, estudavam-se idiomas mortos, como o sanscrito, convivia-se com as pleiades luminosas da Grécia e de Roma.

Inspirados poetas cantavam carmes de perfumado lyrismo.

A Athenas Americana affirmava os seus fóros de nascente cultura, que ainda hoje lhe asseguram um logar tão proeminente no mundo hispânico.

Definiam-se as tres psychologias nacionaes da Grã-Colombia, que um critico jocoso assim figurou: Quito, um convento, Caracas, um quartel, Bogotá uma universidade...

Saldanha veiu attrahido por esse ambiente intellectual, e encontrou, nesta hospitaleira terra, e com esta ambiciosa mocidade, um seio acolhedor e carinhoso.

## V

Agora, os primeiros passos da sua vida agitada e inglória.

Dirigindo quatorze rimas ao seu amigo fraterno, o cadete Sebastião do Rego Barros, o poeta escreve uma autobiographia, que traduzo em prosa chã. José da Natividade Saldanha nasceu em Pernambuco, no dia 8 de Setembro de 1796. Foi intelligencia precoce Sabia ler aos cinco annos. Vocação artistica decidida e espontanea, aos dez annos aprendia musica, aos doze poetava. Af-feiçoava-se em seguida ao desenho. As raizes do futuro humanista já se afundavam em plena puberdade. Aos quinze annos era estudante de latim e philosophia. Folheava os clássicos e assomava aos humbraes dos problemas transcendentales. O futuro advogado já compulsava Quintiliano. E o poeta já se embebe de Horácio, Virgilio e Pindaro, e Homero, e Anacreonte.

Nascido em 1796, Saldanha começou a sua carreira litteraria com os albores do século XIX. Foi dessa geração feliz que assistiu á metamorphose da chrysalida patria, iniciada afinal na soberania, depois de repetidos estos libertários.

Quando começava a desabrochar aquella intelligencia juvenil e ardente de vinte e uma primaveras, estala no Recife, seu berço, uma revolução republicana. Saldanha assiste ao sacrificio dos patriotas, mas recolhe desse espectáculo fervorosa experiencia de civismo. Também elle, alguns annos mais tarde, em 1824,



iria imniolar-se em sacrificio no frustrado altar da Confederação do Equador, que lhe valeu a amargura do forçado exilio.

Saldanha possuía uma aguda sensibilidade artística. Não poudes ficar indifferente ao movimento literário do seu tempo. Dando expansão ás faculdades rythmicas que lhe estuavam no espirito, compoz uma valiosa obra poética.

Não alcançou, por certo, superioridades de gênio. Mas não se lhe pode imputar mingua de talento expontâneo e mavioso.

Assistia elle a um formidável duello, de um lado a nossa tradição colonial, afeiçoada aos modelos de Coimbra e Lisboa, de outro, a eclosão da patria nova, egressa de servilismo e subalternidade, ainda mesmo na republica das letras. Acompanhando a evolução politica do Brasil, a literatura aspirava sahir do ciclo reinol. É nessa epocha realmente grangeamos a autonomia literaria, levamos a cabo, afinal, a obra de tantos esforçados pioneiros, desde Gregorio de Mattos.

O Rio de Janeiro assiste então aos triumphos memoráveis de um Andrada, um Lisboa, um MontAlverne, que começam a affirmar a independencia do nosso gênio literário. E a pleiade dos novos creadores da nacionalidade intellectiva é galharda e brilhante: São Carlos, Cunha Barbosa, Bastos Baraúna, Ferreira Barreto, Eloy Ottoni, Villela Barbosa, frei Caneca, frei Sampaio, Azeredo Coutinho, Antonio Carlos, Evaristo da Veiga, Moraes e Silva, Souza Caldas, são figuras que demonstram todas a mesma aspiração. Nesse grupo está Natividade Saldanha.

E' ainda um remanescente arcadico. Por mais intenso que nelle palpites o ideal nacionalista, não pode livrar-se da lição coimbrã, e não perfiustra outros caminhos poéticos fóra do arcadismo; e a mesma musa civica está toda engalanada pela mythologia grega.

## VI

Quando Saldanha sahiu do Brasil já tinha grangeado o seu posto na nossa literatura. Editára um livro de poesias, bastante para autorizar o seu ingresso no Parnaso. Não é um documento sublime. Comtudo, é um marco das nossas primeiras genuinas florações rythmicas, palpitantes de singeleza e doçura, evoluindo entre o arcadismo e as aspirações autonómicas da nossa mentalidade civica, carmes em que algumas vezes se ajuntam, numa mesma paizagem anacreontica, as "nymphas do plácido Mondego" e as "faias do pátrio Beberibe".

E' de notar que Saldanha obedecia ao ambiente, acompanhava o metro e a idyosincrasia dos seus mestres coimbrenses, fazia de todos os seus heroes replicas dos deuses gregos, de to-



dos os seus amantes imagens de Romeu e Julieta, Tristan e Isolda, Heloisa e Abeillard, Paulo e Virgínia. O Gama não pode deixar de ser Neptuno, Camarão inevitavelmente é Brasileiro Marte.

Muitas vezes, quasi sempre, é o poeta da amizade e da ternura. Nas suas rimas delicadas e simples, pode-se aferir perfeitamente o sensitivo, o sentimental, o apaixonado, que é Saldanha. Algumas vezes realiza expressões poéticas que podem figurar sem desdouro ao lado das mais apreciadas no genero. Tomando o vôo dos versos brancos, é menos affectada, menos contrafeita a sua musa.

Expressiva e perfeita, uma ode ao padre Muniz Tavares, da qual copiamos um trecho:

Almo Sol, que no plaustro de topázios  
Abres, e fechas com teu rosto o dia,  
E nos Reinos da Maga Natureza  
Derramas doce influxo,

O teu curso acabou. Já no Zodíaco  
Dos doze socios as moradas viste;  
E hoje vaes outra vez o mesmo sempre  
Recomeçar teu gyro.

Mais rápido que o raio scintillante,  
Encheste alfim tua annual tarefa;  
Foi-se um anno contigo, e já não resta  
Esperança de vel-o

Submergido no pélago do Tempo,  
Absorvido no vão da Eternidade,  
Tê da sua existencia a imagem fraca  
Resvala da memoria.

Não brilha na estação da meiga Flora  
Rubro junquillo, pallida violeta,  
Senão para murchar, ai caro amigo,  
Talvez antes da noite.

Eu mesmo, que hoje escrevo, em poucos annos,  
Nem as nymphas do placiclo Mondego,  
Nem as faias do Pátrio Beberibe,  
Escutarão meu canto.



Nossa vida, Moniz, semelha o anno:  
Temos Verão, Estio, Outomno, Inverno;  
Mas voltam Estações, e os nossos dias  
Nos fogem para sempre.

Após o Inverno vem a Primavera,  
Vem após esta abrazador Estio,  
E vem depois de fructos coroados  
O pomifero Outomno.

O primeiro momento da existencia  
E' o passo primeiro para a morte;  
Apparece o seu fim, sem nós sabermos  
Se havia começado.

Parece-nos esta uma característica amostra do estro de Saldanha.

## VII

Era um poeta expontâneo. Ha expontaneidade, ha singeleza, ha sinceridade, nos seus motivos, na sua fôrma. Improvisava sem esforço.

Tocante é o soneto improvisado, em 1820, na Quinta das Lagrymas, em torno da lenda de Dona Ignez de Castro.

Foi sempre poeta, desde os quinze annos, elle mesmo o confessa. Dahi, talvez, a sua desdita. Rostand affirmou: *le métier de poete est un métier de 'dupe.*

Saldanha, na sua curta vida, não deixou de poetar até a morte. Os velhos chronistas de Bogotá dão disso testemunho. Cumpriu o fadario que elle mesmo lavrára num soneto do Recife:

Que farei? Eu não posso obstar á sorte:  
Quer que eu seja poeta: paciência:  
Sou poeta e serei até á morte...

Constante é o accento de melancholia da sua lyra. Os poetas são sempre frustres na Ventura.

Vem, compassiva noite, e com ternura  
Recolhe os ais de uma alma que suspira,  
Opprimida de angustia e desventura.

Recebe os ais de um triste que delira;  
De um triste que, embrenhado na espessura  
Suspirando saudoso arqueja, expira.



A sua sensibilidade deixava-o sempre num constante e insatisfeito anseio, O sonhador impenitente muitas vezes se detinha a espreitar a monotonia da vida e a insegurança do destino. Em face das galas triumphaes da natureza cantante, luminosa e festiva, confrange-se ainda a pobre alma descontente:

Brilham os prados de mil flores cheios.  
Só eu, quando o prazer abrange a tudo,  
Vivo entre sustos, vivo entre receios.

Chegou um dia a cahir nesta contradicção, desmentida pela sua mesma vida:

Não me pode mover formosa dama;  
Seu rosto divinal jamais ateia,  
Jamais ateia em mim amante chamma.

De uma paz salutar minh'alma é cheia;  
Não amou, não deseja, emfim não ama;  
Com o douto Venuzo se recreia.

#### VIII

Em outros sonetos, aberto o coração, não pode esquecer a formosura de Mareia. Ao partir para Coimbra, não contem a confissão.

Tudo acabou: e a negra desventura  
Quer que os laços de amor a auzencia corte;  
Que eu deixe, ó Mareia, a tua formosura!

Céos, que fado cruel, que imiga sorte!  
Eu desespero, eu morro... ó Parca dura,  
Já que Mareia perdi, vem dar-me a morte.

E recorda a musa inspiradora, de quem elle celebrava, no devaneio sentimental, os olnos gentis, a madeixa loura, a bocca "por Vénus invejada, onde habitam mil cândidos amores"; e os braços, "prisão dos amantes", e os seios, "globos de neve".

Aspirou morrer fiel:

E si mais nos não virmos, e eu distante  
Soffrer da Parca dura o ferreo corte:  
Amou-me, dize então; morreu constante.



Faltam-me provas para dizer si Saldanha cumpriu este nobre proposito amoroso. Mas seja licito duvidar, porque percorrendo o mundo, e vindo a terminar os seus dias em Bogotá, multiplicou muitas vezes a visão das silhuetas suaves e tentadoras. As mulheres são bellas, na velha Santa Fé, como as flôres. O poeta não podia permanecer indifferente a tão capitosa floração feminina e roto devia estar desde muito aquelle soneto á antiga musa loura. Quem sabe si a mysteriosa morte de Saldanha não foi a obra de algum ciúme incontido?

Não podia elle deixar de continuar, pelo mundo fóra, um grande affectivo.

Não apenas no amor revelava os impulsos de um coração terno. Também na amizade, a cada passo, patenteia finuras de sentimento, na sua obra poética.

São aspectos que nos fazem imaginar na grande dor que lhe impoz o exilio, afastado de todas as imagens queridas. Partindo de Pernambuco para Coimbra já exclama, num soneto dedicado aos amigos: "E' tanta a minha desventura!" Que diria na segunda separação, acossado pelos verdugos da monarchia, sahindo ao azar da vida, por terras inhospitas, sem esperança de regresso aos lares pernambucanos!...

## IX

Patria, Amigos, são dois themas favoritos de Saldanha. E finou-se longe da Patria, longe dos Amigos, cruciado pela saudade, soffrendo justamente a pena que sempre lhe pareceu mais cruel:

Longe da Patria, dos amigos longe,  
Que presta a vida?

Saldanha foi também um fervoroso patriota. A sua obra reflecte essa face preponderante da sua personalidade.

Nas primeiras poesias, exalta de preferencia a gloria lusa. Mas prompto volve a vista para a epopéa nacional dá guerra Hollandeza, e faz-se cantor entusiasta dos nossos primeiros heroes militares. Sob esse ponto de vista é o precursor legitimo de um Tobias Barreto ou um Victor Meirelles, que enthronisaram, na rima e na palheta, a fama immortal dos gigantes de Guararapes...

Nos primeiros sonetos de Saldanha, avultam as sombras majestosas dos paes da raça — Viriato, Camões, o Gama, Bartholomeu Dias, Albuquerque, João II...

Depois, põe todo o fervor civico da sua musa, em decantar outras sombras gloriosas e eternas: Henrique Dias, Camarão, Ne-





greiros, Vieira, e exalta em legendas de ouro os fastos de Guararapes, Porto-Calvo, Santo Amaro, Goyanna, Cunhau'...

No limiar das suas Odes Pindaricas está inscripto, como profissão de fé, um distico extrahido dos *Luziadas*. "Dos nascidos direi da nossa Terra"... E depois de invocar as musas marciaes e heróicas, conclue:

Levemos, dos heroes pernambucanos  
A rutilante gloria  
Ao templo sacrosanto da Memoria:  
Não deixemos em mudo esquecimento  
Tantos varões famosos,  
Que da inveja a pezar em toda a edade  
Entregaram seu nome á eternidade.

Camarão é "Brasileo Marte"; Dias, "Brasileo Heitor", é o nosso Scipião; o mestre de campo Francisco Rebello, o "Rebellinho" — Hercules imitando, rouba a vida a um Antheu com os rijos braços. São cabos de guerra, são batalhas, dignas de parallelo com as lendas eternas da Grécia heioiça e da Roma imperial:

E entretanto conheça o mundo todo,  
Que entre o remoto povo Brasileiro  
Também se criam peitos mais que humanos  
Que não invejam gregos, nem Romanos.

A descripção dos recontros é traçada em termos altisonantes e impetuosos. Saldanha busca pintar o quadro com as cores mais heróicas e tragicas. A alma brasileira canta nesses versos todo o fulgor do seu heroismo. O poeta assim apostropha aos jovens patricios:

O' jovens brasileiros,  
Descendentes de heroes, heroes vós mesmos,  
Pois a raça de heroes não degenera,  
Eis o vosso modelo;  
O valor paternal em vós reviva;  
A Patria, que habitaes, comprou seu sangue,  
Que em vossas veias pulsa;  
Imitae-os porque elles do sepulcro  
Vos chamem com prazer seus caros filhos.

A' mocidade pernambucana que se alistou em 1817, dirige  
•outro appello ardente:



Filhos da Patria, jovens Brasileiros,  
Que as bandeiras seguis do Mareio Nume,  
Lembrem-vos Guararapes e esse cume,  
Onde brilharam Dias, e Negreiros.

Saldanha adivinha o symbolo em que a Historia iria trans-  
figurar Guararapes, symbolo de plasmação da Patria, surgindo  
unida no campo de batalha, no baptismo de sangue de todas as  
vergonteas ethnicas. Guararapes — "altivo monte"; sobre elle  
a figura descomunal do indio Camarão — "todo em furor, des-  
feito em ira — Vingança e liberdade só respira".

X

Estas são as características geraes da obra de Saldanha. Elie  
a compunha e amava, como um poeta de raça, que sabia que "a  
sorte é tudo e tudo o mais é nada", e que o verso é eterno como o  
bronze.

E' dos homens diversa a triste sorte,  
O guerreiro perece, o rei expira;  
Só o vate se esquivá á lei da morte.

Foi esse o cantor que na alvorada dos vinte cinco annos par-  
tiu furtivamente da nossa Veneza tropical, sem rumo, sem destino,  
peregrinando e padecendo, e alcançando afinal o refugio remoto,  
Bogotá.

Poderia então recitar umas rimas compostas em Coimbra:

Saudosos versos meus, que desterrado  
No tempo, em que negreja a noite escura,  
Vos cantei sem alinho, 'e sem doçura  
Ao vibro do instrumento ao Lethes dado.

Já que vos é propicio o duro fado,  
E gozaes dos afagos da Ventura  
Nas azas do pezar, e da amargura  
Ide na Patria dar saudoso brado.

Saudae os socios meus, por quem suspira  
Est'alrna. que de angustias opprimida  
A's duras feras compaixão inspira.

Ah! Dizei-lhe com voz enterrecida.  
Que eu afflicto cantando ao som da Lyra,  
Qual o cysne annuncio o fim da vida.



E em Bogotá repetiria, sem remedio, em 1830, esse sentido canto do cysne.. .

## XI

Enredado na frustrada tentativa republicana da Confederação do Equador, Saldanha foi condenado á morte e teve de fugir de Pernambuco.

Percorreu successivamente Estados-Unidos, França, Inglaterra, Cuba, Venezuela, Colombia. Enfermo, entrou agonizante num hospital de Londres. Naufragou deante de Plymouth. Contou certa vez a Ortiz que esse fora o mais duro transe da sua vida. "Estive a ponto de perecer em frente ás costas de Inglaterra, luctando dois dias contra ondas enfurecidas, nu', com uma taboa amarrada á cintura, para quando chegasse o momento supremo do barco submergir. Nesse tempo ainda não estavam inventadas as bóias e salva-vidas de cortiça." (Op. cit.) Em Caracas, recrutaram-no para o exercito. Atravessou a pé a cordilheira dos Andes.

Chegou, afinal, a Bogotá, por volta de 1825. Frequentou a juventude intellectual. Para ganhar a vida, dava lições de humanidades e exercia a profissão de advogado.

Alguns negam que elle tivesse frequentado o foro colombiano. Gustavo Arboleda assim escreve: Carvalho Paes de Andrade e outros dão curso a uma versão que apparece contradictada na *Gazeta da Colombia* correspondente a 1830, na qual se lê que o Governo Nacional não permittiu o exercicio da advocacia ao "súbdito portuguez" (sic) Saldanha, pois affirmam aquelles senhores que com a fama que possuia tal sujeito no foro, havia acudido muita gente a uma audiência no Tribunal de Apellações, onde ia fallar, e que por temor de não sahir-se airoosamente, desappareceu momentos antes que começasse a vista do JUÍZO, sem que nunca mais se ouvisse fallar nelle". (G. Arboleda. *O Brasil atravez da sua Historia*, Bogotá, 1916)

A essa opinião, pode-se contrapor um dado recolhido pelo illustre historiador colombiano Posada. De facto, no jornal *La Miscclanea*, de 16 de Outubro de 1826, annuncia-se que "será publicado dentro de poucos dias uma obra de José da Natividade Saldanha, sobre o *Casamento Civil*" (Dr. Eduardo Pozada, *Bibliographia Bogotana*, tomo II, 1922). Não foi encontrado nenhum exemplar desse volume. Mas a circumstancia de Saldanha annunciar uma obra forense, não autorisa a acreditar que elle exerceu aqui a profissão?



Saldanha frequentava alguns moços intellectuaes. A prova evidente de que elle se fez notado nas rodas literarias, está nos capítulos que lhe consagram Cordovez Moure e João-Francisco Ortiz. (C. Moure. *Reminiscências de Santa-fé y Bogotá*).

A vida intellectual em Bogotá sempre foi bastante intensa. O movimento das letras, quando chegou Saldanha, em 1825, era vivaz e interessante. Começou em seguida uma phase de declínio: os azares da politica fizeram soprar ventos de insania, e os poetas e prosadores quasi emmudeceram. Dois magníficos vultos da Grã-Colombia de então, eram Bello, o venezuelano, e Olmedo, o equatoriano. Ambos andavam perdidos em exilios longínquos. Em Bogotá poetavam alguns vates de secundário renome.

Mas em torno dos seus lares se agrupava uma ardente mocidade, desejosa de alcançar bellos triumphos. Figuras de destaque nesses cenáculos eram os irmãos Ortiz — João-Francisco e Francisco-José, sendo que este ultimo chegou a ser mais tarde um dos mais puros mestres na poesia colombiana, também publicista e philosopho. Pertenceu á Real Academia Hespanhola e escreveu um *Poema do Tequendama* e os *Cantos da Patria*. Delle conheço ainda uma longa poesia — *La abolición de la esclavitud en el Brasil*, escripta em 1888, cuja copia me foi offerecida por um dos descendentes do poeta (1814-1892). Os dois irmãos Ortiz fundaram o primeiro jornal literário da Colômbia, *A Estrella Nacional* de 1832.

Havia um emhyão de Arcadia ao velho gosto, que se chamava *El Parnasillo*. Pairava nas sessões do Parnasillo um ambiente de franco e honesto bom humor. Glosava-se o Cavalleiro da Triste Figura. Embora a politica armasse em torno delles uma atmosfera de decadencia e indifferentismo, os moços do nobre cenáculo reagiam e formavam um oásis.

Saldanha tornou-se grande amigo dos Ortiz. Um delles rendeu-lhe, passado mais de meio século, um preto summamente carinhoso, naquelle capitolo de saudade das *Revüniscencias*.

Saldanha encontrou no Parnasillo devotos do mesmo credo poético que elle trazia da nossa Veneza.

A critica, querendo desconhecer as influencias do tempo, julga com severidade as producções dos ingênuos arcadistas que foram confrades de Saldanha. E verbera, assim, nelles, a replica constante dos temas mythologicos e a invariavel affeição ao estylo lyrico anacreontico e ás elegias amatorias. Esse é o anathema lançado por Don Ignacio Gutierrez y Vergara, aliás socio da mesma grey. Amenisando a aridez das reuniões, o poeta Tovar dava aos seus affectos uma receita para decimas:



De fácil composición  
Una decima parece,  
Y por eso se apetece  
Para cualquiera funccion;  
Pero en la distribuicion  
Del pensamiento adoptado,  
Su mérito está fincado  
Enque sin ningun estorbo  
Concluya ei ultimo sorbo  
Con el ultimo bocado.

Não faltava, como se vê, aos jovens do Parnasillo, animo faceto. Extinguiu-se em 1833, com a morte do mais diligente consocio, André Marroquim.

### XIII

Não se pode desligar a figura de Saldanha dessa incipiente academia. Comprova-o a affeição dos Ortiz. Justifica-o a identidade de maneira literaria. A Saldanha não faltava mesmo magnifica verve. Era um *causeur*, diz Cordovez Moure. Na sua original mistura de portuguez, hespanhol e francez, entretinha um espirito agil e zombeteiro, nas tréguas que lhe ficavam das tristezas da vida. Lembro-me de haver lido alhures que de Bogotá enviou, em jocosos versos, uma procuração ao presidente do tribunal que em Pernambuco o condemnára a morte — outhorgando-lhe poderes para no seu logar comparecer á forca...

A literatura bogotana fazia-se por esse tempo principalmente nessas academias, quando não nos salões da sociedade. Quando floresceu o Parnasillo publicou-se *O Mosaico*, revista na qual as originaes producções encontravam a letra de forma. Nesses grupos literários, conversava-se espiritualmente, improvisavam-se versos, escreviam-se quadros de costumes, compunham-se pbrases galantes em honra de bellas damas.

A casa mais frequentada por Saldanha era justamente a de uma familia com tradições de cultura, a familia Ortiz.

### XIV

João-Francisco publicou um livro de *Reminiscências*, com o sub-titulo de *Opusculo Autobiographico de 1808 a 1861*.

E' um *bouquet* de lembranças do *bon vieux temps*, escripto suave e piedosamente, com amor, com carinho, com saudade. O prefaciador Manuel Marroquim diz que as recordações do passado



são sempre parte integrante de uma vida e a ellas nos apegamos para que a mesma vida não se nos escape tão depressa.

Foi o que fez o velho chronista. E incluiu entre as suas memorias alguns estrangeiros que viveram na capital colombiana. Desde logo, o brasileiro Saldanha.

Ortiz frequentara certo curso de jurisprudência. Um dos discipulos foi o pernambucano. Sobre elle versa todo o capitulo XXIV.

"Seguindo o curso de leis, era eu applicadissimo traduzindo Virgilio, e quiz a boa sorte que viesse á Republica um brasileiro, nascido em Pernambuco, chamado José da Natividade Saldanha, com quem contrahi commercio de amizade. Esse homem, que soffrera os horrores do infortúnio, estava bastante pobre e mantinha-se dando lições em casas particulares. A que mais frequentava era a nossa, onde jantava algumas vezes; e recebia de meu pae ajudas em roupa e dinheiro"

E adeante: "Com Saldanha repassei as eglogas, as Georgicas e toda a Eneida, auxiliado de bons commentarios e da traducção de Guilhen de Viédma, e puz-me em estado de entender regularmente a Virgilio: depois continuei estudando só, e outro tanto fiz com as obras de Horácio." (Op. cit. X).

## XV

Ortiz faz em sesruida uma longa referencia ás aventuras de Saldanha, cuja vida lhe parecia um romance.

Alguns detalhes são evidentemente phantasiados, devidos á imaginação do chronista ou do poeta, não posso decidir. Diz, por exemplo, que Saldanha fizera bons estudos na Universidade do Rio de Janeiro: de Coimbra, devia ser. Diz ainda que Saldanha luctára em campos de batalha e em combates singulares, e soffrera um grande terremoto em Pernambuco. E' flagrante o equivoco.

Copiarei açora o retrato pintado por Ortiz, que deve ser bem fiel. "Era Saldanha muito moreno, de regular estatura, bem proporcionado e fornido; seus dentes eram afilados e confundia palavras portuguezas e francezas na sua linguagem", (op. cit.)

Añude depois aos mefitos mentaes do exilado. "Era literato e fazia versos com facilidade. Para amostra da sua veia poética, copiarei aqui um dos seus sonetos, traduzido do portuguez para o castelhano; e observo que sendo tão parecida uma lingua com a outra, bem poucas são as palavras que substituí ao original:



## MI SUERTE

Cuando pienso que el hado rigoroso  
De tanto perseguirme yá se canza,  
Cuando pienso que súbita bonanza  
Sucede al huracan tempestuoso;

En nuevo abismo, en caos tenebroso  
Vá a naufragar mi débil esperanza,  
Contra sirtes navifragas se lanza  
Y el mar devora mi bajel medroso.

Qué más puedo esperar? Cual leve pino,  
Por la fuerte corriente arrebatado,  
De roca en roca, en raudo torbellino,

De desgracia en desgracia despeñado,  
Seguiré los caprichos dei destino  
Hasta ser como el despedazado.

## XVI

E vem, finalmente, o quadro inglorio da sua morte. "O coração de Saldanha, diz Ortiz, prognosticava-lhe um triste fim. Numa noite de chuva, ao passar pela valia que corre em frente ás enfermarias do hospital de São João de Deus, cahiu e provavelmente ficou sem sentidos com o golpe que recebera, porque não poude safar a cabeça de dentro das aguas, e afogou-se, num humilde ribeiro, quem antes se havia livrado das ondas alterosas do canal da Mancha. Pobre Saldanha! Até certo ponto poderíamos applicar-lhe aquelles versos em que o cantor dos *Lusiadas* pinta as suas desgraças:

A fortuna me traz peregrinando  
Novos trabalhos vendo, e novos damnos.  
Agora com pobreza aborrecida  
Por hospicios alheios degredado,  
Agora da esperança já adquirida  
De novo mais que nunca derribado...

(Ortiz, op. cit.)

Saldanha morreu assim estupidamente, afogando-se numa valia, das muitas ciue existiam na velha Santa-fé. O Sr. Pozada recorda que ainda existiam, "ha cerca de vinte annos (1896)



arroyos em todas as ruas. Precederam á construcção dos esgotos. Enchiam e transbordavam nos dias de grandes aguaceiros." (E-Pozada, *Apostilha CXXXV*, sobre Saldanha, 1916). Esses riachos chamavam-se *caños*.

As ruas eram illuminadas com raros lampeões de azeite. Em geral todas as pessoas sahiam á noite com lanternas.

Disseram-me que Saldanha, segundo Ortiz, excedia-se no álcool, nos últimos annos. Assim, não poude defender-se da enxurrada, e, no dia seguinte, foi encontrado e reconhecido o cadaver.

## XVII

Mas Cordovez Moore, que também consagra algumas reminiscências ao desditoso brasileiro, attribue o afogamento na valia á traição do argentino Miralla, pae de uma illustre poetisa bogotana.

Difficil de comprovar-se, a culpabilidade de Antonio Miralla. Gutierrez y Vergara depõe pela honra do argentino. Chegou a Bogotá, como Saldanha, em 1825. Também era poeta distincto.

Conspicuo sacerdote recommendava-o assim:

"O cavalheiro Antonio Miralla, a quem nunca acabaria de elogiar bastantemente si intentasse fazel-o, é o portador desta carta. Pode o Senhor dar em sua estima todo o logar possivel a esse amigo, que é pessoa finissima e agradabilissima, em tudo e por tudo. Falia francez, inglez, italiano, portuguez, com perfeição, e possui duas mil graças, e setenta mil mais, capazes de diffundir o bom hunior e o agrado no circulo mais culto da sociedade." (*Vida de Don Ignacio Gutierrez y Vergara y episodios historicos de su tiempo*, Londres, 1900)

Não é de crer que pessoa tão distincta fosse capaz da villeza que lhe imputa Moure.

A não ser que alguma rivalidade sentimental lhes puzesse, a ambos, turbada a cabeça...

## XVIII

Como quer que seja, Saldanha pereceu em 1830, pela forma prosaica que vimos. E' o depoimento de Moure. Ortiz, dos modernos Pozada, Arboleda, Restrepo.

E' ainda o depoimento dos nossos Abreu Lima e Lopes Netto. Abreu Lima, outro Pernambucano, viveu na Colombia até 1831, foi *aide-de-camp* do General Paes, o Leão do Apure. O barão de Lopes Netto, ministro na Bolivia, ouviu um cônsul da Venezuela narrar a triste aventura. Não sei si o barão do Japurá faz referencias a Saldanha no seu conhecido livro, que não tenho á mão.



(Conselheiro Miguel Maria Lisboa, *Relação de uma viagem á Venezuela, Nova-Granada e Equador*, Bruxellas, 1866)

Outro diplomata brasileiro, o Sr. Ferreira da Costa, escreveu um livro sobre a vida e obras de Saldanha. Não pude compulsal-o também.

"Ha alguns annos, diz Pozada, estive em Bogotá como ministro do Brasil, o Sr. Ferreira da Costa, homem muito estudioso, e que escreveu a biographia de Saldanha. Quando aqui veio, buscou em vão dados sobre a vida deste em nossa capital. Já todos os contemporâneos do poeta estavam mortos e nada foi encontrado nos archivos. Tivemos o gosto de acompanhá-lo nas investigações. Interessou-se elle pelos factos da nossa Historia, e daqui levou collecções de livros e antiguidades. O registo do obito de Saldanha não poude ser achado nos livros parochiaes. Tempos depois da viagem do Sr. da Costa appareceu o livro do Sr. Ortiz. Preparamo-nos para enviá-lh'o, quando soubemos do seu fallecimento em Roma, aonde havia ido occasionalmente, pois estava como Ministro do Brasil na Rússia. Suas collecções foram seguramente parar no Rio de Janeiro." (E. Pozada, *Bibliographia Bogotana*)

## XIX

E são os elementos que pude encontrar aqui, a respeito do "doce e desditoso poeta", como carinhosamente diz Restrepo. Talvez algum dia possa combinal-os com tantos outros que existem no Brasil, o que neste momento escapam á minha curiosidade — neste remoto rincão andino, tão distante do Rio de Janeiro.

Teria Saldanha visitado a Legação do Império? Não é provável. Andava elle mal parado com as autoridades brasileiras e talvez não lhe conviesse fazer-se notado da Legação.

Ao tempo da permanencia de Saldanha em Bogotá, estaria presente o nosso Ministro de então, Luiz de Souza Dias, nomeada em 1820? Teria a morte do poeta interessado ao successor de Souza Dias, o Encarregado de Negocios Manuel Theodoro Nascientes de Araujo, designado em 1831?

São perguntas que ficam no ar. Oxalá possam ainda ser satisfeitas e, por minha parte, não cessarei de investigá-las.

## XX

Perderam-se as cinzas de Saldanha! Nenhum dos novos amigos se lembrou de dar-lhe piedoso jazigo. Pobre poeta exilado! Na



falta duma lapide singela, grave-se na memoria o epitaphio que elle mesmo redigira:

Sobre a campa se leia: Aqui, Pastores,  
Josino está, Pastor desventurado;  
Morreu de ingratição, morreu de amores!

Morreu, em plena primavera da vida, como morrem todos os visionários, queimando as azas douradas na pyra de um sacrificio insensato.

Nesta mesma cidade remota, onde chegamos alguns brasileiros pelas contingências do officio diplomático, sentimos, Saldanha, o pesadello da tua existencia amargurada, e amamos o sonho impercível da tua suave poesia!

## XXI

Mas não foram completamente vãs as pesquisas sobre Saldanha.

Em um *bouquiniste* encontrei um exemplar, bastante desfigurado, da primeira edição das poesias do vate errante. Falta-lhe a pagina de rosto. Comtudo, pode-se perfeitamente reconhecer a identidade do livro. Esse exemplar, por certo, pertenceu ao autor.

Todas as citações dos versos de Saldanha, são extrahidas desse achado precioso e raro. Aqui não possuo nenhuma edição moderna.

Em Bogotá, como em Quito, ha alfarrabistas, que se chamam mata-pelotas. Mata-pelotas é palavra quechua-castelhana e quer dizer — papeis sujos. Possuem authenticos incunabulos medievos. Muitos são os velhos livros em latim. Podem-se também descobrir livros portuguezes e brasileiros, que aqui nenhuma cotação teem no mercado. Conheci um architecto portuguez em Quito, que descobriu uma legitima primeira edição dos *Lusiadas*, no mata-pelotas Riva Daneira, e adquiriu-a por preço vil, com perfeita simplicidade do livreiro.

Guardarei o livro de Saldanha como invejável relíquia, magnífica recompensa de um carinhoso esforço...

Santa-fé-de-Bogotá, Setembro de 1922.

ARGEU GUIMARÃES

---



## RECORDAÇÕES DE D. QUITÉRIA

---

### VII

Entrei para escola num formoso dia de maio.

Na rua, nas gentes que passavam, nas próprias arvores municipais, meio engaioladas, havia a jovialidade matinal da cidade que desperta.

Agora que sa/udade me vinha do campo!

A cidade geometriza todas as coisas, retalha o espaço em quadrados, divide-nos o tempo em horas eguaes e submete a natureza e a vida a rigores mathematicos e inflexíveis.

O sol, o immenso relógio rural, cede hoje aos pequenos chronometros de bolso; a campina verde reduz-se á praça e ao jardim, e a própria vida submete-se a esse desenho quadriculado da civilização.

Entre essas malhas e quartejamentos da minha iniciação estava a escola. Era a obrigação monotona para toda a gente de dizer e de saber as mesmas coisas e de decifrar os mesmos enigmas, em tempo dado.

Estou convencida de que o que mata a alma é a egualdade ou a symmetria. E a escola é a mais estúpida de todas as uniformidades; caserna, convento ou escola, tudo é a mesma coisa. E' a primeira cota de nivel.

Eu entrei para a classe em que todos, no momento, sommavam até quatro parcelas, estudavam os superlativos, o governo de Mem de Sá, as tres pessoas da Santíssima Trindade e as penínsulas da Europa.



Accomodei-me como pude e em poucos dias fiz numerosas amigas. Eram todas alegres, risonhas, almas de arminho e rosas, com a frescura e suavidade de escravas satisfeitas: a Carolina, a mais desenvolta e desembaraçada; a Aida ou Ada (não me lembra mais), que não cessava de rir; a Elisa, que sabia fazer uma momi-ce, "carêta" especial e engraçada, e cansava de fazel-a, tantos eram os pedidos; a Helena, por vezes zangada e difficil...

Esses eram os relevos espirituaes naquella planície ou antes naquelle aterro artificial.

Quasi todas ellas vivem nas minhas reminiscências, e algumas, jamais as perdi de vista.

No Colégio de Santa Clara, havia duas grandes salas, que se enchiam de rumores deseguaes e distinctes: uma, das meninas, em que as vozes pareciam de crystaes; a outra, a de rapazes, soava marcialmente como os tambores.

Dona Clarinha dominava, meiga e imperiosa, os dois mundos. Todas nós a achavamos bella e majestosa. Um leve começo de velhice dava fulgurações de prata aos seus cabellos. Por vezes, fugazes e rapidas, apparecia M'sieur Tekserá para dar os rudimentos de lingua franceza, mas logo desaapparecia e apagava-se.

Dentro em pouco, a escola, que me parecera antipathica, tornou-se uma fonte de fascinações e de alegrias perennes.

Não quero agora prejudicar o que só vim a saber mais tarde. N'aquelle mundo de pequeninas creanças, aprendi a conhecer a variedade vicissitudinária do espirito humano e a inconstância do destino; aprendi também a verificar quanto a experiencia da vida estraga e perturba os corações tímidos e delicados.

A vida é, mais tarde, também uma escola, mas de só desenganos, de amarguras e tristezas. Quando relembro o ruidoso chilreio d'aquellas creaturinhas, a ingenuidade d'aquella gente, que ainda madrugava no rosiclér da existencia, e quando as cotejo com a seccura, a aspereza, a melancholia e as vaidades que vieram depois, umas trás outras, mais me convenço de que a educação é uma formidável bancarota de todas as esperanças e de todas as philosophias.

De todas aqueMas almas, afeiçoadas como argila ás linhas da architectura social, todas perderam a sonoridade propria e transformaram os sorrisos mais ethereos em lagrimas copiosas.

Para onde foi aquella alegria antiga?

Devoraram-na o luxo, a ambição, a duvida, a desventura e, talvez, o crime.

Ensinarão-nos a vencer. Que grande coisa! Ensanguentar o mundo para ostentar, malferidos, a vaidade da victoria.

Estou hoje lugubre e com tendencias para o dramalhão. E' que, realmente, este capitulo é um aproveitamento do primeiro



ensaio literário que escrevi: — "A Escola ou sete annos de arrependimento".

### VIII

Eu disse que D. Clarinha era meiga e boa. Na escola sempre ella derramava essa perenne doçura.

Mas havia excepções. Era quando, por exemplo, o marido M'sieur Tekserá se esgueirava pelo corredor, e, eterno *flâneur*, sahia para a rua.

Então perdia a linha de deusa e vociferava:

— Pelintra! Bilontra!

M'sieur Tekserá fazia ouvidos de mercador e desaparecia.

Outra excepção de máo humor era quando os meninos faziam grande algazarra. Dona Clarinha n'estes casos abria mão dos methodos modernos, e, conforme costumava dizer, dava a ração.

— E' preciso de vez em quando dar a ração a esses bilontrinhas.

A ração, só applicavel aos rapazes, era uma coisa terrível. Via-mos, nós outras, de longe o fragor da catastrophe. Dona Clarinha com a mão ampliada por uma frécha, como se esta fôra um raio tonante, desabava sobre as cabecinhas rebeldes.

Eram choros e gemidos como nos dias de cresta e de estinha nas colmeias ruidosas.

O dia de "ração" era um ranger de dentes para as pobres creaturinhas.

Mas, caso grave, memorável e que nunca me sahiu da memoria foi a ração de M'sieur Tekserá.

Já o homem como de costume ia a esgueirar-se pelo corredor, quando, de uma feita, impiedosa e dominadora, levantou-se Dona Clarinha; e, quarido esperavamos que vinha a descompostura conhecida — bilontra! pelintra! — ao contrario disse ella apenas com aquelle ar severo que não admittia réplica:

— *Tekserá! a ração!*

Ficamos pasmadas e transidas de susto mortal. Pois que! Até o pobre professor Tekserá, homem velho e de respeito, apanhava a sua ração!

Vimos, então, que Dona Clarinha o agarrava violentamente pelo braço, e arrastava-o para os fundos da casa.

Os meninos (como é praprio d'esse sexo impiedoso e perverso) cochichavam e riam á socapa. Um d'elles, o José Taludo, como lhe chamavam, por mais ousado foi pé ante pé não sei até onde e voltou dizendo mysteriosamente que M'sieur Tekserá apanhava, que ouvira o ranger da frecha e gemidos de dor. ..

Senti funda tristeza e indignação; e todas nós choravamos, abaladas por tão estranha impiedade. E lembro-me agora d'aquelle dito de que uma "boa mulher é a peor de todas".

Afinal, vimos M'sieur Tekserá que voltava d'aquella experiencia. Vinha tropego, cambaio, humilhado a coçar a orelha; e logo, tomou a porta da rua talvez para desafogar tamanha descon-solação.

Também voltava para a sala Dona Clarinha que desta vez achei antipathica e todavia mais bella que nunca. Vinha com aquella inconstância das espheras que lhe dava azas invisíveis no andar.

Horas depois, ao escurecer, quando acabara a lição, todas nós saímos ruidosamente como sempre.

De longe, bispei M'sieur Tekserá que pontificava já então lépido e imponente, na pharmacia da esquina.

Que diria o martyr?

Busquei passar pela porta da botica donde uns frascos enormes e verdes lançavam para a rua rectângulos verdolengos, luminosos.

Mas só logrei ouvir, como lufadas que escapavam das portas, duas ou tres palavras entre sonoras e verdes:

— Em Paris onde eu estive...

## IX

Por que digo eu tanto mal da escola?

A baroneza de Portella, minha adorada mãe, não sabia ler, mas nunca se lastimou dessa ignorancia.

— Lê-se de mais agora — dizia ella. E toda a gente lê as mesmas coisas.

Comprehendia, de instincto, que por esse caminho todo o mundo virava ninguém. Com um tostão de gazeta não era preciso mais cuidar do espirito: estava feito; e que artífices os que nisso trabalhavam?

•— Eu desejava saber escrever: só isso — acrescentava ella — para guardar algumas coisas que a memoria esquece.

E tinha razão. Quasi todos os males sociaes e moraes, moléstias e doenças phisicas, derivam da leitura. Já repararam quanta gente se embebeda por motivos literários? Quantos vão ao hospicio empurrados pelos livros?

O adultério é quasi sempre um veneno livresco, uma epidemia literaria.

Mas, não são somente ruins os livros, pois que são numerosos. São, o que é peor, dissolventes; desandam-nos do nosso caminho,



TULLIO MUGNAINI



Quadro admitido no Salão dos Artistas Francezes

TULLIO MUGNAINI



Quadro recebido no Salão de Artistas Franceses



enviezam e mascaram todos os traços ingenitos, e, mais que tudo, substituem-nos.

Quatro quintos de qualquer pessoa que lê provém dos livros. Risos e até lagrimas são puramente productos de typographia. A sinceridade é uma insignificante percentagem em tudo que fazemos; o resto é romance, drama, folhetim, autores e artigos de jornal.

Podíamos ser vendidos a peso, como papel velho impresso.

E essa falsificação começa desde o berço. Dos collegas de Cantidiano sei que ha meia dúzia de Marios que são folhetins encanecidos — o Mario de Alencar, o Mario Brant, o Mario Behring, o Mario Bulcão nasceram com um folhetim do "Jornal do Commercio". O velho órgão traduzia "Os Miseráveis", de Victor Hugo, e as pias baptismaes transbordaram de Marios...

Quantas Aidas depois que Verdi escreveu e compôs a opera por encommenda do Kediva?

Fica por conta do Cantidiano essa archeologia, que não é do meu tempo.

Meu nome de Quitéria veio de outro Jordão mais obscuro. Era o nome de uma tia velha da Beira-ay-Alta, que nunca vi nem conheci, uma especie de virago, descendente muscular da padeira de Aljubarrota.

Esta ascendencia romantica ou realista, só me fez machona na arte varonil de escrever memorias, pois que sou magricela e franzina, e posso andar entre as cordas da chuva, a corpo enxuto.

O desembargador Cantidiano, que tem o vicio da mentira, ainda hoje sabe de cór a historia de "Jorge e a machadinha", dos livros do Abilio, que leu na escola.

Esse Jorge era o grande Washington, que nunca mentia. O desembargador ganhou a fama de Epaminondas ostentando, como lisonja e letra nos seus brazões, a historia da machadinha.

JOÃO RIBEIRO





## O RAPTO

---

**C**OU oculista. Dentre tantas especialidades abertas ao anel de pedra verde, barafustei pela ophtalmologica, movido de t o ' finas razões sentimentaes.

Luctar contra a noite da retina, arrebatat presas á treva: poderá existir profissão mais abençoada?

Assim pensei, e jamais me arrependi de o ter pensado. Minha melhor paga nunca foi o dinheiro ganho em troca dos milagres da faca de de Graefe, senão o extase da triste creatura immersa na escuridão, ao ver-se de súbito restituída á luz.

O oculista, fóra dos grandes centros, é um animal andejo. Não pode estacionar permanentemente no mesmo ponto, a exemplo dos collegas que curam todas as moléstias conhecidas e *quibusdam allis*. Possui em cada zona um reduzido grupo de clientes, curados os quaes, ou desenganados, força é que abale de freguezia.

Fiz-me andejo. Andei de déo em déo, por Sêca e Meca, desfazendo cataratas, recompondo nervos opticos, e se não enriqueci, vale um thesouro o livro da minha carreira clinica, tão cheio o tenho de impressões succulentas de psychologia ou pittoresco.

Estampo cá uma delias, o caso do cego do Rio Manso. Não é caso comico e não será trágico; duvido, porém, que me apresentem outro mais humano e de tão grande rigor de lógica.

Rio Manso é villoca que os fados plantaram seis léguas além de Itaguassú, cidadezinha onde permaneci tres mezes de consultório aberto.

Parti para Rio Manso — lembro-me tão bem! — bifurcado em aspérrimo sendeiro de aluguel, avatar evidente do Rossinante, salvo o tróte, que o tinha capaz de desconjuntar em pandarecos a nobre vestimenta de lata do manohego. Meu Sancho era o Geremario, excellent cabrocha a quem extirpei uma catarata e que virou desd'aihi o meu fidelíssimo *Sexta-Feira*.

Nem eu, nem elle, conhecíamos o caminho. Não obstante, funcionou Geremario como perfeita bússola, agudíssimo que é o senso de orientação adquirido pela gente da roça no traquejo da vida ao ar livre. A terra é para elles um mappa vivo, e o chão das estradas, um roteiro luminoso.

Conhecem a primor a linguagem dos signaes impressos no solo vermelho — sulcos de carraria, pegadas de animaes, galhos partidos, restos de fogueirinhas, e leem-nos como nós lemos letra de fôrma.

Foi assim que o arguto Geremario, em certo ponto de viagem, murmurou convicto, de olhos postos no caminho:

— Estamos chegando!

Olhei em redor. A mesma murraria desnuda, as mesmas samambaias e nada denunciativo de povoado proximo.

— Como sabe, se nunca viajou destas bandas?

O meu cabrocha sorriu com malicia, e explicou:

— A estrada está arruinando. Estrada ruim, camara municipal perto...

De facto, o caminho bom até alli, principiava a esburacar-se. Puz-me a observar a mudança, rapida transição a peor, até que, dobrada uma curva, de chofre avistei as primeiras casas da villa.

— Não disse? exclamou, jubiloso, o pagem. E' signal que não nega...

Ri-me por fóra, e por dentro admirei a suave ironia daquela agudeza de altos quilates.

Todos os .nossos povoados possuem o mesmo aspecto suburbano — a mesma somatica, como diria o meu velho professor de pathologia, no seu preciosismo de académico *immortal*. O caminho principia a margear-se de casebres humildes, de sapé e barro, com cercas de bambu atrepadas do melão de São Caetano, ou cercas vivas de pinhão do Paraguay, cactus e outras plantas da zona. Aos poucos os casebres melhoram. Começam a surgir casas de telha, já rebocadas, já caiadas; e vendinhas; e tendas de ferradores; e assim vae, em gradação insensível, até virar rua, com passeios, placas engrossativas de coronéis e espaçados lampeões de kerozene.

Também a categoria social dos moradores acompanha tal ascenção. De mendigos, de velhos negros capengas, de sórdidas pretas que se espiolham ao sol — perfeita varredura humana de



entristecedor aspecto — passa a jornaleiros, a gente pobre mas arranjadinha até chegar á "gente limpa". E como a rua, no crescendo em que vae, desfecha em praça — o largo da matriz, com gramados, coreto de musica e casas de commercio, assim as "almas" sobem do mendigo roto ao senhor doutor juiz, ao doutor delegado, e ao excelentíssimo senhor coronel N. N., chefe da politica local, semi-deus, dono e tutú-marambaia da terra.

Ao entrar em Rio Manso, vencidos os primeiros casebres, chamou-me attenção um berreiro. Em certa casinhola fechada ia rolo velho, surra ou briga, a avaliar pelos gritos que de lá partiam.

Não posso ver dessas coisas sem intervir. Parei á porta, com rompante de autoridade e dei com a argola do relho.

—Que é lá isso ahi?

O rumor interno cessou mas ninguém me respondeu.

Nisto approximaram-se alguns visinhos de mãos no bolso, ar velhaco.

—Que terra é esta? Mata-se gente dentro das casas e ninguém se move!...

Retrucou-me um delles:

—Se a gente fosse se incomodar cada vez que o Bento Cégo desce o guatambú nos filhos...

*Guatambú nos filhos... Bento Cego... O caso interessava-me.*

—E' um cégo que mora aqui, o Bento. Elie gosta da sua pinguinha. Bebe ás vezes demais, vira valente e mette a lenha nos filhos. Tranca a porta e é, como diz o outro, pancada de cégo!

Fiquei na mesma e vendo que o sujeito só redizia o já dito, sem lição nova que me satisfizesse, bati de novo á porta com o cabo do relho.

Abriu-ma desta feita um rapazinho, ahi dos seus quatorze annos. Interpellei-o.

O menino, a coçar-se, olhou para a gente reunida atraz de mim e riu-se.

—Bem se vê que o doutor não é daqui. Papai é assim mesmo. Bebe seus martellinhos e quando esquenta a cabeça, o gosto d'elle é bater. "Nós deixa", e até "se diverte" com isso...

Assombrei-me. Um pae cujo gosto é bater na prole e filhos que se divertem com a surra! Mas como cada roca tem seu fuso e eu não conhecia o uso daquella terra, não pedi mais, to-quei para o hotel, vivamente interessado pelo extranho costume daquella familia.

Armei tenda em Rio Manso e puz-me a concertar olhos. Entrementes, enfronhei-me na historia do Bento Cégo.



Nascera arranjado, filho dum fiscal de camara, e quando casou morava em casa própria, legada pelo pae e sita em rua de procissão. Maus negocios fizeram-no perdel-a e passar a rua mais modesta. Vieram filhos, vieram doenças, macacões de toda a especie, urúcas, e Bento, a decahir mais e mais, foi rolando para baixo até acabar cêgo, á beira da cidade, zona da mendicância.

Como e porque?

Era Bento um triste incapaz. Não prestava para coisa nenhuma. Começasse por onde começasse seu destino seria sempre aquelle, acabar na rua, chorando esmolos.

Bôbo em negocios, tinha, entretanto, fumos de finorio. Piscava o olho a cada transação e quando os arregalava via-se logrado, tungado, empulhado, furtado pelos "passadores de perna". Fez-se barganhista e jamais a barganha lhe deu o menor lucro. Começou pela casa. Barganhou-a por outra, muito inferior, tentado pela "volta". Em tres mezes comeu a volta e ficou a nenhum em matéria monetaria. Mas a tentação da volta não o abandonou mais. Iria barganhando e comendo as voltas: solução mirrífica, pensou, piscando o olho. E assim fez. Casão por casa, casa por casinha, casinha por dois carros e quatro juntas de bois, carros e bois por meio lote de burros, burros por dois cavallos, cavallos por uma besta de fama, que fazia e acontecia, e não sei quem dava por ella oitocentos bagos — um negociação, sempre um negociação! A ciganagem espigatoria viu nelle uma perfeita mina, incapaz de resistir ao sêzamo — "volta!"

E tantas voltas deram no pisca-olho que Bento se viu alfim com toda a herança paterna reduzida á mula, que não valia nem metade do preço. O freguez dos oitocentos era phantastico e por muito feliz se deu elle de passal-a adeante por duzentos e sessenta, mais, de choro, uma garrucha de mola partida.

Os filhos, já taludos por esse tempo, puxaram ao pae. Nunca frequentaram escolas, nem queriam saber de trabalho. Não se "sojeitavam". Pelas vendas, atôa pela» ruas, viraram os peiores moleques da terra, e transformaram num inferno a casa do Bento.

Exigências, brigas diarias, palavões immundos e uma lambança das mais sórdidas. E como o pae, frouxíssimo de character, nunca tivesse animo de lhes torcer o pepino, torceram elles o pepino ao pae.

Tratavam-no como se trata cachorro, aos ponta-pés, e por fim, quando a miséria chegou, e faltou um dia feijão á panella, foram ás ultimas — espancaram-no.

Bento não reagiu. Reagir como, se eram tres e elle não chegava a um? Resignou-ae, e os filhos, estimulados por tamanha covardia, entraram a repetir as doses, a amiudarem-na,



até o metterem para alli, num canto, bode expiatorio e armazém de pancadas.

Bento deixou de ser homem. Passou a coisa humana, triste molambo de carne pensante, tímida, apavorada, despresado de todos e com o consolo único do álcool em cujo sopor vivia agora immerso.

Tal situação durou até á venda da besta. Ahi, explodiu. Quando entraram em casa os duzentos e sessenta mil reis, mais a garrucha, o pae annunciou logo que ia applical-os num excelente negocio.

Fartos de excellentes negocios, os filhos oppuzeram-se. Havia que repartir o cobre. Bento resistiu, retezando as vagas fibras de energia restantes em su'alma. Os filhos quebraram-lhe a cara com o cabo da garrucha e fugiram com o dinheiro.

Datou d'ahi a cegueira do homem, do espantamento resultando traumatismo do nervo optico e consequente catarata.

Bento passou a mendigo. Viuvo que era, sem um cão em casa, arranjou um cão, um porrete, um negrinho sarambé ajustado para guia e iniciou vida nova.

Como em Rio Manso não existissem cégos, todos se apiedaram delle. Davam-lhe roupas velhas, chapéus, mantimento e dinheiro — afora consolações verbaes.

Resultou disso vir uma relativa abundancia bafejar seu casobre até alli ninho de miséria absoluta. Chapéus, possuia-os ás dúzias, e de todos os formatos, inclusive cartola! Calças, paletós e colletes, ás pilhas. Até fraques e uma formosa sobrecasaca de debrum vieram enriquecer-lhe o guarda-roupa. Bento dizia:

—Deus dá nozes a quem não tem dentes. Agora que é um corpo só na casa, tanta roupa, até fraque...

Os filhos marotos cheiraram de longe a reviravolta e bateu-lhes a paquera do arrependimento.

Hoje um, amanhã outro, vieram os tres, cabisbaixos, humildos, implorar perdão ao velho.

Que não perdoará um cégo, inda mais pae? Bento perdoou-os e readmittiu-os em casa. A esmola sempre farta havia de dar para todos.

E deu. Nunca faltou, d'ahi por deante, feijão á panella, nem roupa ao corpo, nem dinheirinhos para o resto, inclusive cachaça e fumo.

Milagre! Aquelle homem que de olhos perfeitos jamais conseguira coisa alguma na vida, alem do desprezo do publico e da pancada dos filhos, recebia agora provas de carinho, gozava centa consideração, fazia-se chefe da casa, respeitado, ouvido — e até temido!



Acostumou-se a mandar e a ser obedecido. E não o fizessem! E não o fizessem depressa! Sua mão, outrora tão frouxa, agora dura, esmagava incontinentemente a resistencia. Sua vontade encorpou, enrijou, deitou os galhos da veneta. Até da viuvez remendou-se. Aipareceu logo uma parenta pobre que lhe escreveu propondo morar com elle e cuidar da casa.

Veio a mulher, arrumou-se, deu boa apparencia de limpeza e ordem ao tugurio da lambança e do desmazelo — coisa que a toda a gente causava pasmo. Bento chegou a pensar na aquisição da casinha, apartando vinténs para isso.

Mais tarde, novo parente em petição de miséria veio chegar-se á sua sombra. Um corujão misanthropo que lhe contava lorótas e lia capitulos do Bertoldo e da "Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França."

Bento era fanatico de Oliveiros e nunca admittiu que fosse lida a segunda parte do livro, em que Bernardo dei Carpio vence os doze pares.

— Mentira! Não venceu nada, dizia elle. Veja se um Bernardo, seja donde diabo fôr, é lá capaz de aguentar uma só lambada da duridana! Venceu coisa nenhuma...

Uma nuvem apenas toldava a paz da família restaurada. Bente bebia e se errava de dóse, sorvendo a mais um martello que fosse, esquentava de cabeça. O quadro da vida antiga vinha-lhe á memoria, o caso da besta, a scena da pancadaria, e Bento, com grande furor, apostrophava os filhos criminosos. Em seguida castigava-os. Corria os ferrolhos das portas e, chispando maldições tremendas, deslombava-os á céga.

Os filhos suportavam o tratamento sem a mínima reacção.. Mereciam-no e, além disso, era tão gostosa aquella vidinha esmolenga...

Foi por essas alturas que cheguei a Rio Manso, e o caso do Bento que me interessára á curiosidade desde o primeiro dia, interessou-me depois á piedade.

Resolvi cural-o. Examinei-o e ví que cegára em virtude de catarata de origem traumática, sob forma de fácil remoção. A faca de Graefe punha-o bom em tres tempos.

Propuz-lhe o tratamento.

—Deus que o abençoe! Que vontade tenho de ver de novo o sol! O sol, as côres, as gentes... Só quem perdeu a vista sabe o que valem os olhos. Esta noite sem fim...

—Terá fim a tua, meu velho. O caso é simples e tenho a certeza de por-te sãozinho como dantes. Aprompto-te um quarto em minha casa e só sahirás de lá curado.

—Deus o ouça! Sempre pensei em procurar curar-me. Mas



não havia medico por aqui, era preciso ir longe, viagem cara...  
Se os "videntes" soubessem o que é a cegueira...

"Videntes!" EHe clamava videntes aos que enxergavam...  
Pobre Bento!

—Pois está combinado. Amanhã cedo vaes ao meu consultorio e amanhã mesmo te opero. E verás de novo o sol, as flores, o céu...

A physionomia do cêgo irradiava.

—Sabe o que mais desejo ver? disse, revirando nas orbitas os olhos branquicentos. A cara dos meus filhos. Eram tão maus e são hoje tão bonzinhos...

No dia seguinte, cedo, preparada a ferramenta, fiquei á espera do homem. Oito, nove horas, dez, onze e nada.

—Geremario, apromptaste o quarto do cêgo?

—Não, senhor.

•—Porque? Não te ordenei isso hontem?

Geremario sorriu maliciosamente e disse:

—>O homem não vem, sêo doutor. Vae ver que não vem.  
Pois se a sorte delle é ser cêgo...

Revoltou-me aquelle cynismo de opinião e ordenei-lhe com rispidez que cumprisse minhas ordens sem mais philosophias. E inda de vincos na testa sahi de rumo á casa do Bento.

Encontrei-a fechada. Bati e ninguêem me respondeu. Insistia nisso quando á janella do casebre fronteiro assomou a trunfa duma bodarrona em camisa.

—Pode dizer-me que fim levou a gente desta casa?

—Sêo Bento? Sêo Bento foi-se embora. Alli pelas dez da noite os filhos "vinheram" com um carro de boi e um recado seu.

—Meu!...

—Seu, sim! Que o doutor mandou dizer que fosse já por causa da operação — uma historia cumprida. Sêo Bento trepou no carro, com aquella coruja que móra com elle, mais o leedor de livro, e as roupas, e o cachorro, e o negrinho, e a cacaria inteira. Até uma cartola desta altura levaram! Depois o carro seguiu por esse mundo fóra...

Fiquei aparvalhado, inteiramente desnortado de idéas. A bóda proseguiu:

— Eu bem que vi o que era! Curar sêo Bento! Mas elle só presta porque é cêgo...

Meu primeiro impeto foi dar queixa á policia e disparei para a casa do delegado. A meio caminho, porém, estava arrefecida a inspiração e ao chegar, gelada de todo. Parei-lhe a porta. Vacillei. Em seguida dei de hombros, convencido de que o Geremario tinha razão, e tinha razão a bóda, e os filhos tinham





razão e todo o mundo tem razão. Policia! A policia viria romper ineptamente esse maravilhoso equilibrio das coisas de que resulta a harmonia universal.

Chamei o Geremario. Apareceu-me com ar de quem adivinhou tildo.

—'Ponha o almoço, ordenei-lhe seccamente.

—Sim, senhor. E... e posso desarrumar o quarto?

Olhei bem para elle, inda irritado. Mas a irritação cahiu logo. Que culpa tinha Geremario de conhecer a vida melhor que eu? É banquei o psychologo:

— Não se desarruma o que não foi arrumado, amigo!

Aqui Geremario baixou a cabeça e sahiu.

MONTEIRO LOBATO





## A COMMUNHÃO PAULISTA

*Oliveira Vianna, o grande sociologo cuja obra é a mais seria de quantas se têm etnphecndido cm tomo do problema brasileiro, dá nesta carta, dirigida a Julio de Mesquita Filho a proposito de seu excelente ensaio sobre "A eommmnhão paulista", ha alguns meses publicado no "Estado de S. Paulo", as bases sobre que julga dever assentar-se o estudo da nossa evolução nacional. Nada de preconceitos de escola que forcem por nos encaixar nos moldes de umas tantas leis ditadas por sociologos de gabinete, mas, sim, o estudo acurado do nosso caso particular, em todas as suas faces, por meio de monographias que constituam o material com que amanha traba-lharão os seientistas a quem couber a tarefa de synthese.*

*E', como se vê, todo um programma que o illustre pensador aconselha aos que, como o joven jornalista a quem acertadamente louva, dirige sua attenção para as coisas nacionacs.*

Meu itlustre confrade.

**L**I çom a attenção merecida e com grande prazer a bella serie de artigos, que publicou no *Estado*, sob o titulo expressivo de *A comunhão paulista*. Felicito-o sinceramente pela superior elevação das suas idéas e muito grato lhe fico pelas palavras de generosa sympathy com que se refere aos meus estudos. Nelles o que ha de realmente novo não são propriamente os methodos; eu não faço sinão applicar os velhos processos de observação e experiencia, de comparação e indução, que vêm desde os tempos de Aristóteles e que, systematizados



e accrescitos na sua efficiencia por incomparáveis meios de pesquisas, formam a base da investigação scientifica contemporânea. O que ha de propriamente novo nos meus estudos, meu brilhante confrade, o que ha nelles de propriamente original, é o Brasil — (a grande *novidade*, grande *originalidade*, desconhecida, não só dos estranhos, como também de nós mesmos. O preconceito, que ha cem annos nos domina (conforme demonstrei no volumezinho do *Idealismo na evolução politica*), de que entre nós e os grandes povos modernos não ha differenças essenciaes, nos tem dispensado de voltar os olhos para essa "grande originalidade", que é o nosso povo e que, por isso mesmo, continua inteiramente ignorado. O meu esforço tem sido apenas de revelar alguns aspectos mais impressivos desta "grande originalidade" e mostrar o erro fundamental que se contem naquelle preconceito secular. Só o facto de sermos, como observa o nosso insigne Alberto Torres, o único grande povo situado em regiões intertropicaes, bastaria para fazer com que fossemos um "caso" á parte na economia internacional, constituindo um "problema novo" para todo o mundo, mas principalmente para nós mesmos. Depois, sobre essa differenciação inolvidável, que se prende ás múltiplas e complexas influencias dos factores anthropo-geographicos, quantas outras differenciações de ordem histórica, de ordem economica, de ordem ethnica, de ordem social, de ordem politica! o como tudo isto se combina para fazer dessa massa social, que se estende do Amazonas ao Prata, e tão irregular na sua estrutura e na sua distribuição, uma entidade especifica, única, inconfundivel, sem paridade com nenhuma outra! Insisto sobre isto, porque parece-me ser a base de qualquer movimento renovador, que queira ser fecundo. E como esta concepção da originalidade da nossa formação collectiva, a que eu havia chegado pelo estudo comparativo da nossa estrutura social e da estrutura social dos grandes povos actuaes, coincide com as modernas conclusões da critica scientifica nas suas expressões mais recentes! Termino agora mesmo de ler o bello e forte volume de Lucien Fabvre — *La terre et l'évolution humaine*, que é o quarto volume da *bibliotheca de Synthèse Histórica*, organizada sob a inspiração superior do espirito luminoso e subtil de Henri Berr. E' obra de ha dous annos e nella se compendiam as conclusões da critica scientifica mais recente sobre o conjuncto de ideas, que formaram a base da anthropo-geographia ratzeliana. E a lição que se extrahе de toda essa percuciente analyse da obra de Ratzel e dos seus continuadores é que houve muita generalização precipitada e os grandes quadros schematicos, em que, a escola ratzeliana pretendia encerrar todas as formas da vida social espalhadas pelo globo, não correspondiam á realidade: onde parecia haver a *uniformidade*, o que se descobriu, depois de investigações mais attentas, foi a *variedade*, mesmo entre esses aggregados humanos de estrutura rudimentar, como as hordas selvagens, que enxameiam os sertões interiores da Africa e da Oceania, e que até agora os sociologos, os ethnologos e os géographes julgavam poder aggrupar, na presumpção de que tivessem a mesma identidade de estrutura, sob um mesmo *typo commum*. Cada uma dessas hordas elementares se revelou, de subito, aos olhos dos observadores mais attentos, uma entidade original, distincta pela sua organização das outras com que andava assimillada até então. Se a *variedade* se revela mesmo entre esses pequenos núcleos humanos, tão rudimentares, como são as populações neolithicas da Africa e da Oceania, imaginae agora, meu illustre collega, o que não será para esses grandes aggregados, extremamente complexos, que constituem os grandes povos civilizados!

Diante dessas revelações, aquelles grandes principios geraes, aquellas famosas "leis", que segundo a anthropo-geographia ratzeliana, deviam reger a distribuição da vida humana pelo globo e a apparição e a evolução das formas sociaes, passavam a ficar de quarentena, á espera de que a investi-



gação scientifica, segundo methodos mais rigorosos e prudentes, diga sobre elles a ultima palavra, ratificando-os ou condemnando-os. O que a critica sociologica apurou até agora é que a sciencia ainda não tem elementos bastantes para determinar as leis geraes da evolução dos povos; que tudo quanto se tem feito até agora são generalizações audaciosas, sem base na realidade e não confirmadas pela observação attenta dos factos; que o dever de todos nós, sociologos, historiadores, geographos, ethnologos é, por emquanto, o de estudar criteriosa e objectivamente cada "caso" particular, isto é, cada grupo humano, cada unidade collectiva, ou núcleo social, induzir as leis que regem a evolução desse núcleo ou desse grupo por meio de monographias percucientes, como contribuições elementares e parciaes á grande synthese scientifica do futuro. Presentemente, toda synthese geral é prematura. O grande dever das actuaes gerações é trabalhar de maneira a aparelhar ás gerações do futuro com os meios para a realização desse grande objectivo. Para nós, no tocante á nossa contribuição para esse supremo objectivo das sciencias sociaes, o que devemos fazer é, pois, o estudo *monographico* do nosso núcleo nacional, procurando descobrir as leis que regem a sua evolução e as que regulam a sua actividade funcional, e revelando o que ha nelle de especifico e original. Que em cada recanto do globo, onde exista um povo ou uma nação, as suas elites estudem o seu grupo nacional — parece ser a palavra de commando da Sciencia aos pensadores de todo o mundo. Obedeçamos, pois; e, ao envez de querer metter, á viva força, o Brasil dentro de uns tantos quadros schematicos de suppostas leis evolutivas da humanidade, contentemo-nos de estudar carinhosamente o *nosso* grupo nacional e saber quaes as leis da *nosso* evolução collectiva. E' já utn grande esforço, obra para algumas dezenas de cerebros fortes e (como me parece haver demonstrado no meu pequeno ensaio sobre o *Idealismo politico*) de immensos resultados práticos.

Comprehende, pois, meu brilhante confrade, o vivo contentamento que senti, quando, lendo o seu bello estudo, pequeno, mas agudo, sobre a "Comunhão paulista", vi-o também empenhado nessas arduas preocupações de estudar o nosso problema brasileiro no grupo regional mais tipicamente representativo das grandes qualidades da nossa gente: o grupo paulista. Dá-me o seu brilhante ensaio a grata revelação de que S. Paulo se orienta no bom sentido das preocupações de ordem pratica, isto é, no sentido daquillo que chama "a-ratificação histórica da acção do bandeirante". Eis ahí uma bella phrase e não sei de outra que tão elegante e compendiosamente exprima a intima e complexa significação do phenomeno paulista contemporâneo.

Espero que não pare neste pequeno ensaio e continue as suas investigações. Não me cansarei de dizer-lhe, entretanto, que deve confiar muito mais na sua bella intelligencia do que nos livros. Os livros são excellentes fontes de suggestões ou valem como meios de confronto ou reforço das conclusões a que chegamos pela observação directa e pessoal da realidade; mas, também trazem a essa observação o perigo das ideas preconcebidas e das *arrières pensées*, que perturbam a justa percepção da cousa como a cousa é. E' preciso cuidado de evitar esse escólho e o melhor preventivo é a confiança profunda na nossa própria intelligencia, isto é, a certeza intima de que todas as vezes que, defrontando a realidade, a interrogarmos com insistência, cila sempre acaba por nos revelar o seu segredo.

Creia sempre, meu illustre confrade, na grande sympathia e sincera admiração do seu muito affectuosamente

OLIVEIRA VIANNA.

Campos do Jordão, 19 — 2 — 923.





## TRES DOCUMENTOS INÉDITOS SOBRE BRAZ CUBAS

---

**P**OR incumbência tio Snr. D. Fedro Eggerarth, inteligente e dedicado Abbade do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, procedemos á reorganisação do Archivo desse Mosteiro pondo a bom recato uma grande copia de documentos interessantes não só para a historia da sua ordem como também para a historia patria.

Entre os documentos que restauramos e deciframos figuram tres que dizem respeito a Braz Cubas, o fundador da cidade de Santos e que vamos transcrever accrescidos de algumas annotações que lhe fizemos.

Todos os documentos estão em original e, possivelmente, passaram para o patrimonio do Mosteiro por intermedio de Simão Miachado primeiro proprietário da sesmaria de Angra dos Reis cujas terras foram doadas por esse fundador aos Benedictinos para instituição do Mosteiro daquella cidade.

### PROVISÃO SUSPENDENDO BRAZ CUBAS DO CARGO DE PROVEDOR DA FAZENDA REAL

Christovão de Barros, fidalgo da casa dei rei nosso senhor, provedor mór da sua fazenda em toda esta costa do Brasil: Mando a vos Simão Machado que tanto que esta minha provisão vos mostrada for que por virtude delia logo suspendais e hajais por suspenso a Braz Cubas, provedor da fazenda dei rei mosso senhor que ora serve nessa capitania de S. Vicente e S. Amaro os ditos seus cargos, por tempo de dois annos conforme é uma sentença que com esta vae e entre tanto que toca ao serviço dei rei nosso senhor, que vos sirvaes os ditos cargos do dito provedor Braz Cubas e entendais em todos os negocios da fazenda do dito senhor e no que cumpre a Doa arrecadação delia, tudo fareis para a boa arrecadação delia até se mandar o contrario. Pelo que mando e notifico a todas as pessoas e officiaes da fazenda do dito senhor, da dita capitania de S. Vicente sirvão ao dito Simão Machado os ditos cargos como dito é com todos os proes e preçalços pertencentes aos ditos cargos. E esta será registrada no livro da fazenda do

Sul e haverá juramento para que bem e fielmente sirva os ditos cargos, guardarão em tudo a el-rei nosso senhor seu serviço nessas partes bem direito; do qual juramento se fará termo nas cartas desta cumprindo e al não façais. Dada nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, sob meu signal e sello das minhas armas. E eu Helioro Eobano escrivão da fazenda o mandei escrever hoje nove dias de janeiro de mil quinhentos e setenta e nove artnos. Por nada

*Christovam dc Barros*

PROVISÃO NOMEANDO SIMÃO MACHADO PROVIDOR DA  
FA/ENDA REAL E OUVIDOR EM S. VICENTE

Christovam de Barros fidalgo da casa dei rei nosso senhor, provedor môr da sua fazenda em todas estas partes do Brasil. Mando a Vos Simão Machado que ora estaes de provedor da fazenda do dito senhor na Capitania de S. Vicente que eu liei por serviço de S. A. que sirvae o dito cargo de provedor enquanto Braz Cubas não mostrar melhoramento da sentença que contra elle dou e o contrario não resolva o desembargo do dito senhor ou mande, os cargos de provedor e ouvidor geral nas ditas partes, sem embargo da provisão que lhe passei no Rio de Janeiro, por quanto não de o melhoramento da sentença nem provisão, o dito ouvidor. Cumpra-se e al não façais. Sem duvida que vos a faça e seja posta. Dada nesta cidade do Salvador s b meu signal e sinete de minhas armas aos 9 de novembro de 1579.

*Cliristovaw de Barros.*

---

NOTA A sentença a que se refere a primeira provisão e por onde se poderia saber a razão pela qual Braz Cubas foi castigado com a suspensão do cargo, estava de tal modo corroida pela traça que pulverisou-se quando tentamos desdobral-a para a respectiva leitura.

No verso dessas provisões estão os lançamentos de registo e despacho de Simão Machado ordenando a intimação de Braz Cubas.

CARTA DE D. PEDRO LEITÃO a BRAZ CUBAS

Muito folguei por novas de V. M. muito mais vendo como esta para edade tão madura e acompanhada de honra tão pontuosa nas causas que pertencem a ella, pais a V. M. offenece a tantos trabalhos e impeto de amigos em tempos que ha de repouzar dos que acceptou a fresca idade, e me lembra muito bem. Me parece aguardar ahi jwr D. Luiz pois creio porque pela idade, honra e pessoa de V. M. aver de ficar penhorado e muito, vendo, por partes tão remotas estranhos homiens que para a conservação da cidade de S. M. são tão primos e naturaes na lionra que offerecem á vida a tanto perigo e á idade como a de V. M. A provisão a mando da mesma maneira que m'a mandou pedir. Folgava ser cousa maior porque se declarava no que desejo fazer e sentirá que pretendo servil-o sendo a tudo obrigado por merces e honras mil que me ha feito. Occupe-me porque em todo o tempo serei igual na vontade pois me acompanha a rtiemoria do que



me fez v. m. cuja vida N. Sor. por muitos annos prospere e a do Snr. Pedro Cubas. Desta cidade, oje 4 de novembro de 1570.

*Pedro, Bispo do Salvador.*

Escripta de nossa mão.

Ao muito nobre provedor snr. Braz Cubas Cavalheiro fidalgo da Casa dei Rey nosso Snr.

NOTA O autor desta carta D. Pedro Leitão, segundo bispo do Brasil, chegou á Bahia em 9 de Dezembro de 1559 e em 1567 seguiu para S. Vioente em companhia de diversos jesuitas onde iam, como visitador, o padre Ignacio de Azevedo, provincial, o padre Luiz de Gram e o padre José de Anchieta. Nessa visita ficou assentada a fundação do collegio da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro sendo designado para superior o padre Manoel da Nóbrega.

E' interessante que o bispo, referindo-se a Braz Cubas em 1570 o julgue em idade tão madura; entretanto, pelo que se sabe, seu fallecimento occorreu 29 annos depois, em 1579, quando elle estava em vespera de attingir o centenário.

Nessa carta falla-se de um D. Luiz de modo tão especial que parece referir-se a D. Luiz de Vasconcellos nomeado governador geral em substituição de Mem de Sá e que falleceu no mar nos primeiros dias de setembro de 1570 quando em viagem para o Brasil afim de assumir o seu cargo.

#### PROVISÃO QUE O BISPO DO SALVADOR PASSOU A BRAZ CUBAS PARA FAZER UMA ERMIDA

Dom Pedro Leitão por merce de Deuz e da Santa Sé Apostolica de Roma bispo da cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos destas partes do Brasil commissario geral por autoridade apostolica em todas as capitánias e lugares desta costa do Brasil e da Conselho d'el rei nosso senhor. . . Fazemos saber que por Braz Cubas cavalheiro fidalgo da casa d'el rei nosso senhor, provedor e contador da sua fazenda na Capitania de S. Vicente e S. Amaro nos foi feito petição dizendo que elle por sua devoção queria fazer sua ermida da invocação da Madre de Deus no arrabalde da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro no Rio de Janeiro onde chamam Acubai a qual ermida queria dotar renda com que se possa sustentar para o que nos pedia lhes dêssemos nossa licença, pediu-nos mais que possa nella levantar altar e que se dissesse missa e que queria que quando fizessem maior igreja que elle com filhos e genros se pudessem enterrar na cápella della e outrosim nenhuma pessoa assim ecclesiastica como secular o não pudesse fazer, somente elle com seus filhos e que. . . visitar a dita ermida e puder gozar todas as indulgências que sua santidade nos concede, o que visto por nos e havendo respeito a ser terra pouco povoada e não haver nella outra ermida para que a devoção dos christãos que nella vivem seja causa para que o gentio folgue lhos emitir, havemos que o supplicante possa fazer a dita ermida no dito lugar com altar e que possa dizer missa e que na capella se não passam enterrar outra pessoa nenhuma, somente o supplicante como por elle é pedido, e, como a faz a sua custa a qual elle será obrigado de dotar lhe causa com que se possa sempre sustentar e concedemos a todas as pessoas que visitarem a dita ermida todas as indulgências que

S. Santidade nos concede e assim as que temos por vias do ordinário e temporal. E que o supplicante possa pedir ou mandar pedir esmollas para a dita ermida na dita cidade e pelas capitánias da dita costa, e mandamos que na capella da dita ermida que elle se possa enterrar com todos seus filhos e não outra nenhuma pessoa como atraz está declarado; para o que lhe mandamos passar esta nova provisão. Dada nesta cidade de S. Salvador sob nosso signal e nossas armas aos 24 dias do mez de outubro. Miguel Luiz Christovam a fez, Anno de 1570. P.º Bispo do Salvador.

Sello

Cumpra-se esta provisão do Snr. bispo conforme nella se contem a 6 dias de ..... 1570 annos — *Aff.' de Alvarenga.*

NOTA São bastante vagas as indicações para identificação do local onde assentou essa ermida.

A única referencia que se aproveita da provisão é a do arrabalde Acubay onde se erigia a capella, mas essa denominação não alcançou nossos dias.

Fora da provisão ha outros elementos que poderão mais vantajosamente encaminhar essas indagações e são:

1) auto de posse e demarcação da sesmaria de Manoel de Brito de Lacerda e 2) a existencia de uma capella consagrada a N. S. da Madre de Deus no morro da Providencia também conhecido com os nomes de Favella, Livramento e Madre de Deus.

A posse e demarcação da sesmaria de Manoel de Brito teve lugar em 7 de outubro de 1568 perante o juiz Antonio de Maris, servindo de escrivão Manoel Gomes e de testemunhas Pedro Lopes e Antonio Proença. O perimetro demarcado com as denominações modernas é o seguinte: rua Theophilo Ottcmi, Ourives, Marechal Floriano, Camerino, Vallongo e Municipal em seu prolongamento até o mar que era contornado até frontear a rua Theophilo Ottoni.

A esse acto esteve presente Braz Cubas, com quem as terras confrontavam — "ante Braz Cubas com quem dito Manoel de Brito parte ellcmita" — diz o termo.

Braz Cubas, como é sabido, possuia no Rio de Janeiro duas sesmarias, uma em Merity e outra na parte urbana da cidade e que extremava, do lado de Sul, pelas proximidades da actual rua Sete de Setembro confrontando ao norte com a sessmaria de Manoel de Brito. Não se sabe até onde extendia-se o fundo dessa sesmaria, mas é provável que ella se prolongasse até as proximidades do actual Campo de Sta. Anna, para dahi proseguir até o mar, na Gamboa, de modo a ficar no âmbito da sua concessão, no todo ou em parte, o morro da Providencia, talvez o Acubay quinhentista.

Pedindo licença para a erecção da ermida e dispondo de terras para seu assento, é obvio que fosse na sua propriedade, e não na alheia, que elle tratasse de construí-la, e, coincidência ou evidencia, o facto é que ainda hoje, nesse morro da





Providencia existe uma Capella dedicada a N. S. da Madre de Deus, situada no alto da ladeira desse nome, que tem começo na rua do Vallongo, já assignalada como linha divisória entre Braz Cubas e Manoel de Brito.

Contrariando essas observações sobre a origem da ermida encontra-se na obra intitulada "Archidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro" do arcebispo Antonio Ferreira dos Santos, o seguinte: "N. S. da Madre de Deus, edificada na quinta do Vallongo por provisão de 13 de Junho de 1733. Está profanada ha muitos annos e pertence a particulares". Essa provisão, porem, tanto poderia ter sido lavrada para restauração da primitiva igreja, então desaparecida pela acção do tempo, corno para a construcção de uma nova.

GENTIL MOURA.

*i*





## VERSOS

---

6Prte      cie      amar

*Se em qualquer fase da vida  
O amor, por esconso estreito,  
Quiser entrar o teu peito,  
Dá-lhe amorosa acolhida.*

*E confiada na fortuna,  
Vê como elle se comporta,  
Mas não lhe feches a porta,  
Como á visita importuna.*

*Se for quente e, porventura,  
Te exigir afagos quentes,  
Não finjas que lhe não sentes  
A gostosa calentura.*

*Se no amor te mostras fria  
B os clamores não lhe escutas,  
B's como um pomar sem frutas  
Que dá sombra e não sacia.*

JULIO CESAR DA SILVA.



## Portico

Druida absorto ante a tosca, imovel ara,  
O estatuário, sóffrego c fremente,  
Vendo o bloco de rude pedra, sente  
Extranha chama interna. Pensa c pára.

Molda cm seguida a estatua, linda c rara,  
Com tanta perfeição e tão paciente  
Que, sendo de granito, simplesmente,  
Parece ser de marmore-Carrára.

Assim, divino artista da palavra,  
Molda também a tua estatua, em verso  
Original, e as formas pulchras lava.

Que todos sintam forte c novo aroma  
E possam ver-te magico c diverso  
Na opulência c na musica do idioma.

Pará.

REMIGIO FERNANDEZ.





## CRÓNICA DE ARTE

### CONVALESCENÇA

**E**STOU melhor. Obrigado. Um pouco fraco. Ainda não rae reconheço bem. Minhas mãos têm como que uma vida particular, unicamente delas. Ainda não voltei a essa integração de mim mesmo, que é a misteriosa faculdade pela qual a saúde nos veste, sem que demos por ela. A saúde é uma aspiração boa, envolvente, promanada de nós quando estamos sãos. E, como no ectoplasma, aparição que só aos outros é dado perceber. Mas estou muito pobre de forças. Convalesço. Não sou bem eu. Meus sentidos jazem muito longe uns dos outros. Não se podem corresponder. A convalescença não é mais do que isso. Parte-se por aí, num passeio quasi sem vontade, a colher no vasto rosal das sensações, os sentidos, a memória, a razão, a imaginação, a consciência — flores dispersas com as quaes comporemos de novo o ramilhete da personalidade. Olhos. Encontro-os de novo! De abertos e fixos que estavam, pela febre e pela dor, movem-se agora, húmidos de reconhecimento, a seguir um vulto na penumbra quente do quarto. Oh! meus olhos... Depois, muito reptil, prégio de rua rasteja até junto de mim. Oh! meus ouvidos... Quasi um desejo de sair... Dansar o one-step das caminhadas pelas ruas... Viver de novo. E rapidas, aperiivas, as memórias desenrolam em mim o itinerário da vida. Si me levantasse? O pijama lavado, rescendendo a cheiro fresco da madeira das gavetas, me ensalma a pele, envolvendo-me numa calma florestal. Si fosse rico meus moveis seriam de sandalo, como os do Sardanapalo de Luis Delfino. Oh! meus desejos. •• Os pés tacteiam enfim, amorosos, ..sensualmente, o chão. E' bom andar! Sinto que recusaria agora um passeio de automovel. Após a **imobilidade** vegetal com que a doença me puniu, vago dentro de mim êste orgulhozinho de mover-me por mim mesmo. Ando pela casa. E enquanto os que me cercam se preocupam de verificar os prejuizos que sofri, todo me entrego à observação dos meus ganhos sobre a fraqueza. Caminho. Pelos vidros da janela percebo um vento embaçado, rolando sobre a cidade. O frio, la fora, como um jacaré inofensivo, está a dar botes nas paredes exteriores



da casa. Procura uma fenda por onde entrar. Sorrio. Não entrarás, Fafner de papelão! Mas começo a crer que estou cansado. Todo convalescente anda pouco... Sem dúvida estou muito cansado. Procuo alguém para me queixar da fraqueza. Ninguém. Um despeito faz-me dizer dos meus que são uns ingratos. Deviam rodeiar-me de mais carinho, assistência. Em vão qualquer demonio-da-vaia me segreda a desimportancia, o passageiro do mal. Não posso estar fraco nem cansado, com apenas tres dias de cama. Mas é preciso sempre exagerar para bem sentir. Os meus são uns ingratos. Si caísse? Ninguém para me erguer. Vou me sentar numa poltrona. Com efeito: não me cansara. E me ponho a sorrir de mim mesmo, muito bondoso, carinhoso para mim.

A gente faz sempre das convalescências um exagero sentimental. Brinca-se com a doença. A morte já está longe; muitas vezes nem mesmo se deu ao trabalho de pairar sobre o tecto... Nós é que, num desperdício de sensibilidade, lhe imaginamos o cariz desabrido da frincha das portas abertas sem rumor. Afora essa integração de forças e faculdades, que faz a realidade do convalescer, esforçamo-nos, como que por um anseio artístico, a criar a parte divertida da convalescência. Estou quasi a afirmar que esta é também em grande parte o que os estetas chamam um jôgo. Carlos Lalo, no seu ultimo livro, diz que, ao contrário da vida pública, da vida religiosa, a vida familiar não tem jogos e que por isso a arte se tornou o jôgo de familia. Ora encontro uma quantidade de jogos, divertimentos familiares, instituídos por essa mesma necessidade de exercer e treinar as forças pelas quais a familia vive e se manifesta. Entre êstes jogos alguns são perfeitamente claros: o noivado, os anniversarios de toda casta, as visitas. A convalescência também em grande parte é um brinquedo. A gente se diverte a recriar o perigo, a reunir parentes, amigos, e a activar por meio de exageros de moléstia ou actos de extravagancia, cuidados, sustos e habilidades familiares. Além disso, o convalescente brinca consigo mesmo, já por essas manifestações, já porque negaceia a vida. O mal partiu. As energias voltam celeres. E o convalescente se faz de rogado. **Cede** á alegria da saúde. Mas cede aos poucos. Cede negando. Porque? Por jôgo. Esporte. Treino.

Outro efeito curioso das convalescências é a ressurreição de bondade. Sem dúvida ha convalescentes rabugentos, principalmente entre os velhos. Mas não será porque a convalescência desperta nestes a idea de vida grande por viver e porque sabem que para êles isso é uma illusão? Então irritam-se. Têm pressa. Tornam-se impacientes. Rabugice. Mas geralmente só depois de 45 anos. Antes não. A gente sente-se muito bom, disposto a perdoar, a reconciliações. Em mim essa bondade se manifesta principalmente em relação ao passado. A doença é um eclipse na vida. Lacuna que soluciona a continuidade de ser. Recomeçar. Convalescer. Mas ninguém vive sem passado. E' preciso ligar de novo o fio telefonico que a doença partiu e pelo qual as fontes tradicionais nos sussurram á alma o mistério das volições. **Penetrei-me** de passado, lendo, não os imensos, os génios (que êstes são sempre presente, e leitura cotidiana) mas os de menor grandeza, borboletas dum só dia. Os génios são muito pessoais; sua classica universalidade é demasiado orgulhosa pela rudeza e vulto das lições que apresenta. Não quadram os génios com minhas convalescências. Os outros, pelo brilho menor e mais transitorio que fagulham, possuem melhor campo onde a bondade se exercite.

Chegando a esta leitura de scisma, ponho-me a pensar que as convalescências não pertencem unicamente a doenças físicas. Ha também as convalescências espirituais. O incidente futurista no Brasil... Esse periodo terrível que vem desde meados de 1920 até a Semana de Arte Moderna,



Fevereiro, ainda Março de 1922, não foi senão uma doença grave, gravíssima, que alguns espíritos moços brasileiros sofreram. E que febres 1 delírios 1 Houve exageros? Houve. Depois veio a convalescência. Continuam os exageros? Continuam. Mas têm outro aspecto e, principalmente, outra essência. O abandono brusco de certos preconceitos, que durante muitos anos foram nossa fé, a luta interior entre eles e os novos preconceitos, o insulamento em meio á desestima geral criaram as febres dos primeiros exageros. Que eram estes? Delírios infecundos. Propositadas quebras da verdade tradicional, só para enraivecer adversarios porvindouros; tristeza desesperada, iconoclasta; mania de perseguição em que viamos (vi) na lingua indefesa, na patria indiferente, inimigos que eram apenas moinhos de vento. D'aí esse ferir o idioma, desarticulando-lhe a donairoza proceridade; d'aí essas cargas contra os mestres do passado e raivas contra a terra — acolhedora e reconciliadora final de futuristas e passadistas. Tudo exageros infecundos. Delírios de febre. Agora é a convalescência. De novo a calma. De novo a bondade. Os novos exageros se justificam. Dela procura de expressão. Fecundidade. Recolhemos os pesados calhaus que atirámos aos ídolos do passado; e com eles fazemos os buris, os escopros, antes machados de pedra, com que desbatar no vasto paredão do tempo o novo ídolo pôr adorar. Assim: é o esboço dessa escultura que aparece aos vinhos como exagero. São tendências, esforços, soluções, algemas logo abandonadas, outras em evolução. Si em tudo isso muitos veem exageros, a culpa não é nossa, é do vesguear desses muitos. O seu ídolo deles é diferente do nosso. E'. Mas nem por isso é deus único. E, em nossa convalescência, não cretinos, nem ignaros, apenas araras os que afirmam nos apliquemos a destruir a enfeitada Vénus vizinha. Agora é Dionísio, dorico e primitivo, que desenha no granito as formas asperas e sem riqueza.

No vasto paredão do tempo os ídolos de arte, esculpidos pela ilusão humana, não se superpõem, sucedem-se. Não é preciso destruir o baixo relevo que representa o Buda duma época, para sobre o esqueleto encarnar feições aztecas de Tezcatlipoca. Seria isso *continuar parado* no mesmo lugar e mesmo tempo. Já o percebemos muito bem, e que no paredão havia mais espaço livre para construir, ao lado de parnasianismo e simbolismo, a jovem Isis-Polimorfa na multidão de Kas diversos, criados pela inquietação contemporânea. E olhamos as estatuas divinas ficadas atrás, junto ás quais nossa mirra não fumeja ou nosso joelho se dobra, não mais para lhes atirar pedrouços improficuos, mas para, em nossa bondade convalescente, amar-lhes a lição de erros e conquistas.

Repor-nos-emos assim dentro do tradicionalismo, sem o qual ninguém vive. Tradicionalismo brasileiro? Também. Porque não? pela penetração panteísta da terra, pela compreensão histórica da raça e pelo servir-se duma lingua, evolutiva, sem dúvida, mas sem exageradas deformações. Nosso tradicionalismo, porém, será principalmente humano e universal. A guerra esgotou nos peitos *modernos* a fonte das rivalidades. E a juventude verdadeira, de todos os cantos do mundo, sem abandonar o conceito de patria, quer transcender o limite as propriedade-strictas, para amar o homem em sua humanidade. Bondosa convalescência! Por isso o elo que nos ligará ao passado é mais uma evolução que continua tendências universais, generalizadas ou generalizáveis, pelas quais, sem abandonar as características raciaes, nos universalizaremos. Russos, espanhóis, chins, tupinambás.

No Miarne, preparado para o combate, cantava o poeta alemão Guilherme Klemm —:



"Meu coração sente-se tão grande como Alemanha e França juntas!"

Será preciso ver em nosso tradicionalismo, mais do que a evolução do passado artístico legado ao Brasil por Bilac, Francisca Julia, Raymundo, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, o desejo de universalização de corações tão grandes como todas as pátrias juntas. Minha pobre modéstia l...

Ha de facto em nosso *futurismo* quebra de evolução brasileira. E' que, coisa mil vezes dita, durante quasi século, com vários lustros de atraso, fomos uma sombra de França. Sombra doirada. Sempre sombra. Nós, os modernistas, quebrámos a natural evolução. Saltámos os lustros de atraso. Apagámos a sombra. Mas somos hoje a voz brasileira do côro "1923", em que entram todas as nações. Poderia documenta-lo. E por isso a solução de continuidade na tradição artistica brasileira. Nem o grande Cruz e Sousa e um ou outro decadente simbolista, bastam para justificar nosso presente. Ha, confesso, uma quebra pela qual, aos vesgos, somos chocantes e aparentemente exagerados. Como do academismo e impressionismo anafados evolucionar para Anita Malfatti, num pais onde não ecoaram as pesquisas de Seurat, van Gogh, Cezanne? Como de Bernardelli evoluer para Brecheret, sem Metzner, Müllers, Mestrovic? Hiato. E a grita aflita dos araras. Será preciso noutros países buscar nossa evolução. Mas nem por isso deixamos de ser a voz brasileira no movimento que hoje se desenha universal. Movimentos assim avassaladores são raros. Renascença. Romantismo. E, em grande parte pela facilidade de comunicação e rapidez actuais, verdadeiramente universal, só o Futurismo, tão mal crismado quanto os outros. ... não é verdade que são lindos estes versos de Luis Aranha?

"A Terra é uma grande esponja que se embebe das tristezas do universo. Meu coração é uma esponja que absorve toda a tristeza da Terra." E as alegrias, os anseios também. Palavra!

MARIO DE ANDRADE





## ASPECTOS MODERNOS DA ALIMENTAÇÃO

**D**A attitude pessimista em relação ao progresso científico em geral, e especialmente da biologia, origina-se uma illusão muito frequentemente. Muitos bons espiritos supõem, por exemplo, que o grosso das leis descobertas por essa sciencia já era conhecido desde remotos tempos. Se assim é, raciocinam elles, e se os sábios já estão armados ha muitos séculos de poderosos meios de investigação, porque ha tanto mysterio ainda relativamente ás funeções dos seres organizados? Porque os clinicos e higienistas estão ainda tão embaraçados com a cura e a prevenção dos males? A resposta, concluem triumphantemente, é que innumerous desses problemas são eternamente indecifráveis, e a promessa de resolvel-os é apenas um engodo ao qual se atiram os poucos sagazes.

Tal attitude, muito commum nas intelligencias impregnadas da crença ingenua de que a humanidade teve um periodo áureo de classicismo no qual attingiu o extremo limite do conhecimento, é francamente contraria á realidade dos factos. A *élite* humana, depois de ter mergulhado durante millenios em cogitações de philosophia e de arte úteis sem duvida porque impulsionaram irresistivelmente a evolução mental da especie, só ha pouco mais de um século é que quiz ou, melhor, que poude começar a estudar seriamente a vida. Basta dizer que foi Lavoisier o primeiro a revelar a natureza dos actos chimicos elementares da respiração. Basta dizer que na medicina, a idéa de collocar o ouvido ao peito de um doente, para descobrir pelos ruidos escutados os signaes de doenças, só occorreu algumas décadas depois a Laennec.

Desde então, que maravilhoso progresso! Os 'espiritos vitaes' que a physiologia antiga fazia entrar no corpo humano e delle sahir alternativamente, como numa casa mal assombrada, foram rechassados definitivamente, e se começou a procurar uma explicação natural para os phenomenos biologicos. "A vida é uma funeção chimica", disse o proprio





Lavoisier, e mesmo hoje não é necessário corrigir essa definição, desde que se subentenda que, ali como alhures, a chimica é apenas um pseudonymo da physica.

As descobertas se precipitaram na segunda metade do século passado, e, á sua luz, o organismo sãe e o organismo doente iniciaram ao mesmo tempo a entrega dos seus recônditos segredos. O impulso continua no momento actual com toda força e nem mesmo a tragica estupidez de 1914 conseguiu moderar o entusiasmo juvenil da biologia, que julga ser possível em um futuro embora distante, supprimir a fraqueza de vontade na descendencia dos actuaes rebanhos humanos, e impedil-a assim de caminhar acovardada para a destruição e a morte.

### O SURTO DA HYGIENE

A sciencia da prevenção tem se aproveitado de todos os conhecimentos accumulados, e seria impossivel resumir aqui todas as grandes victorias que ella vem alcançando nesta ou naquelle cidade, desde 1900. A lucta contra as doenças infectuosas apresenta já episodios brilhantes, deante dos quaes o scepticismo se torna incomprehensivel. A estatistica prova além disso que a média da vida humana já está se prolongando sensivelmente nalguns logares de elevada cultura, onde todas as empresas publicas e particulares do bem estar geral estão conjugando os seus esforços em prol da saúde.

Ha ainda immensas cousas a descobrir e a fazer. Mas está generalizada entre os investigadores da hygiene a convicção de que, se fossem mais divulgadas as leis por elles descobertas nos últimos annos, o progresso e a felicidade humanas tomariam um impulso incalculável. Nos grandes paizes a preocupação maxima das forças devotadas á saúde publica é, pois, propagar essas leis, por sobre as muralhas dos preconceitos e da incompreensão. Será difficil entre nós tornar clara a importancia desse trabalho. ]orque innumerous profissionaes da medicina estão apegados á velha idéa de que a *hygiene é uma simples questão de bom senso*, e sorriem quando se falia do immenso esforço mental que os povos mais cultos estão empregando no estudo dos seus problemas. Entretanto, em qualquer campo restricto da hygiene, como por exemplo, no da alimentação, a investigação scientifica está operando revoluções. Vejamos apenas uma delias.

### OS FACTORES ESSENCIAES NA ALIMENTAÇÃO

As proteínas são, como todo o mundo sabe, substancias azotadas que fazem parte essencial de todas as cellulas dos seres organizados, vegetaes e animaes. Entretanto, só no século passado, a chimica, tendo á frente Liebig, o sábio que deu o grande impulso a essa disciplina na Allemanha, iniciou o estudo delias nos alimentos e nos tecidos.

Como, porém, essas substancias, muito complexas, se acham constituídas, e como ellas são modificadas nos alimentos durante a digestão—isto, por mais incrível que pareça, só vem sendo verificado, com exactidão, ha pouco mais de duas décadas l

A mais extraordinaria de todas as surpresas porém nesse terreno é que, se interrogarmos a muita gente culta sobre quaes as substancias alimenticias necessarias ao nosso organismo, a maioria enumera, sem hesitação, seguindo a lição dos velhos compêndios:



Saes  
Agua  
Gorduras  
Hydratos de carbono  
Proteinas

Ora, existe nesta resposta uma falha enorme. A chimica biologica provou á saciedade, nesses últimos dez annos, que existe uma sexta classe de substancias absolutamente indispensáveis á nutrição, ás quaes se deu o nome de *vitaminas*. Nome improprio, porque prejulga da composição das mesmas, a qual, não c ainda determinada. Já agora, porém, será difficil de fazer aceitar a sua mudança.

A descoberta dessas substancias não alterou em nada o que se sabia sobre a necessidade que temos das outras. As plantas formam as suas proteinas, hydratos de carbono, gorduras e saes com os elementos que extrahem do solo e do ar. Os animaes, não; são incapazes disso, e, portanto, ficam obrigados a recebel-os, já synthetisados, dos tecidos dos vegetaes ou de outros animaes.

E' corrente a comparação do organismo animal com o motor de um auto-movel. O machinismo do motor é formado por proteinas, saes e agua. As necessidades do augmento dos tecidos, na idade do crescimento, e os estragos do machinismo no uso diário, são attendidos por novas doses de proteinas, de saes e de agua. O combustível, isto é, a gazolina, é representado nos hydratos de carbono, nas gorduras e também em parte das proteinas ingeridas. Todas essas tres substancias oxydando-se no organismo desprendem a energia solar que as plantas nellas havia accumulado.

As vitaminas seriam as scentelhas electricas que determinam a explosão da mistura de ar e de gazolina.

Trata-se aqui de uma comparação grosseira, que pretende apenas fornecer um schema, fácil de guardar no espirito, da maneira pela qual a physiologia concebe o papel dos alimentos no organismo.

Antes de proseguir, façamos um parenthesis. Entre nós muita gente ha ainda que fica horripilada com essas imagens da vida, por achal-as muito *materialistas*. De começo, digamos que a palavra *materialismo* hoje não tem mais propriedade desde que os physicos modernos desfizeram o átomo em electrons, e encontraram que est's são constituídos por... movimento, isto é, que são immateriaes. Em segundo logar, quando se compara, por exemplo, o cerebro humano com um motor, nesta comparação estão naturalmente implicitas duas idéas: *primeiro*, de que tal motor tem a sua estrutura transmittida *quasi sempre* por hereditariedade; *segundo*, de que essa estrutura gosa da facultade maravilhosa de evoluir e de se aperfeçoar atravez das gerações. Só isso abre uma perspectiva infinita ao idealismo.

Assim, pois, procurar a força numa alimentação sadia, numa vida hygienisada, nada tem de sacrilego, e representa a melhor prophylaxia da degeneração humama e do predomínio dos instinetos inferiores.

#### AS PESQUIZAS MAIS IMPORTANTES

Sabido que os alimentos commummente usados pelo homem são em geral de uma composição chimica complicada e contêm misturados proteinas, hydratos de carbono, gorduras, etc., era natural que os pesquisadores se puzessem a investigar se era possível viver ingerindo essas substancias extrahidas dos alimentos, em estado de pureza chimica. Os estudos começaram mais ou menos em 1909 com Stepp na Allemanha, e Hopkins na Inglaterra. Eni

seguida, de 1912 até agora, têm sido effectuados, com mais intensidade, por McCollum, Osborne e Mendel, nos Estados Unidos.

As experiencias foram feitas com animaes pequenos, como ratos, cobavas, aves, etc., porque só com estes seria fácil obter uma dosagem rigorosa na alimentação, e ao mesmo tempo avaliar os effectos do regimen por um espaço grande da vida. Sabe-se aliás que sem a experimentação em animaes o edificio de toda a medicina moderna não teria actualmente nem os alicerces...

Os resultados foram tudo o que ha de mais surpreendente: havia uma parada de crescimento caso os animaes fossem ainda novos, havia também perda de peso em todas as idades, apresentavam-se diversas outras manifestações mórbidas, e por fim a morte. Mas, se no curso da experiencia os animaes recebiam, além das substancias purificadas, manteiga, farello de cereaes, ou extractos desses alimentos, recuperavam a saúde e desenvolviam-se normalmente.

Chegou-se então á memorável conclusão de que na manteiga, no farello de cereaes e *em muitos outros alimentos estudados posteriormente*, existem duas substancias de composição chimica ainda mal definida, mas cuja presença é *absolutamente indispensável ao bom crescimento e á nutrição em geral*. Deu-se-lhes provisoriamente o nome de factores A e B, ou vitaminas A e B.

#### VITAMINA A

Esta existe mais abundantemente na manteiga, no crême, nas folhas comestíveis em geral, especialmente no espinafre e na alface, na gemma d'ovo, no figado, no rim, nas cenouras, etc. Ella constitue, de modo geral, o apanagio dos órgãos animaes e vegetaes dotados de maior actividade physiologica: assim os órgãos glandulares nos animaes, e as folhas nas plantas têm-na em quantidade sensível.

Têm-se observado os effectos da privação dessa vitamina não só em animaes como em crianças. E' um immenso capitolo novo aberto na pathologia, dentro do qual vão se incluir muitas perturbações infantis de causas desconhecidas até agora. As consequências mórbidas mais divulgadas actualmente são: parada de crescimento, perda de peso, uma susceptibilidade maior ás infecções que se assestam ás vezes nos olhos, produzindo inflamação muito grave da conjunctiva, ás vezes no aparelho respiratório, produzindo bronchites, broncho-pneumonia e mesmo tuberculose. Os estudos clínicos melhores sobre esse assumpto foram feitos na Dinamarca. Este paiz é como se sabe grande productor de leite, mas a manteiga é exportada em quantidade, de sorte que muitas crianças de menos de um anno tomam o leite desengordurado, e as outras maiores, em lugar de manteiga, comem... margarina. Casa de ferreiro, espeto de pau. Essa situação mais se aggravou durante a guerra, e assim os deploráveis effectos se accentuaram. Instruido sobre a causa das doenças infantis apparecidas, o governo dinamarquez interveio no mercado e obrigou á retenção no paiz de maior quantidade de manteiga. As melhoras foram evidentes dentro de pouco tempo.

Mas a vitamina não é somente um estimulante do crescimento. Ella é necessaria também na idade adulta para a manutenção do vigor physico e do bom estado das funções de reprodução.

McCollum provou, em numerosas experiencias, com animaes, que as femeas nutridas com uma alimentação deficiente nessa substancia tornavam-se pouco fecundas e davam á luz crias debeis.

O mesmo não pode deixar de acontecer na especie humana. Como Campbell notou na Inglaterra, as familias muito pobres se detêm muitas



vezes na terceira geração, e isso é ás vezes devido á má alimentação. O notável cientista americano acima citado chama o leite e as hervas de *alimentos protectores*, porque preservam a vitalidade do homem de diversas deficiências alimentares, entre as quaes a da vitamina A. Elie insiste, e nisso é seguido por todos os investigadores modernos dos problemas da nutrição, para que se faça em todos os paizes um consumo maior *per capita* de leite e de seus derivados. Fixa para o homem adulto a quantidade de um litro diário. E' preciso não esquecer que as crianças devem também tomal-o em abundancia, *mesmo depois do primeiro anno de vida*. A dose de um litro diário deve ser mantida *durante todo o periodo do crescimento*. Cumpre saber que o leite, além de vitaminas, contém cálcio e phosphoro, indispensáveis para os ossos e dentes. As hervas, como o espinafre e a alface, acompanham o leite de perto na riqueza dessas substancias, e são, além disso, um preventivo da prisão de ventre, considerada hoje uma das mais importantes causas da deterioração humana.

### VITAMINA B

Esta é também de grande necessidade para o bom crescimento. As crianças delia privadas definham, tornam-se irritadiças, perdem o appetite e apresentam diversas perturbações gastro-intestinaes. Mas a sua falta é sensível em todas as idades: ella traz uma atrophia accentuada em quasi todas as glandulas de secreção interna. E' o que foi provado pela experimentação no organismo animal.

Hoje está muito accentuada a tendencia para admittir que o factor B é o mesmo a cuja ausência é devido o beriberi. O beribéri é uma doença muito conhecida no Oriente e no Brasil, mas que tem sido observada em todos os climas. Foi o estudo das suas causas que abriu o caminho ás primeiras descobertas sobre vitaminas.

Na marinha japoneza o beriberi chegava a atacar 40 % do pessoal. Um medico, Takaki, tornou-se convencido, em 1885, de que a causa deveria ser a alimentação quasi exclusiva do arroz. Em consequência disso, o regimen alimentar da armada foi modificado, accrescentando-se outros alimentos: o beriberi desapareceu.

Em 1896, um medico hollandez, em Java, Eijkmann, que é hoje professor de hygiene em Utrecht, provou, pela experimentação em animaes, que nem toda a qualidade de arroz devia ser incriminada, e sim somente o *arroz muito polido*, isto é, o arroz em cujo beneficiamento, além da palha, se lhe tira inteiramente a casca adherente ao grão, isto é, o pericarpio. Ora, a vitamina está justamente nesta casca e sobretudo no embryão que a ella fica adherente, chamado vulgarmente *ôlho*. Os indígenas do Oriente, que gostam do arroz muito branco, adoecem facilmente de beriberi. Nas Philippinas foi prohibido o consumo do arroz nessas condições, e o beriberi desapareceu.

Mas a vitamina B não existe só na casca e no embryão do arroz: ella é abundante no farello de todos os outros cereaes, na gemma do ovo, no fígado, no rim, no espinafre, na alface, no leite dos animaes bem-nutridos, no feijão, no tomate, etc. As laranjas, uvas e limões também a contém. Especialmente rico é o levedo de cerveja. A carne é pobre, tanto de A. como de B. Nos estudos feitos a respeito desta substancia nos alimentos, tem sobresahido chimicos notáveis, entre outros o polaco Funk.

Pela exposição acima, deve-se ter comprehendido que as farinhas de trigo e de outros cereaes, muito brancas, muito finas, chamadas de *primeira qualidade*, são as peiores, porque ficam privadas da vitamina B, que está no farello e no embryão. Além disso, o farello contém bastante



phosphoro e ferro, e é, como as hervas, um preventivo da prisão de ventre. O uso do pão completo, feito com farinha do grão de trigo inteiro, tende agora a se espalhar nos paizes mais civilizados. O mesmo deve acontecer com o nosso angu' e a nossa brôa de milho, feitos de fubá, 110 qual o farello do milho seja conservado em parte pelo menos.

Cumpre accentuar que o beriberi é apenas uma das múltiplas consequências de uma alimentação deficiente em vitamina B. Ha organismos que, submettidos a tal alimentação, podem não apresentar a paralytia ou a inchação do beriberi, e, entretanto, soffrerem diversas outras perturbações graves da nutrição. Tudo depende, como é natural, de uma questão de dosagem e também de um coefficiente pessoal não determinado. O que é preciso sempre ter em vista é que não é somente o arroz polido a causa dessas perturbações: qualquer regimen alimentar pobre na substancia de que tratamos pode lhes dar origem.

## ESCORBUTO E VITAMINA C

A classificação na ordem alphabetica dessas substancias não obedece á ordem chronologica da sua descoberta. E' assim que a causa alimentar do escorbuto já tinha sido amplamente verificada em 1912 por dois sábios noruegueses, Holst e Frolich. E' ella a falta da vitamina C, que se encontra principalmente no limão (o limão menos azedo, o chamado *limão gallego*, é o mais rico), na laranja, na uva, no tomate, no mamão, na banana, na cenoura, no repollo, no rabanete, na alface, na batata: nas fructas e nos legumes aquosos em geral.

Aqui um certo faro vinha guiando alguns observadores ha séculos.

O escorbuto assolava a humanidade já no tempo das Cruzadas: elle era commum entre os soldados e prisioneiros no cerco do Cairp. Com as longas viagens para a America e para a india elle começou a dizimar os marinheiros. Conhece-se a descripção impressionante feita por Camões nos "Lusiadas". Não demorou muito tempo a que surgisse a idea de que a causa estava na alimentação dissecada e preparada para conserva nessas viagens. Cxmçou-se a suggerir a necessidade de ter a bordo fructas e legumes frescos, e, pouco depois de 1800, o uso do succo de limão já era obrigatorio na marinha ingleza.

Não ha necessidade de insistir nesses dados historicos. Basta saber que os pediatras mais adeantados aconselham hoje as mães a darem aos seus filhos, desde os primeiros meses da vida, caldo de laranja coado. Começa-se com uma colherinha no primeiro mez, até completar 3 colheres grandes no fim do primeiro anno. Isso impede não só o escorbuto, como outras perturbações mais mitigadas e disfarçadas que tornam debeis a muitas crianças.

## CONCLUSÃO

A hygiene tinha até ha pouco tempo se collocado numa posição quasi que só defensiva: ella tratava sobretudo de acautelar o individuo contra os agentes nocivos, vivos ou não. As suas aspirações agora são mais altas. Ella considera que o vigor physico dito normal pode ser estimulado a um grau mais elevado por um regimen sabiamente escolhido. O padrão da vida sadia é variavel conforme a mentalidade do povo. Em tal paiz, a saúde normal é a do individuo que vive mais op menos pachorrentamente até os sessenta annos, trazendo uma obesidade discreta, e comparecendo á repartição diariamente para dar a prosa costumeira. Elle julga cumpri-



dos os seus deveres de cidadão entregando á patria uma prole quiçá numerosa, mas já um tanto mais enfraquecida... Nos logares onde floresce esse exemplar da especie humana, a preguiça não é considerada uma doença, e sim uma attitude não desprezível de modéstia e renuncia.

Em outros povos, para o individuo normal exige-se uma actividade maior, e o espirito de ambição e ousadia que alguns biologos anglo-saxonios definiram na palavra *aggressiveness*.

Sem duvida o clima influe muito a esse respeito. Mas o genero de alimentação contribue também enormemente — é o que vem provar no nosso século as pesquisas innumeraveis alludidas anteriormente. Isso já constitue um grande estimulo aos que se entregam, no nosso meio, á não muito agradável empreza de vulgarização hygienica.

No Brasil, a nossa alimentação costumeira de carne, feijão e arroz é muito deficiente. A carne, embora seja util sob certos pontos de vista, e em quantidade não demasiada, é pobre em vitaminas e em certos saes. O arroz pela fôrma em que é usado, idem. O feijão contém a vitamina B, mas, como exige uma cocção muito prolongada, uma parte desta é destruida. Entretanto, visto as vitaminas serem apenas um dos factores necessarips á nutrição, e continuarem *absolutamente imprescindiveis*, os outros factores anteriormente citados, isto é, as proteínas, os hydratos de carbono, as gorduras, etc., — convém reflectir que a carne, o feijão e o arroz não devem ser abolidos da nossa alimentação, e sim completados.

E' necessário introduzir no nosso regimen uma maior quantidade de leite e lacticínios, de ovos, de hervas e de fruetas. Não precisamos comprar vitaminas preparadas industrialmente. Esses alimentos já as contém em proporções magnificas, e pode-se dizer a seu respeito o seguinte: quaesquer que forem as descobertas a virem, quaesquer que forem os novos factores que a intensa investigação scientifica da nossa época trouxer á luz, a necessidade dos mesmos para a completa eficiencia physica do individuo já está provada.

GUSTAVO LESSA





## ITINERÁRIO DESCUIDOSO

---

*Passos de um peregrino são errantes.  
(Academia dos Singulares).*

### I BASILEA

**O** trem estacou.

A machina, offegante, arquejando, lembra uma fêra acoçada e rendida, afinal, pelo cansaço.

Salto do vagão e eis-me na velha Basileá.

Consulto o relógio: — nove horas da manhã.

A minha bagagem simplificada, que eu mesmo carrego, poupa-me, na vasta gare metálica, onde uma multidão circula, a espera enervante do despacho de malas.

Da calçada da estação, aceno a um fiacre e, depois de receber do cocheiro a saudação suíça — o *gruzi* usual — mando tocar para o *Hotel dos Tres Reis Magos*, que me seduz pelo seu nome symbolico de hospedaria de romance-folhetim.

Em vez, porém, do albergue sombrio e cheio de mysterios, que a minha phantasia situava no fundo duma viella excentrica, encontro, em pleno coração da cidade, occupando immenso edificio d'aspecto senhorial, um estabelecimento de primeira ordem, com o seu vestibulo de mármore e o seu *hall* inglez, ladeado do *bar* americano e do indefectivel *grillroom*.

A gaiola do elevador electrico, acolchoada de velludo vermelho, manobrada por um *boy* de libré, guinda-me ao terceiro andar, e não é um sumario quarto de estalagem que me espera, com o seu grabato de ferro, de lençoes suspeitos, e sua mesa de pinho crú, a sua dura cadeira de pau.

O aposento que me offerecem, todo forrado de tapete cinzento, com

as paredes revestidas de cretone de igual côr, apresenta um meio luxo discreto e distincto.

A larga cama de cobre doirado, coberta por espessa colcha azul, de damasco lavrado, assenta sobre um estrado, numa reentrancia da peça, que pezado reposteiro, do mesmo estofa e tom da colcha, por um simples movimento de cordéis, pôde isolar e lançar na escuridade, formando alcova.

O armario, de portas de espelho, encaixado na parede, não atravanca, e a secretaria, de mogno macisso, acentua a nota solida do conjuncto harmonico.

Completem este mobiliário sem enfeites supérfluos, afora um par de gravuras em aço, duas fofas poltronas de couro macio, dispostas praticamente, com segurança decorativa, em ângulos onde a luz se esbate e perde a insolência.

Verifico, mais tarde, que tentação ellas constituem ás sonécas da sêsta e á beatitude nirvanica causada pelo bom cachimbo quando fumado a sós.

Duas janellas, encortinadas de *etamine* creme, floreada, rasgam para o Rheno, que corre em baixo, lambendo a cantaria dos alicerces amuralhados do prêdio.

Ao lado, annexa, a sala de banho rebrilha nos seus azulejos claros.

Em face deste conforto consolador experimento o que me atrevo a chamar uma *desillusão agradável!*

E, sem esforço maior, relego da mente a locanda novellesca, que a minha intoxicação litteraria me fizera suppôr: a locanda dos *Tres Reis Magos*, onde o peregrino fatigado, d'alforge ao hombro e arrimado ao bordão nodoso, galga a escada conducente á mansarda sórdida, de cuja trapeira elle divisa atravez do cháos de telhados musgosos, as flechas dos campanarios e a fita meandrosa do caminho palmilhado.

Installo-me para uma quinzena de ferias, projectando um regalo d'arte no museu de pintura, que encerra, além das mais completas collecções existentes de Holbein e de Arnold Bôcklin, as mais ricas salas da Europa em quadros dos primitivos rhenanos, dos mestres da Franconia e dos mestres da Suabia.

Tudo seria perfeito se esta commodidade elegante do hotel não me custasse os olhos da cara.

O meu bom humor, porém, para não desfallecer com a sangria da bolsa, recorreu, inspirado, á doutrina complacente daquella rapariga bonita, que sacrificando na estroinice, duma noite de entrudo, o patrimonio accumulado durante os seus dezoito annos de idade, respondeu, com risonha malicia, aos ralhos da progenitora indignada: ora, mamãe, mais vale um gosto que tres vinténs!

A-pezar de errar na cifra real do provérbio, o diabrete da menina exprimia, entretanto, uma grande verdade, porque, afinal das contas, vintém mais, vintém menos, não adianta nem atraza ninguém, visto a gente, conforme diz o vulgo, *ter de morrer mesmo!*

E foi com espirito aligeirado de cuidados por esta philosophia elastica, que eu, assobiando, deixei, no banho, o pó da estrada, engorgitei, com gula, um succulento almoço e sahi, depois, alegremente, a visitar a cidade.

• • •

Basiléa não mostra, no exame rápido do núcleo urbano, os dois mil annos approximados que carrega ás costas.

Suas ruas centraes, intimadas a entrar no alinhamento pela esquadria implacavel das edillidades modernas, perdem, dia a dia, a sinuosidade pittoresca do traçado antigo.





Uma geometria monotona succede ao dédalo curvilineo d'antanho.

Enormes parallelogrammos de cimento armado ou de granito plúmbeo, vaidosos das suas fachadas emphaticas, vão se apossando da via publica, es-corraçando as construcções originaes, de architectura archaica.

Poucos trechos guardam a chancellia heraldica do século XVIII e mais raros recantos revelam o sinete do século precedente.

Anterior a este periodo, não subsistem sinão vagos vestígios, excepto a cathedral, fulgurante no seu gres vermelho, que enganou Victor Hugo, fazendo crer ao poeta haver sido a casa de Deus borrada com tinta encarnada!

Das fortificações medievas, restam, apenas, tres portas monumentaes; os muros crenelados, com os seus bastiões vigilantes, foram arrasados e o fosso, aterrado, convertido em parque commum.

O burgo feudal, decepado, martyrisado pela picareta municipal, agonisa, com a carcassa em pedaços esparso e só o quartirão exiguo, onde se enthrona a *Munsterplats*, pode evocar ainda um pouco a sua physionomia obsoleta.

Ahi, numa corcova do terreno, duma banda prolongada em terraço que domina as aguas verdes do Rheno, a Cathedral se conserva, angusta e taciturna, apezar do seu telhado polychromo, rodeada de residencias patricias, reflectindo a alma histórica do passado, a tragedia religiosa da Reforma.

A chronica tumultuosa dessa igreja venerável, quasi milenaria, transfe-rida, sinão degradada, do culto catholico para o serviço protestante, é um espelho dos acontecimentos capitaes da vida da cidade.

Monumento reafirmativo da crença divina, erigido pelo imperador Henrique II, duque de Baviera, para substituir, segundo os vasculhadores de archivos, a capella destruida pela fúria das hordas húngaras, este templo magnifico jaz para os fieis, desde o schisma lutherano, como ancora desgarrada para não dizer partida.

Damnificada pelo terremoto de 1356 e, depois, por um incêndio, esta matriz precisou de taes reparações, que foi verdadeiramente reedificada e a sua nova consagração realisou-se vinte annos mais tarde, com o fausto da época em taes cerimoniaes.

O frontespicio gothico, com as suas torres desiguaes, a sua imagem da Virgem com o Menino ao collo, as suas quatro estatuas — duas pedestres, a do Imperador Henrique e a da sua esposa Conegundes, duas equestres, a do bom São Martinho, repartindo o seu manto, e a do intrépido São Jorge, lanceando o Dragão — concorda, scin ruptura irritante do equilibrio proporcional, com o que resta do edificio primitivo, de estylo românico.

O chamado portal de St. Gall, situado no transepto septentrional e ainda do século XI, salvo do abalo sísmico e escapo das chamvns, merece especial referencia.

Sob tres archivoltas successivas, apoiadas em columnctas esbeltas e ao fundo da abobada formada por um arco espesso, um tympano representa Christo, julgando os mortaes.

E' a scena solemne do *Juizo Final*, cinzelada sem inspiração terrorista e onde não figuram, consoante á praxe do tempo, as punições esperadas no dia derradeiro.

Durante o torvo periodo de peste, fome e massacres decorrido dentro desta comprida noite intermediaria entra o lugubre crepusculo da civilisação greco-romana e o clarão da Renascença, o espirito humano, aturdido pelas prophcias sinistras do fim do mundo, viveu alarmado, sob a obsessão do Diabo.

A idéa duma immediata prestação de contas perante Deus, faziã pensar nas penas do Inferno.



E no delírio colectivo, o Mal deixava de ser uma concepção abstracta para se encarnar num ente astucioso e tangível, que revestia disfarces vários para melhor exercer a tentação e lançar armadilhas.

A iconographia christã apresentava-o sob formas múltiplas; porém a mais generalizada era a dum typo hybridó: — homem com feições de bóde, grossos beijos de satyro, olhos de carbunculo, barbicha espetada no queixo pontudo, curtos cornos na testa, azas de morcego, pés de cabra com unhas ganchosas, rabo simiesco terminado por uma cabeça de serpente.

Este personagem extravagante surgia á meia noite e todos temiam o seu encontro na encruzilhada dos caminhos ou na curva das estradas.

A única arma efficaz contra elle, que o obrigava a fugir espavorido, dissipando-se no ar, era o gesto fortificante traduzido no signal da cruz, *ignum Chrisli*.

A Igreja, visando a salvação das almas na purificação dos costumes, soube se aproveitar deste medo insano, que operou conversões.

A Arte de então, ancilla e famula humilde da Fé, refugiada nos claustros, não predicada pela mão profunda dos leigos, mas só exercida por clérigos e posta canonicamente ao serviço da catechese, dirigindo-se a povos semi-barbaros precisava fallar a mais energica das linguagens, a única, conforme nota Menard, que elles podiam comprehender: — a do pavor.

Dahi a prodigiosa profusão de painéis, imagens e grupos plásticos, que ornavam os templos, por dentro e por fóra, exhibindo os peccadores a expiar as suas faltas, e os réprobos, condemnados pela irrevogável sentença, contorcidos entre labaredas sulfureas e garras de monstros, recosinhando em tachões de pez ou a torrar, crispados, sobre braseiros, em grelhas candentes.

O horror produzido — por semelhantes supplicios perpetuos enfrenava, quando não corrigia, o impulso das paixões depravadas e a violência dos instinctos brutaeas.

Conta uma legenda do século nono que o frade Methodius, decorando a sala de festins do palacio de Bóris, rei dos búlgaros, teve a audacia de representar a fresco, numa parede, o *Julgamento Final*.

Ao contemplar a bizarra pintura, o Monarcha, impressionado e picado por uma curiosidade inquieta, pediu ao artista a significação do estranho thema.

O frade, inflammado pela tocha do Evangelho, esprauiu-se com o fervor da eloquencia apostolica e a explicação pathetica da scena produziu tal effeito que Bóris renuncia ás frivolidades do mundo, fecha-se num mosteiro e, pela pratica de virtudes edificantes, inscreve o primeiro nome de santo no agiologio do seu paiz.

Talvez se possa, pois, affirmar, sem desmedido topete, liaver o Diabo, com as suas fornalhas ardentes, prestado á Religião e ao amor do céu aquillo que, em relação a outros serviços, os Santos Padres davam o nome de obra meritória.

No *Julgamento* do portal de St. Gall, singelo como uma synaxe, nenhum tormento apparece.

Ao alto da composição gravada, em nichos separados, estatuetas de anjos esguios, embocando aquella longa trombeta, que fez ruir as muralhas de Jericó, convocam, atravez do valle Josaphat, vivos e mortos, á barra do Tribunal.

Mas pela suave expressão, cheia de misericórdia, do seu magistrado ce-leste, sentado num faldistorio, e mais pela physionomia conciliante daquelle especie de jurados, agrupados, em pé, ao seu lado, a gente sente o palpíte que todo o mundo, deste e do outro, vae ser absolvido unanimemente!

Tão placida maneira de conceber o *Julgamento*, sem o quadro cruel da

gehenna, assignala-se, na *Idad-Media*, como não pequena excepção, fazendo lembrar estas' flores, finas e delicadas, que nascem entre cardos, no tapume dos campos.

A allegoria referida descança sobre um baixo-relevo que serve de lintel e cuja esculptura reproduz a conhecida parabola das virgens prudentes e das virgens loucas.

O interior do templo, nú, despojado dos seus thesouros e semeado de tumulos, dá impressão de necropole e gela a alma.

Resuscitando a theologia rigorista da Igreja Primitiva, indemne do enxerto dos ritos pomposos do Egypto e cheia ainda daquelle odio mosaico ás estatuas, de que falia a Biblia, o apóstata de Wittemberg, cujo sangue saxão dir-se-ia semita, proscreveu o culto da belleza figurada como gerador de ficções despresiveis, formas sensuaes do luxo peccaminoso e do materialismo pantheisital

Este aquilão de heresia, que nos paizes lutheranos seccou a inspiração das artes plasticas e evaporou a poesia mystica da pintura religiosa, reacendeu o tição iconoclasta.

Por toda a parte, açulada, a plebe impia, em demencia, se atirou, de roldão, ao saque dos templos.

Reviveu, por instantes dramaticos, a selvageria da éra das perseguições ao paganismo, quando os monges, assanhados pelos editos imperiaes, irrompiam das suas gratas, desvairados, com as vestes em frangalhos, ululando como chacaes, e á frente de bandos de energúmenos esquelidos, invadiam os sanetuarios, quebravam os idolos, arrazavam os altares, matabam os pontífices, trucidavam os arúspices, abatendo as velhas arvores sagradas, incendiando as bibliothecas, calcinando os mármoreos divinos dos Phidias, dos Polycletoes, dos Scopos, dos Lysippos e dos Praxiteles.

Das igrejas dos cantões da Helvetia, tornados protestantes, o que não pereceu despedaçado nas sedições espalhou-se pelos museus.

O conflicto sangrento provocado pela Reforma, não teve, felizmente, na Suissa, a extensão calamitosa para a arte, que assumiu em outros paizes, como na Flandres, por exemplo.

E as collecções archeologicas puderam recolher, intactos, apreciavel numero de relicários sumptuosos, de esmaltes limogeanos, de alampadarios de metal nobre, de calvarios de alabastro, de altares portáteis de porphiro, de hostiarios de marfim, de missaes cravejados de gemmas, de antiphonarios e breviários com illuminuras, de' thuribulos rendilhados, de pyxedes com lavores raros, de tripticas, de pinturas, de obras de entalhe, de mil objectos, de preciosa ourivesaria, concernentes ao uso lithurgico.

O retábulo doiro martellado, trabalho inestimável do anno mil e nove e que nos dias de grande festa era exposto no altar-mór da cathedral de Basileá, vê-se hoje em Paris, no museu de Clouny.

Este famoso baixo-relevo, alto de um metro e largo de quasi dois, da diva imperial de Henrique II á cathedral, possui uma historia, que Prosper Mérimée conta num estudo especial.

Quando a Reforma triumphou em Basiléa, no começo do século XVI, escreve o autor da *Carmem*, os protestantes zelozos quizeram converter em tons ducados as imagens dos santos papistas offerecidas pelo piedoso Monarcha.

Felizmente, o retábulo era considerado, na cidade, uma especie de *palladium* e, por isso, era vez de lançado ao cadinho e vilmente amoedado, foi, apenas, escondido, como lixo sacrilego, no fundo dum recanto escuro do subterrâneo da igreja, passada, então, ao novo culto.

O bispo catholico deposto cançou de reclamar a obra d'arte, chegando até a propor, em troca, a forte somma que lhe deviam as suas ovelhas rebeldes.



Nada, porém, conseguiu o espoliado prelado e o retábulo jazeu encafuado, sob sete chaves, durante quasi tres séculos.

Foi preciso uma revolução para que elle surgisse á luz.

Em 1824, continúa Merimée, rebenta a guerra civil no cantão de Basiléa, entre a aristocracia burgueza, que governava, e a democracia rural, que se subleva.

A paz só se restabeleceu com a divisão do cantão em dois, cada um com o seu governo autonomo, divisão, seja dito de passagem, que perdura ainda hoje sob a denominação de Basiléa — cidade e Basiléa — campanha.

Os revoltosos, não contentes com a igualdade dos direitos politicos, exigiram a metade do thesouro cantonal.

Nesta partilha perigosa, o retábulo coube á Basiléa — campanha.

Ora, os homens do Estado de Liestall, accrescenta ainda Merimée, eram excellentes arcabuseiros, porém inãos archeologos, e, sem deferencia alguma pela memoria de Henrique II, procuraram logo vender, a quem mais desse, o baixo-relevo doiro que lhes cahira nas mãos.

O comprador, o coronel Theubet, originário mesmo de Basiléa, mas que servira sob a bandeira franceza, transportou logo a obra d'arte para Paris e sem preocupação exclusiva de lucro offereceu-a ao governo francez.

Depois de longas negociações, arrastadas durante annos, um ministro de Estado ultimou a compra e o admiravel retábulo foi enriquecer o maravilhoso museu medieval installado na antiga abbadia de Cluny.

Feita esta ligeira digressão, na garupa de Merimée, voltemos á cathedral, onde como única reminiscencia da riqueza de ojit'ora, resta sómente, sobranceiro aos bancos alinhados, um púlpito de pedra esculpida, do século XV.

Nas collateraes, na absida, no deambulatório, espalham-se sepulcros, surgem effigies funerarias, destacam-se lages lombaes: — todo um semitério onde dormem uma imperatriz, um principe, bispos, condes e cavalleiros, o primeiro burgomestre e o primeiro reitor da Universidade, fallecidos, os dois no mesmo anno de 1466.

Uma lapide de mármore marca, também, o jazigo de Erasmo, com o seu epitaphio latino fechado por esta palavra, fria e fatidica: — *Terminus!*

Como não ha mais nada que vêr no interior do templo, o visitante passa ao claustro gothico annexo, sob cujas abobadas se abrigam ainda outros 5 túmulos.

Depois, naturalmente, se encaminha para a grande sala onde se reuniu em 1431, com a assistência de 500 bispos e cardeaes, o trefego concilio ecumenico, que convocado para expurgar da christandade as heresias husistas, degenerou logo em conciliábulo schismatico, elegendo um antipapa e mantendo, durante doze annos, confusão e discórdia no seio da Igreja.

Esta sala, occupada hoje por uma collecção de bíblias e por vários objectos trazidos da Palestina, não apresenta cousa alguma de notável.

Só resta, agora, ao *touriste* fatigado, descançar á sombra d'um dos platanos que bordam o terraço — o Pfalz — contemplando a tarde pallida descer e descorar a scenographia da natureza circumdante, formada pelas montanhas azeitonadas do Jura, as arestas dos Vosges, uma sinuosidade do Rhono e a massa agglutinada da Floresta Negra, que se embarafusta, ondulante e côr de ardozia, pelo horisonte a dentro.

JOSE' PINTO GUIMARÃES.

Julho — 1921.





## RELAÇÕES SANITARIAS ENTRE O HOMEM E O MEIO COSMICO

### INFLUENCIA DA LUZ

*De todas as flores, a flôr humana é  
a que mais precisa de luz. — MIEHEI.ET.*

*A lus — eis a confluência de todos os  
fios, eis o fio de Ariane da Vida Uni-  
versal. — SEABRA.*

**O** sol é a fonte perpetua das energias vitaes. Qualquer que seja a forma vital, ella depende invariavelmente do astro-rei. E' cila que provê a todas as formas vivas da matéria, ao mesmo tempo em que dirige o grande dynamismo universal. A velha theoria de Hemoltz e Mayr não é apenas uma concepção philosophica da vida; é também, sinão ur» legado, pelo menos um reflexo da crença dos nossos antepassados, dos que erguiam hosannas ao sol como a um deus omnipotente e fecundo.

O culto ao sol na Assyria e Babylonia; a sua perenne adoração entre Phenicios e Persas; a devoção que lhe tributavam os Hyndús e os gregos, os egypcios e os romanos — eram costumes que se iam eternizando, e que provinham da mais remota antiguidade. Helios foi para os antigos o grande deus dçi Força e da Saúde, cheio de bemaventurança, não só capaz de curar o corpo, mas também de proporcionar á alma e ao espirito os benefícios magníficos da sua acção renovadora. Eis porque innumeraveis templos se ergueram ao Deus-Grande — templos de adoração universal, para os quaes affluam os povos supersticiosos, agrilhoados a uma errônea comprehensão da existencia, dominados por uma faisa concepção sobre o papel do sol no concerto universal.

E' que o homem nascia sem sentimento; e receioso do seu proprio des-

tino, egoista, covarde, troglodyta, não aspirava penetrar nos mysterios da natureza, não tinha a menor ambição em desvendai-os, em perceber-se a si mesmo, em comprehender os seus altos designios na terra. Vivia como um intruzo, na mesmice entristecedora de um destino rudimentar. E, si começava a meditar sobre o "porque" da sua existencia, turbava-lhe o entendimento uma falsa idéa da vida, e a mesma dolorosa sujeição moral o compellia a viver como um escravo de si mesmo. E temia o raio, esconjurava o trovão, exorcisava a peste, agrilhoava-se á rocha immutavel de um pessimismo esterilizante; amava Phebus, invocava Serapis, adorava Amaterrasson, engrandecia Appollo; almejava a serena vida celestial, entre o suave sussurrar das preces erguidas a Deus e o seu olhar meigo e indulgente.

Quem chegaria a suppôr que é o sol que faz funcçionar a cellula verde de chlorophylla e, dest'arte, entretem as incessantes permutas vitæes de oxygenio e acido carbonico? Que espirito se atrevia a suppôr que o sol é o centro do systema planetario?

Bem différente o homem antigo, abdicando do seu logar na natureza, enxovalhando-se, apequenando-se, collocando-se na planta mesma do irracionalismo, do homem actual — conquistando a natureza, desvendando-lhe os grandes segredos, surpreendendo-a nos seus espectáculos magnificos, como um Newton, como um Laplace, como um Kepler; ou perscrutando-a nos seus recessos mais íntimos, como fizeram Milton e Pasteur, aquelle, cego, ouvindo o rumor dos astros, este attingindo ás culminancias do saber, não bastando, como dissera Huxley, toda a riqueza da França para premiar um só dos seus trabalhos scientificos.

O sol teve, assim, o seu periodo áureo, de gloria e de fastigio, e só na idade media começou a soffrer as hostilidades dos Kabalistas e Occultistas e de todos os precursores da escola de Paracelso.

iCom a guerra tremenda que soffreu, cahiu no esquecimento, do qual o retiraram Perci, Ramazzini e Plinio. E da poeira de t\*itas doutrinas loucas e de tantas conclusões empiricas, renasceu, retertperada e redimida, a Heliotherapia, methodo clinico de indiscutível valor, despido de preconceitos religiosos, sobre cuja superioridade therapeutica já depuzeram numerosos scientists de renome.

Só então Rikli fundara, proximo a Trieste, a cerca de 800 metros de altura, um instituto de applicação solar. O seu estabelecimento impôz o exemplo á Allemanha e a outros paizes civilizados.

Rikli, referindo-se ás applicações de luz solar, disse que ellas produzem uma singular sensação de bem estar e uma animação maior, "uma superior consciência de si". Em 1903 Rollier, — o dr. Rollier — depois de se reportar aos notáveis ensaios de Bonnet, Turck, Ollier, Poncet, e aos magnificos resultados conhecidos atravez das communicações de Bouccart, Vidal, Revillet, d'entre outros, instituiu a heliotherapia em França, fundando em Leysin a primeira clinica especial de sol.

Quaes os resultados colhidos com as applicações da luz, dil-o o autor do formoso livro "La Cure de Soleil", posto a lume em 1915. Ha nesse livro, não apenas a descripção pormenorizada dos methodos de applicação e dos fructos obtidos; mas uma abundante documentação photographica dos factos alludidos.

Rollier aconselha a exposição lenta e progressiva do corpo: — os pés, as pernas, o tronco.

Em Genebra foram recentemente fundadas sociedades destinadas a vulgarizar as applicações de sol como recurso sanitario; instituiram-se banhos de luz, de ar, de agua, a "vida ao ar livre", entretecida de methodicos exercicios de nataçõ c gymnastica.

A velha galeria de exposiçõ solar de Epidauro, ao tempo de Esculápio, os terraços construídos pelos romanos, a "aeraçõ" usada pelos gregos, que

caminhavam despidos e com os pés igualmente nus sobre a areia quente, ahi estão, representados nos sanatorios de Davos, Leysin, Montreux, e na vida *aerca* de Genebra, apenas accrescidos de preceitos higienicos e destituidos de influenoiias religiosas.

Resta saber por que fôrma actúa a luz solar. Será que estamos incorrendo no mesmo erro que desgraçou a heliotherapia antiga? Para o dr. Carnot, as cellulas pigmentares, cutaneas e sanguineas, absorvem as vibrações moleculares da luz, difundindo-lhe a energia por todo o organismo. Para o dr. Malgat, especialista de igual reputação, os raios solares têm a capacidade de atravessar os tecidos e actuar profundamente na economia. A questão pôde ser estudada por um prisma differente: pela acção microbica dos raios solares e pela sua acção vaso-dilatadora. A estimulação directa da epiderme, determinando uma vaso-dilatação, augmenta a circulação e promove um maior aproveitamento de oxygenio. Por outro lado, a acção microbica da luz exerce seus salutaes efeitos nas ulcers expostas, primitiva ou secundariamente infectadas. Mas o sol tem outro papel a desempenhar na natureza viva. E' o de promover as trocas de oxygenio e acido carbonico entre os dois grandes reinos vegetal e animal, e a atmospheria. E' elle que faz funcionar as plantas de chlorophylla e assim permite a provisão de oxygenio na natureza.

Vimos já (Vide "Gazeta Clinica" n. 4 de 1923) como se processa o ciclo do acido carbonico na natureza. Mostrámos que aos vegetaes cumpre manter a renovação do ar, exhalando oxygenio e incorporando acido carbonico.

Mas, que seria das plantas sem a luz? Na obscuridade também ellas queimam seus hydrocarbonios e impregnam de acido carbonico a atmospheria.

Seria longo referir estas questões todas, que o estudo da acção do sol suggere á imaginação. O que nos interessa é apenas a applicação sanitaria da luz; seria obvio encaral-a sob outro ponto de vista. Demais, quem é capaz de dizer o que é a luz? Ninguém. Nem mesmo Flammarion, que tão profundamente a estudára.

O sol tem tres acções distinctas, demonstráveis ao espectroscopio: acção luminosa, apreciavel pela decomposição da luz em suas colorações differentes; acção thermica, notável pelas oscillações da camada mercurial ao passar do vermelho para o violáceo; acção actimica, demonstrável pela redução dos saes de prata sob a influencia das faixas próximas á violacea.

Ha a considerar que os raios ultra-violetas, que alteram os saes de prata da lamina photographica (acção actinica) comparticipam da formação da chlorophylla.

#### ACÇÃO MICROBICIDA DO SOL — NECESSIDADE DA LUZ

Abrimos, propositalmente, nesta questão, apenas um subtítulo, para nelle encarmos a luz como uma necessidade vital. Começemos por estudar a influencia sanitaria da luz, as suas propriedades antisepticas. Rollier assim a descreve: "a heliotherapia realiza todas as condições do tratamento antiseptico ideal. Enquanto que os antisepticos matam quasi sempre a cellula, antes de ter neutralizado a acção dos germens, a radiação solar, por sua acção local e geral, exerce seu poder bactericida salvaguardando a função cellullar". Serão verdadeiras essas palavras do insigne observador? Não haverá exaggero no paralelo, assim traçado, entre a acção microbica do sol e a acção homologa das substancias antisepticas? Também os raios solares, actuando sobre a epiderme descoberta, não lhes des-



troem, por mortificação, as cellulas de revestimento? A resposta affirmativa se impõe como uma verdade inconcussa. Não se pode admittir para os raios solares uma acção electiva em relação com os microbios. A menos que outras conclusões modifiquem o saber dos nossos dias, a acção do sol é absolutamente generica. Elie actua tanto sobre as cellulas epidermicas, como sobre os microbios, egualmente cellulas. Não ha especificidade de acção. O que ha, é o facto banal de as roupas absorverem parte dos raios da luz solar e pouparem os elementos nobres da economia, e assim também os microbios, á actuação luminosa. Não é preciso despir o homem e submettel-o á radiação solar directa, para que sinta os efeitos delia?

Que o sol actua como microbicida não ha negar. Nem se pode duvidar decientemente de um facto que é registrado pela observação diaria.

"Pansini, diz Arnould, viu succumbir (em quantas horas succumbiram? — não é preciso dizel-o) os bacillos do carbunculo; Pansini e Pallermo, os do cólera; Janowski e Vincent, os do typho; Buckner e Munck, o bacterio colli; Ledon e Labard o bacillo diphterico; Koch, o da tuberculose; Cattani e Tisoni, o do tétano."

Ha especies pathogenicas que offerecem formas de resistencia á luz solar. Taes são o tétano e o carbunculo, que, por seus esporos, fizeram enormes devastações, sendo encontrados por Chamberlan, Roux e Pasteur, 17 annos depois do enterramento dos animaes infectados.

Ha factores que concorrem para augmentar ou diminuir o poder bactericida do sol. A acção da luz diminue á medida que passamos dos meios liquidos para os solidos. E' no meio aéreo que a sua actuação se faz sentir com maior intensidade, por isso que a atmosphaera é facilmente atravessada pelos raios solares.

Disto se deduz que é principalmente nos dias claros, em que o ar permanece rarefeito e permeável á luz, que a acção do sol se exerce pujantemente sobre os germens.

O mesmo com as aguas, que são tanto mais permeáveis ao sol quanto mais limpidas e mais pobres em elementos orgânicos.

A acção do sol sobre os microbios é sobretudo thermica. Que ha a tirar desses factos? Medidas hygienicas de indiscutivel valia. Lições practicas de fácil applicação na vida collectiva. Boa habitação, edificada em logar previamente examinado, não só no que concerne ao terreno, mas no que respeita á ventilação; arborização, ventilação, bôa architectura, bôa orientação, permitindo sufficiente insolação.

Medidas que prohibam a elevação desordenada dos edificios, uns muito altos, acaçapados outros, prejudicando aquelles a necessaria insolação destes. Largura sufficiente das ruas, de accordo com a radiação em diferentes direcções, de modo que cada prédio possa ter o mínimo de insolação prescripto por Vogt. Determinação das côres internas dos edificios, das proporções reciprocas dos seus andares. Referindo-se á influencia sanitaria da luz, o dr. Alberto Seabra, a quem sempre rendemos as homenagens da nossa profunda admiração, depois de uma luminosa explanação, refere-se, com entusiasmo, á doutrina microbiana do germen como agente sanitario. E pondera, com o formidável peso do seu talento:

"Si o sol é bom, é porque mata microbios. Si o banho é util, é porque alija, remove, arrasta microbios. Si o asseio é salutar, é por motivos analogos. Já se vae até confundindo asseio com ausência de microbios. O microbio é uma idéa fixa da sciencia contemporânea. Matar microbio, ou impedir-lhe o accesso em nosso meio interno, tende a ser, ou é já para muita gente, tudo o que o hygienista deve fazer. No emtanto, os gregos e romanos nada sabiam destes infinitamente pequenos e já tinham o banho solar. Os romanos empregavam a agua na vida urbana, com tanta abun-





dancia e largueza, como nunca se viu, e usavam o banho com tão grande conforto, que nunca foi igualado."

Verdade. O dr. Seabra está com a razão. Os gregos e os romanos nada sabiam dos infinitamente pequenos e tinham as suas "arenarias", as suas "heliosis", o seu "salarium". Tinham-nos, entretanto, por adoração ao sol, a quem se dirigiam como a um deus onnipotente e fecundo. Até os negros africanos divinisaram o sol e lhe ergueram templos de adoração.

Contrastando com a celeuma tormentosa dos abyssinios, que jogavam pedras ao poente, povos havia que adoravam o sol, como havia quem adorasse a rã, a pedra, etc.

Demais, a idéa de asseio podia ter nascido, e nasceu de facto, antes da microbiologia. Conhecia-se o effeito, não se conhecia o antecedente, a causa; mas cultuava-se o sol como um agente de saúde, de força e até mesmo de belleza.

E porque não o admitir? Também nós não temos o nosso Deus? Não o imaginamos á nossa imagem e semelhança? Não lhe attribuímos capacidade de intervir nos negocios humanos? Não lhe attribuímos o raio, o trovão, o arco-iris, aquelles como prenuncio de cólera, este como symbolo de caridade? Não lhe attribuímos as epidemias que reinaram na antiguidade, e que nós tomámos como castigos impostos ás populações selvagens?

Não o adoravam? Não o adoramos ainda? elevando-lhe templos de devoção e piedade?

E assim como vemos em Christo o redemptor dos homens ou o prototypo dos homens; assim como procuramos imitar-lhe a acção, ou ouvir-lhe os altos conselhos, tomando-o como o proprio Deus, ou simplesmente qual homem, como queria Renan, assim também os antigos encaravam o sol como um deus de saúde e de força e lhe rendiam o tributo de sua fé e confiança. Os antigos adoravam o sol — uma realidade ardente, uma fonte inexgottavel de energias; nós adoramos um Deus que não vemos, que não conhecemos, que apenas imaginamos, e fazemos-lhe a injuria de o suppôr á nossa semelhança, com os nossos caracteres.

Voltemos á luz. Ella não é necessaria ao homem sômente para seu estimulo physico e moral. Também para a vida activa é indispensável, pois é á luz meridiana que o homem trabalha, realiza as suas aspirações, amanha a terra, lança-lhe a sementeira da vida, e colhe, por fim, o fructo do seu trabalho diuturno. A obscuridade tolhe o homem á liberdade, encarcera-o dentro de si mesmo. Não fôra a luz e o homem não se impressionaria com as cousas que o rodeiam, não soffreria a sua magica influencia, não deixaria de ser um animal inferior, de um destino sem epitaphio. E' a luz que lhe permite entreter todas as mais elevadas relações com o mundo cosmico, que lhe permite estudar os infinitamente pequenos, na sua vida silenciosa e anonyma, e os infinitamente grandes nas convulsões geologicas e na soberba immensidade dos espaços.

E' a luz que dá ao homem "o pão para a bocca", de que nos fala Tolstoi. Luz! — a natureza viva é toda de luz. Tudo o que vive delia depende em linha recta.

"Apagae todas as luzes do ceu — como queria Viviani — e teremos um sudário de morte no cemiterio dos astros cadavéricos."

ARISTIDES RICARDO





Alberto Ghiraldo — PRECURSORES — Antologia Americana, volume I, *Renascimento*, Madrid, 1923.

Em boa hora poz a hombros este distincto polygrapho a pesadissima tarefa de organizar, tanto quanto perfeita, uma anthologia de intellectuaes representantes de todos os departamentos do saber na America Hespanhola, nas artes, nas letras, na sciencia, na politica. O presente volume é o primeiro de uma larga série que se compõe de dezenove volumes, e que levam os seguintes titulos: *Lira heróica, Lira romântica, Los ensaystas, Historiadores y filosofos, Musa dei pueblo, Tradicionalistas y costumbristas, Los tribunos, Critica contemporânea, El verbo nuevo, El libro de los cuentos, Las ciências, El libro de los ninos, Las Icyndas, Anecdótico, Teatro, Hoy* (prosa) e *Lioy* (verso). Como se vê, é uma obra de immensa responsabilidade. Sem embargo, o sr. Ghiraldo, pela sua alta competencia e fino senso critico, leval-a-á a cabo superiormente, a julgar por este primeiro volume "*Precursores*", o mais difficil, porventura, de todos, e onde estão resumidas as idéas mais caracteristicas de Marianno Moreno, Simón Bolívar, José de la Luz y Cabellero, José de San Martín, José Joaquim Fernandez de Lizardi, Dâmaso Antonio Larranaga, Camilo Enriquez, José Camilo Torres e José Mejia Lequerica, grandes figuras do passado.

Costa Monteiro — PATRIA, versos. — Imprensa Industrial Recife, 1922.

E' uma pequena collecção de sonetos em que o poeta vasou todos os seus ardores patrioticos. O alexandrino, pela sua amplitude, é o metro' que preferiu, e andou bem na escolha, porque o maneja com bastante segurança. Língua rica, verso sonoro, imagens bonitas, taes os elementos com que compoz o seu folheto, para o offerecer ao sr. Epitácio Pessoa, que, na opinião do autor, segundo parece, é o representante de todos os valores e de toda a grandeza da patria.

Em S. Paulo, felizmente, por parte dos homens de letras, não ha esse culto, que se observa no Norte, aos homens que occupam as grandes posições na politica e na administração. Aqui, o poetaastro, por mais rasteiros que sejam os seus vãos poeticos, por mais baixa que seja a sua cotação no mercado das letras, nunca se lembrou de dedicar verso aos poderosos do dia. Verdade é que, em S. Paulo, os politicos não constituem, como no Norte, uma classe aristocratica. Oc nossos poetas nunca recorrem á ooe-



sia, em fôrma de ode laudatoria ou de simples dedica, para conquistar os favores dos magnatas. Se entre o poeta e o magnata ha relações de amizade, nunca aquelle lhe dedica versos, receioso talvez de que se cuide que, de envolta com a dedicatória, transpareça á subserviência ou algum outro sentimento menos nobre. Os nossos poetas, pois, quando de todo não valham nada, conservam, todavia, essa nobreza.

Não ha muito, um talentoso homem de letras, numa bella conferencia que fez sobre a mulher, na Parahyba, se não nos falha a memoria, citando conceitos que, a proposito da mulher, emittiram alguns grandes gênios, invocou os nomes de Shakespeare, Goethe, e outros de egual tamanho, sem esquecer o do sr. Epitácio Pessoa...

*Elpidio Pimentel — POSTULAS PEDAGÓGICAS — Imprensa Estadual. Estado do Espirito Santo, 1923.*

Cá está uma obra, que, pela importancia da matéria que contem, pelo esforço, com que arcou o seu autor para a compor e pelo preço por que foi posta á venda — 20\$000 o exemplar — merecia bem ser offerecida aos estudiosos numa edição, senão elegante, ao menos tratada com mais cuidado. Assim como está, inçada de erros typographicos, o que obrigou o autor a appensar-lhe uma espessa errata em papel vermelho, mal impressa, mal composta, com a brochura deformada pela grampeação, perdeu cila muito do seu valor, tornando-se, com as suas oitocentas paginas de composição cerrada, um calhamaço desgracioso e pesado. Entretanto, a matéria que encerra é útil, interessante, e nella revela o autor, a par de um estylo claro e fluente, uma orientação segura e profunda do assumpto. O sr. Elpidio Pimentel é um estudioso, e na especialidade a que se dedicou não lhe faremos favor nenhum se o collocarmos entre os que, em nossa terra, são apontados como os mais competentes e sabedores.

Nos primeiros capítulos das "Postillas pedagógicas", estuda o distincto escriptor a pedagogia e educação na antiguidade, oriente e occidente, e idade-media, e fal-o de uma fôrma interessante, demonstrando a cada passo a notável cultura do seu espirito.

*M. Bomfim — PENSAR E DIZER, Estudo do Symbolo na pensamento e na linguagem. — Casa Eletros, Rio de Janeiro, 1923.*

Quem fosse julgar do conteúdo da obra deste illustre escriptor e autorisado didacta, pelo titulo "Pensar e dizer", poderia cuidar que era uma obra de critica literaria; mas, attentando no conteúdo, acharia que a matfria bem podia levar um rótulo que melhor a especialisasse. Entretanto, "Pensar e dizer", embora pareça um titulo muito amplo, que pôde abranger os mais vários assumptos, é o que melhor enfeixa a complexa, profunda e subtilissima matéria que a obra contem, porque toda cila, nas suas quinhentas paginas de composição cerrada, tem sômente como assumpto o pensamento e a sua expressão.

O brilhante escriptor tem-se dedicado especialmente á literatura didactica, e nesse genero, contando com as que escreveu de collaboração com Olavo Bilac, produziu já uma dúzia de volumes, todos elles, por muitos titulos, recommendaveis. Este ultimo trabalho pertence também ao genero didáctico. O sr. M. Bomfim, com aquelle estylo claro, fluente:



e elegante que possui, estuda, nesta obra, o symbolo no pensamento e na linguagem, e realisou o seu escopo offerecendo aos estudiosos uma obra de alto valor. A funcção do symbolo, mecanismo mental dos symbolos, a symbolica das idéas, symbolica subjectiva, symbolos estheticos, a symbolica na litteratura, o symbolo verbal, etc., taes são as theses que o autor desenvolve com profundidade e leveza, com convicção e graça, e, sobretudo, com notável competencia e raro saber.

Chamamos a attenção dos estudiosos, e principalmente dos homens de letras, para esse trabalho do sr. Bomfim, que é uma mina riquíssima de idéas e de suggestões.

*Ranulpho Prata — DENTRO DA VIDA — Anuario do Brasil — Rio, 1922.*

Está aqui uma obra que dá gosto' bibliographar. Excellente por todos os motivos, sincera, rica de todas as qualidades que fazem de um livro algo mais que papel impresso com palavras de engenhoso arranjo,

Um medico de roça narra a sua vida, de começos humilimos e de fim trágico. Luotou com infinitos de paciência e foi vencendo com lentidão. Por fim, medico já e bem estabelecido numa cidade de Minas, vem o amor florir-lhe a alma. Maria Candida chamava-se a divina creatura que o enlhou e que lhe traçou uma nova orientação á vida. Amavam-se, amaram-se apaixonadamente, embora a fatalidade lhes impedisse a união.

Filha de morphetico, oriunda de familia dizimada pela morphéa, Maria Candida sabia o que a esperava e resistiu a todos os pedidos do moço que o amor cégara. E viveram amicíssimos, lado a lado, entregues á doçura do sentimento até que um dia os primeiros symptomatos da horrenda moléstia transpareceram em seu lindo rosto. Stoicamente Candida impoz a separação e fel-o jurar que nunca mais a veria.

O moço reluetou o que poude, por fim jurou — e só por cartas inda viveu uns tempos em communhão com a sua amada. Um dia não resistiu e foi á fazenda espial-a ás occultas. E' aqui o lance culminante do drama. Elie que a deixara linda e tinha sua imagem fortemente impressa no coração, viu-a passar.

"O que eu via não podia ser Candida, a doce creatura de minha amizade. Suas feições, tão serenas e meigas, tinham-se avolumado de tal jeito que a tornavam horrivelmente disforme. As orelhas muito grossas como que se despejavam e cahiam para deante. Tinham-se apagado as sobrancelhas e as palpebras entumescidas desciam sobre uns olhos mortos, sem brilho, velados pelas excrescencias invasoras dos tubérculos".

Lancinante esta scena e magistralmente descripta, dando a medida das altas qualidades de romancista de raça que é o autor. Estylo correntio, sem defeitos, sem arrebiques, todo plasmado nessa simplicidade que é o segredo de todos os verdadeiros escriptores, Ranulpho Prata é, em summa um perfeito artista do romance e ha tudo que esperar da sua sensibilidade de eleito e da sua penna pura de amaneirados ou vicios da moda.

*João G. de Freitas — COMOROS, contos. — Pelotas, 1922.*

O sr. João G. de Freitas gosa em seu meio literário de uma justa Teputação. E' um escriptor de múltiplas aptidões e talentos, e seja qual for o genero que verse, critica politica, theatro ou novella, fal-o com muita liberdade de acção. E' eloquente e imaginoso. Possui um estylo claro e



correntio. Este seu ultimo trabalho, "Comoros", é, porventura, o melhor que tem produzido. E' uma collecção de contos todos muito interessantes, que se lem com prazer.

RECEBEMOS MAIS:

*Revista Brasileira de Engenharia*, publicação mensal dirigida por J. Pantoja Leite, professor da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

*Revista de Educação*, dirigida pelo sr. Raul de Paula.

*Itiberc*, mensario de arte e literatura, sob a direcção do sr. Zenon Leite. Paranaguá.

*Revista da Sociedade Rural Brasileira*, S. Paulo.

*A Lavoura*, boletim da Sociedade Nacional de Agricultura. Rio de Janeiro.

*Rasscgn* *Nasionale*, Roma.

*Santa Casa de Misericórdia*, Piracicaba. Relatorio apresentado á Assembléa Geral Ordinaria pelo provedor dr. Coriolano Ferraz do Amaral.

*Zoóplilo Paulista*, orgam da União Internacional Protectora dos Animaes. S. Paulo.

*Boletim da Directoria de Industria e Commercio*. S. Paulo.

*Caras y caretas*, Buenos Aires.

*Mercure de France*, Pariz.

*Revue de L'Amérique Latine*, Pariz.

*Nação Portuguesa*, revista de cultura nacionalista, sob a direcção do sr. Antonio Saldanha. Lisboa.

*Chacaras e Quintaes*, S. Paulo.

*Nosotros*, a magnifica revista dirigida pelos srs. Alfredo A. Bianchi e Julio Noé. Buenos Aires.

*A missão social do medico e da mulher, no Brasil, cm face da eugenia*. Conferencia lida na Academia Nacional de Medicina pelo dr. Antonio E. de Gouveia. Ribeirão Preto, S. Paulo.

*Incr-Amrica*, mensario de cultura geral. Nova York.

*Revista Acadêmica da Faculdade de Direito de Recife*. Imprensa Industrial, Pernambuco, 1922.

*La France nouvelle*, revue mensuelle, Pariz.

*Journal des débats politiques et littéraires*. Pariz.

*Atenco de Hotiduras*, dirigida pelo sr. Froylán Turcios. Tegucigalpa.

*La Revue de Genève*, Genebra.

*Prytaneu*, excellente revista dirigida pelo sr. Motta e Albuquerque Filho. Pernambuco.

*O estudo*, revista de educação e ensino, orgão dos corpos docente e discente do Gymnasio Anglo-Latino. S. Paulo.

*Boletim de servidos de la Assoeiación dei Trabajo*. Buenos Aires.

*La Revue Moniale*, Pariz.

*La Chimère*, bulletin d'Arte Dramatique. Pariz.

*La Revue Hebdomadaire*, Pariz.





## NOTAS DE ARTE

---

TULLIO MUGNAINI e OSWALDO TEIXEIRA

**P**UBLICAMOS neste numero os retratos e algumas reproduções de telas destes dois artistas, fadados a um posto saliente no mundo das artes.

Mugnaini de ha muito que é carinhosamente acompanhado de perto por todos quantos em S. Paulo curam de arte. Seus estudos são colecionados e disputadas pelos amadores, que sabem o valor que terão um dia. E, de facto. Mugnaini cada vez mais confirma os prognosticos dos que viram nelle um futuro grande pintor, personalissimo, capaz de uma arte forte, rica de todas as qualidades que distinguem os raros eleitos. Recebido agora no *Salon* de Paris, essa honraria em nada o augmenta. *Salonizado* ou não, Mugnaini é sempre a mesma forte esperança de S. Paulo, sua terra natal, que o descobriu desde cedo e nunca duvidou da sua victoria.

Oswaldo Teixeira é outro excepcional. Mais moço, e menos pessoal do que Mugnaini, tem feito notáveis progressos e já denuncia o artista completo que inculca. Muito trabalhador, convencido de que o caminho é árduo e de que sem lueta acérrima não ha victoria duradoura, estuda como poucos e progride a passos agigantados, fazendo prever que nelle o Brasil terá um dos pintores que mais o honrarão amanhã. Publicando algumas reproduções de trabalhos destes dois notabilissimos artistas, a "Revista do Brasil" rende o preito de homenagem que jamais regateou ao talento verdadeiro, ao esforço e á ausência de cabotismo.



OSWALDO TEIXEIRA

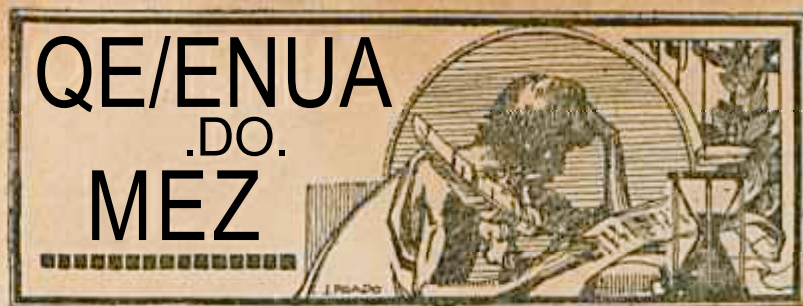




RETRATO

por Oswaldo Teixeira





### NOTAS LITERÁRIAS

Do Sr. V. Clavel, director da "Editorial Cervantes", de Barcelona, recebeu o Sr. Monteiro Lobato uma honrosa carta, relativa á edição em' hespanhol de um seu livro de contos, sob o titulo "El comprador de haciendas".

Della transcrevemos alguns trechos: "Su libro lo liemos publicado con verdadero placer y par<sub>a</sub> mi será un motivo de orgullo haber contribuído modestamente a dipusion de su excelente obra literaria en Espana y America Espanola. Sus cuentos son verdaderamente admirables y al leer el libro quedé convencido de su gran talento y de sus condiciones de cuentista eminente, muy digno de ser comparado con

Guy de Maupassant. En quanto a la venta de su libro, nada le puedo decir todavia, porque V. sabe lo que cuesta imponer un nombre nuevo en el mercado de libros; pero no temo pérdida alguna".

Está no prelo dos editores Monteiro Lobato & Cia um novo livro de Oliveira Vianna — "Evolução do povo brasileiro", obra valiosa como quantas saem da penna do eminente sociologo que é hoje a grande figura do pensamento nacional. Prova disso está na anciedade com que é esperado esse livro.

### OSCAR FREIRE

Tres mczes apenas nos affastani da morte de Oscar Freire, mas são tão nitidos e firmes os recortes de sua acção durante a vida que não nos ha de illudir o entendimento o que houver de paixão, de soffrimento, de amizade conternada no commovido adeus com que, ao seu traspasse, elle foi glorificado em São Paulo, primeiro, e depois na Bahia. Já se presente agora, de um só golpe, pura a força e a belleza de sua obra, fadada á larga historia.

Não lhe foi necessária uma longa vida para conquistar essa consagração. Aos 40 annos termina um cyclo grandioso de operosidade que daria para encher uma

existencia aproveitada até a extrema velhice. Tudo, porém, em sua vida parece que o estava advertindo da pressa com que teria de passar pela terra. Cedo, muito cedo, a intelligencia abriu-se-lhe em aneios de saber; o estudo o prendeu; e aos 14 annos já estava matriculado na Faculdade de Medicina da Bahia. No quarto anno do curso começa a ensinar; desabrocha em florações promissoras o adolescente, que, se outro fosse, mal teria tempo paia começar a aprender... Trabalhos scientificos de vulto, publicados antes da formatura, dão-lhe ao sahir da Escola o respeito e a admiração quasi de um



mostre. Tinha 20 annos. E' o alvorecer para todos; para elle era já o meio dia da vida.

Acontecimento imprevisto elevado em pouco, com a morte do professor Nina Rodrigues, que finou tão moço, ao posto do mestre na gloriosa Faculdade bahiana, depois de experimentada, em memorável concurso, a sua competencia no difficil departamento da medicina legal. Tem pressa. Não ha tempo a perder. Tão vasto era o plano de trabalho a que se propunha no ensino e na organização da cadeira para que entrava como substituto que os seus collegas o recebem como uma pretensão desmedida de rapaz. Ninguém pôde imaginar, nem mesmo, tantas vezes, seus proprios detentores, os designios a que o destino os propõe. Sete annos bastaram para dar completo desempenho á tarefa a que se entregára. Tomando posse do logar de cathedatico de medicina legal em 1914 já apresenta terminado o trabalho que, por ordem natural, só agora devia começar...

Não descança! Premiado por seus esforços, não se detem um só momento na contemplação de suas victorias; continúa a mesma actividade que até então desenvolvêra, redobrada, quicá, de novás e mais surprehendedentes manifestações. São trabalhos que publica, theses que inspira, realisações que effectiva, e os enthusiasmos que desperta, a caudal de energias que movimentam e anima em forças irresistiveis.

Aos 35 annos é um nome feito na especialidade que escolhera. As notabilidades regionaes, que tão difficilmente ultrapassam os círculos onde se desenvolvem a sua actividade, tem nelle, em idade tão moça, uma incontestável excepção á norma habitual. As vibrações de seu renome chegam a todos os nossos centros adiantados e vencem as fronteiras de paizes estrangeiros.

Foi neste momento de seu prestigio que Arnaldo Vieira de Carvalho, num golpe de sua visão penetrante, foi buscal-o para a nossa Faculdade, encarregando-o de organizar a cadeira de medicina legal da escola nascente. O que elle fez em São Paulo, para a Escola que o teve como mestre e para o meio em que pontificou

por cinco annos, não é de se condensar nestas linhas ligeiras.

E' simplesmente assombroso o que este homem formou, desenvolveu como trabalho e sedimentou como saber em tão curta existencial. Correu-lhe breve a vida, mas foi fecunda e sadia em fruetos opimos!...

Se elle devia ao talento o alto relevo que o distinguiu, deveu á prodigiosa actividade a sua obra de realisação. Fel-o sábio a insaciável curiosidade, que lhe trazia sempre attenta a observação e lhe amenisava o estudo dos mais áridos problemas. A leitura era o seu deleite predilecto. Tudo lhe interessava e tudo assimilava, sendo prodigiosa a vertigem com que lia, sem nada perder. Etmj notas de um "diário", a que dera apenas inicio, deixou referido que, certa manhan, entre outras coisas, lêra tres volumes de uma obra... Todos os assumptos o prendiam. Reunira nos últimos tempos, para entretel-o nos poucos lazeres, o que havia de mais interessante sobre a vuigarisação da theoria de Einstein: lera e entendera, e com que lucidez dissertava depois a respeito. Esta ultima circumstancia lhe assignala um traço característico: Oscar Freire tinha necessidade de levar a outros o fruto de seus estudos ou de seus trabalhos. Era professor por tendencia natural!...

Em sua bibliotheca agia como senhor absoluto tal a segurança com que lhe manejava o opulento material. Trazia systematicamente classificado e fichado o que entendia com a sua especialidade; o mais e pode-se dizer que era tudo, estava sob a guarda de sua prodigiosa memoria. Não tendo em ordem apparente seus livros causava espanto a facilidade e promptidão com que os dispunha para qualquer trabalho. Veio dahi lhe chamarem Íntimos o gabinete de estudo "o caos-organizado". Era de ver, realmente, a segurança com que dentre montes e montes de folhetos, um pouco por t#da a parte, tirava o que convinha para satisfazer a uma consulta de momento, e o mais que movimentava para ser copioso em informações sobre o caso, ora appellando para notas pessoaes, ora para um livro, ora para outro, na literatura de todo9 os paizes. E com que rapidez reunia os dados, unia-os, animava-os, e dava por fim, com-



pleto e luminoso o seu parecer! Qualquer que fosse o problema a solução tinha sempre esta forma lúcida e abundante, dissesse respeito não só aos seus estudos especiaes, como o assumpto outro, fosse ainda de medicina, ou de arte, de philosophia, de linguistica, de historia, ou até mesmo de direito.

Mostrava particular carinho pelos estudos de nossa medicina pátria, que conhecia profundamente como atestam seus numerosos escriptos, e pelas questões, atinentes ao ensino superior e secundário, razão que o fez chamado de "consultor geral do ensino" entre seus collegas da Bahia.

Trabalhador formidável, não era, no entanto, methodico no seu trabalho. Estudando ou produzindo, cuidava sempre de vários assumptos a um tempo, a cada um dedicando, ao sabor das disposições de momento, a sua atenção, por mais absorventes que fossem. Por isso, grande foi o numero de escriptos que deixou inconclusos. Perfeito no que fazia, ninguém lhe perceberia a feição fragmentaria de sua actividade; dava, ao contrario, em todos os seus trabalhos a impressão de um esforço continuado. Dos mais vultuosos mesmo experimentava-se a illusão de que em sua vida nunca de outra coisa tratava fóra da questão em debate, tão profundo era no seu conhecimento, exaustivo nas citações, copioso no contingente pessoal com que, ás vezes, chegava a dar novo aspecto a uma these consagrada. Estimulava-o a obsessão da verdade completa, verdade que queria sentir, fibra por fibra, em todo o problema e nos seus menores detalhes. Dahi a tendencia sobre tudo analytica do seu espirito. Desconfiava das syntheses nas questões complexas, por entender que era apenas, de commum, um meio elegante, quasi sempre seductor, de mascarar a realidade, que só analyse podia encontrar. Foi este pendor accentuado de sua intelligencia que lhe valeu, em grande parte, os titulos de notável investigador. Vêem-se claramente estes traços de sua mentalidade em todos os seus trabalhos, bastando citar apenas, como modelos mais vivos no particular, os seus estudos sobre as moscas e sobre a resistência do arsénico á cremação.

Copioso e lúcido no argumentar, agil e presto no rebater ás objecções ficou por

conhecer-lhe a face mais impressionante da intelligencia quem não o viu expor, discutir, sustentando uma idéa.

Com estes contingentes todos, armado de aparelho magnifico da expressão verbal e escripta, ambas fieis e dúcteis, não é de admirar a fama que grangeou de professor extraordinário e o renome, que se perpetuará na historia, de homem de sciencia, probó e autorisado.

Para aquilatar das suas qualidades como homem de acção e de energia não é preciso ir além do que elle mostrou em São Paulo; bastaria sómente recordar a pertinácia indefectível com que se bateu para a criação do Instituto de Medicina Legal da Faculdade e o que trabalhou depois para a sua feitura. Deixou, infelizmente, em meio a obra formidável que planejava; dá-lhe, porém, de inicio, singular relevo ter sido ella o primeiro passo de effectivação do plano grandioso da futura Faculdade de Medicina de São Paulo, que Arnaldo Vieira de Carvalho aspirava fosse o mais aperfeiçoado centro de ensino e estudo de medicina na America do Sul. Quem visitasse o edificio portentoso que se ergue nos altos do Araçá, guiado pelo mestre que o havia delineado, sentindo a segurança do seu plano, sopesado nos melhores detalhes, senhor das inspirações que o guiaram ou esclarecido da amplitude de seus altos destinos, achava com a impressão inabalável de que o sonho de Arnaldo Vieira de Carvalho teria, ao menos na parte affecta ao docente de medicina legal, a mais perfeita realisação. Oscar Freire tinha o privilegio raro de movimentar o seu talento com o mesmo desembaraço quer, no alto, na esphera das cogitações theoricas, ou, em campo raso, no terreno da pratica, das realisações fecundas, como se uma e outra coisa se prendessem á maneira dos élos de uma mesma cadeia. Se em face da primeira, justificando o que pretendia, usava a lógica do raciocinio para convencer, tinha para a segunda, não raro, a prova incontestável de obra semelhante realisada, como no caso, a do Instituto Nina Rodrigues, da Bahia, que fundara e dirigira e que é ainda hoje, um modelo de organisação no genero.

Força é, finalmente, que procure traçar de algum modo as feições de sua alma de homem affectivo. Vazio dos

predicados mais essenciaei, anima-me, porém, á grata tarefa o que elle me deu em intima amizade e constante convivência. Outro fosse eu, em manancial tão rico, e fácil lhe seria agora aquilatar o valor e traçar as linhas encantadoras.

De alguém, seu amigo dos mais Íntimos, já ouvi dizer, certa vez, que era igualmente grande pelo cerebro como pelo coração. Realmente, não sei de alma mais affectuosa, nem mais nobre, nem mais bondosa do que a desse homem excepcionalmente intelligente. Ao seu contacto, ligeiro ou demorado, nada havia que desse a impressão do grande homem: chão, simples, despreoccupado e prazenteiro, dava entrada em sua convivência a quem delle se approximas»e; e, se afinava com suas cordas, em pouco já lhe occupava lugar na estima; mais um passo e já o contasse como amigo. Não surprehende, pois, ao contrario facilmente se explica que tivesse sido grande o circulo de suas amizades. E ninguém houvesse como vão o epitheto: «amigo! A quem elle lhe desse era capaz de todo o sacrificio, defendel-o-ia com ardor de um irmão, exultaria com as suas victorias e compartilharia dos mesmos infortúnios.

Não era amizade difficil de ser conservada; a franqueza completa e sem rebuços nunca deixaria pairar no espirito de seus íntimos o mais leve mal entendido, que é o meio caminho da prevenção, e que tantas vezes, como a ferrugem, corroe e quebra o aço das melhores affeições.

A facilidade que sentia para dizer acertado o procedimento de um amigo era a mesma que mostrava quando o entendia errado. Por isso, frequentemente, mesmo neste terreno perigoso, accendiam-se discussões acaloradas, que punham em sobre-alto os que lhe não conheciam bem o temperamento, mas que terminavam sempre em boa paz, sem subentendidos nem resabios recalcados. No calor do debate podia dizer, fosse o que fosse, «em offender, pois nunca ninguém lhe descobriria a setta envenenada de uma intenção má escondida. Era recto, claro, ás vezes rude, mas sempre nobre o seu pensamento. Para o companheiro criticado seria, ao contrario, motivo de orgulho e calor e o ímpeto com que despedia a palavra, onde se sentia o interesse, a dedicação á mostra, a ami-

zade inteira a palpar e abrasar-lhe as intenções. Estaria nella, vibrante, a prova do seu desvelo: não lhe ouviria jámais uma observação qualquer que não fosse de sua intimidade completa; guardava com os demais, ainda quando admitida boa camaradagem, a reserva íntima e inviolável que só a amizade vence e domina nos corações que formaram juntos raizes profundas.

Não procurava entreter sympathias á custa de elogios fáceis, ainda quando esses fossem justos: o horror de parecer insinceros os continha dentro de si. Queni soubesse, portanto, de uma palavra sua de applauso rasgado, estranho ou companheiro de todo o dia, ficasse certo que era um sentimento que não pudera conter... Detestava o elogio face a face, que chamava de "corpo presente"; muita vez o vi neste embaraço, em que mal disfarçava o desgosto enleado em confusão de que não sabia como sahir. A simples modéstia de que foi exemplo perfeito não bastaria para se lhe comprehender esta feição particular; com a convivência, porém, ver-se-ia nisso, a mais, uma insopitavel exigencia de sinceridade, ta' a differença entre a cordura com que tolerava o applauso de amigos que lhe não escondiam as criticas menos agradaveis e a contrariedade sempre viva com que o repellia vindo de estranhos e tanto maior quanto estes mais indifferentes.

Como quem buscava em tudo a verdade era um torturado da duvida. Não havia problema por mais intrincado que lhe resistisse á critica, extractando-lhe a essencia, entrechocando os prós e os contras da questão, agil e vigoroso, como um malabarista prodigioso da lógica, ora descobrindo vida e força numa idéa de ha muito abandonada, ora mostrando longinqua a victoria, onde já parecia tão certa e próxima.

Nada lhe escapava á analyse fina e aguda, e delia se valia como de instrumento seguro, nos embates dos pensamentos mais agitados e incandescentes, não a esquecia tão pouco, nos dias agrestes de pessimismo, para o estudo introspectivo e silencioso dos soffrimentos, vasando pelo seu crivo até mesmo esses mil nadas da vida, que, como mariposas massantes, voltejam sobre todas as cabeças. Não resistia a



curiosidade de palpar o segredo da alma humana, buscando alcançá-lo no recesso da própria ou das alheias... Tinha a atracção irresistível do desconhecido, a ancia, a volúpia desse mar movediço de areia, que é o domínio das incertezas!

A duvida gerava-lhe a desconfiança. E» em certos momentos, desconfiava de si proprio, de suas forças, de seus méritos, desconfiava de tudo! Era o aviso máximo do seu esgotamento, a existencia suprema de repouso de suas energias ex-haustas, e a que não podem fugir os melhores machinismos. Breve era o descanso, em pouco se refazia; e eil-o novamente no turbilhão em que vivia, ostentando no espirito «adio o mesmo sonho de trabalho, o mesmo ideal e a mesma fé inal-terável no futuro.

A vibratidade extremamente viva do seu espirito foi certamente o solo propicio em que lhe nasceu a affectividade sensibilissima. Adivinhava-a quem o conhecia apenas: sentia-a, desconcertante, quem o teve como desaffecto, que foi generoso e magnanimo; mas sobretudo a gosou, em suavidades deliciosas, quem lhe mereceu as graças da amizade, e, ao contacto de todo o dia, pôde sentir o encanto e a delicadeza de sua alma, a dóse de tolcrancia e de infinita piedade com que julgava os homens, sem lhe alterar a rectidão inflexivel, a fortaleza de animo,

a perfeição e a belleza de todos os sentimentos nobres e elevados que formavam os elementos componentes de sua completa organização moral.

Viveu sempre dentro de um grande sonho. Era um idealista no mais largo sentido desse termo. Talvez esteja ahí a razão porque viveu contente e se entendeu sempre bem com os moços, para quem, oh, justo premio! dirigiu, comovido, como numa despedida, as ultimas palavras que pronunciou em publico.

As aggressões e as injustiças da vida, no convívio com os homens maduros, podiam dar por vezes o arrepio de que iam, tocar-lhe, no alto, o Ideal. Vão temor! Vigilante, lá estava o olhar agudo da aguia. Espalmava as poderosas azas, fendia o espaço em demanda do pincaro de outros sonhos, levando comsigo, no seio, o symbolo sagrado para protegi-lo da mira calculada dos matadores da fé, cspingardeiros de tocaia, amigos da humidade, que o espreitavam cubiçosos de fundo das grotas.

Este ideal pairou nos cimos, inacessível, até o seu ultimo momento. Morreu com elle e por elle; e, talvez, tenha morrido feliz: resignado, ao menos, do que soffreu na terra...

*Oswaldo Portugal.*

(Da *Revista de Medicina*).

## FRANCISCA JULIA

Na arte, como em tudo mais dentro da vida, ha o aristocrático e o plebeu: Ee-conte de Eisle e Zola, Carlyle e Nietzsche, Byron e Robert Burns. Ambos podem ser magnificos, senhores de poderosos segredos de belleza, de subtilezas de idéa, de prodígios de fôrma; porém sempre serão diferentes — sacrificando a mesma divindade, sacerdotes do mesmo culto, irmãos no ideal, estarão tão affastados um do outro em triumphos e revezes qual se vivessem em mundos diversos... Cada um sonha e serve á sua maneira.

Francisca Julia é uma aristocrata. Sua arte é uma expressão de arte superior, como synthese e como symbolo. Neila ha o deslumbramento que alfombra de illusões o passo de Peer Gynt, a

intuição que matou Selysette, e a duvida — essa iniciadora mai9 fecunda que qualquer certeza — ultima companhia de Brand.

Seu verso é extranho e solitário, interprete da belleza e da bondade, onde quer que as encontre ou presinta. Nelle palpita essa luminosa intuição da verdade, essa paixão febril do irrelvelado que sagram seus eleitos entes áparte dentro do mundo — entes cuja existencia alheia á turba, se passa num universo que, á feição dos deuses, criam para seu sonho.

Quem comprehender Francisca Julia pensará, lendo-a, ler alguém vindo de longe, de muito longe, do outro lado do ignoto, de um sem nome onde tudo tem



significação mais profunda, alguém cuja alma inda recorda o esplendor do que deixou atrás, mas cujo coração ama e estima a tristeza encontrada na terra.

Por isso sobre todas as paixões reflectidas cm sua arte paira, poderosa e tranquilla, a paixão luminosa da vida.

O sentimento na obra de Francisca Julia é profundo mas calmo — não tem allucinações nem se atira, aos uivos, contra o destino, amaldiçoando freneticamente as forças secretas elaboradoras dos acontecimentos. A poetisa santista amava o irreal, realidade para os sonhadores; apaixonada do pensamento, sabia ser de tortura o tributo que o pensador paga — e sorria... exaltava nessa tortura o bem disfarçado em mal, para abençoar...

Sente-se em todos os poemas dessa poetisa extraordinaria que ella passou pela terra como as criaturas êxules passam, sósinha, sem encontrar nunca, a uma curva da estrada, alma gemea que a entendesse e pudesse sonhar com ella o grande sonho... E sente-se isso porque toda a sua obra é um tumulto de desespero e angustia, calado numa resignação orgulhosa.

Sua maneira de ser, a feição por que pensava, condemnaraim-na á solidão. Raros lhe comprehendiam o espirito sequioso do infinito, cheio de frêmitos e extases. 1) que entre os poetas do Brasil essa poetisa sobressae, não raro, pelo modo pessoal de sentir e pela originalidade de interpretação.

A' musa impassível, que exora, pede movimento — quer sentir a ebridez da ascensão, *immensidade cm fóra* até o desconhecido, onde, num chammejar febril, ladeado pelas horas que Guido Reny engastou na têla eterna, o *áureo plaustro do sol nas nuvens solavanca*. Almeja mais ainda do que fitar os olhos no berço de ouro de Apollo: deseja ir á morada dos deuses e, com elles, mirar, exurgindo ao olvido, abrindo tumulos e violando hypogeus, *passarem através das brumas seculares os poetas e os heroes do grande mundo antigo*...

Que maior ideal que essa reconstituição prodigiosa de symbolos cultos e luctas extinetas, feita na presença irmã dos

immortaes? Isso demonstra que a impassibilidade, como a interpretava a poetisa, é mais serena que impassível e admite curiosidade, ambição de conquista, afan de peleja e esplendor de realisação...

Capaz de tão larga expansão transcendente, como devia ser rica de vida interior essa criatura cujo subconsciente vibrou á significação real das contingências e cujo coração acolhia emoções alheias, qual se fóra um estuário de paixões e desgraças!

Quão possante a sensibilidade dessa pantheista vibrando a cada farfalho, fremindo a cada gorgeio, amando, enfim, apaixonadamente as expressões multiplices da vida, qual a sacerdotiza pagã da terra, trazendo a natureza toda consubstanciada no proprio ser!

Assim, com o dom feiteiro de espelhar em sua alma a grande alma universal, Francisca Julia, fascinada do mysterio e do absoluto, tinha de soffrer forçosamente a attração inilludível da índia das philosophias e das purificações espirituales.

Quando celebra o homem, busca nas lendas anteriores á Biblia — em Admah, o Adão primitivo — aquelle que vai exaltar; e os que amam, como ella amou, o paiz lendário onde o sacrificio e a tortura são prazer e alegria, patrias do principe-mendigo e do poeta-apostolo, berço da renuncia terrestre que é divinização, sentirão passar, vibrante, em cada verso de *Espinghes e Mármores* sobre livre e largo de alfinismo, ensinamento dos Vêdas que, inda hoje, no silencio dos bosques indús, fortalece e redime o coração dos fakirs e dos illuminados.

Francisca Julia adivinhou quasi o que elles sabem e, em sua passagem por este planeta, alheou-se muitas vezes recordando existencias passadas ou em previsões de vidas futuras...

Essa deslumbrada comprehensão da magnificência espiritual da índia não impediu — e porque o impediria? — que Francisca Julia fosse christã. O christianismo é um syneretismo religioso e, guiada por elle, a artista-pensadora»

prclustrou senda, hodiernas e foi beber sabedoria em fontes vetustas.

Sendo christã segundo seu espirito sedento de liberdade, sua crença não lhe deve ter vindo de subito como a revelação, que cegou Paulo na estrada de Damasco, e sim lentamente, flôr de meditação e fructo de consciência. Não lhe criou por isso limites <sup>30</sup> pensamento nem a fechou num cárcere de intolerância. Deu-lhe, ao contrario, a visão piedosa das certezas e das incertezas humanas, apagnagio de sua arte.

Seu Deus não é o clássico *Dieu de la foudre, Dieu des vents, Dieu des armées* nem um Christo colérico expulsando vendilhões, a látigos, do templo, mas um Christo sonhador e melancholico, escravo da volúpia de perdoar, que esconde nas dobras do manto divino as mãos feridas, para que os homens se não lembrem de o ter maltratado...

Parece-me que Francisca Julia — sendo embora a maior poetisa do Bras'1 — não desempenhou a missão de belleza a que veiu. Seus livros, por si grandiosos, não lhe traduzem inteiramente a capacidade artística. Falta a seu verso a

nota sem igual da expansão completa, o rythmo inconfundível da poesia que alcança, cantando, a mais perfeita conquista de arte.

Diz-se-ia que Francisca Julia nunca perdoou as interioridades do mundo, e quiz guardar, para o culto secreto de seu sonho, a mais alta expressão de seu talento. Ou será que ella não tenha presentido, entre as lides e injustiças do meio adverso, toda a possibilidade genial que representava?

Temos porém, desde já combatendo a ultima supposição, a lembrança do orgulho da poetisa e da esplendida confiança com que decantou.

Não servia confusamente, pensava de si para comsigo, mas com desassombro e enthusiasmo, segura do que legava de bello aos homens.

Tinha razão Francisca Julia pensando assim... De todas as vozes femininas que têm cantado em nossa America, a mais fecunda e duradoura é a dessa poetisa, a quem a Perfeição sorriu, por vezes, numa rima... num verso... num pensamento... cuja arte é a própria alma esquivada da Belleza, feita harmonia...

Rosalina Coelho Lisboa

("Revista da Semana", Rio).





## DEBATES E PESQUIZAS

### O DIA DE TRABALHO E O SALARIO

Insistamos nesta verdade, digna de insculpada no pedestal das aspirações operarias: *O trabalho de cada homem produz mais do que o essencial para que elle viva e se perpetue.* E' proposição que passa como lei sociologica, formulada ou descoberta por Augusto Comte. Mas nunca se soube que fosse ella, algum dia, negada, ou que tivesse jamais sido desconhecida pelos homens. E' uma dessas trivialidades axiomaticas do saber comum.

Na falta de um metro economico, para dar ao capital e ao trabalho a justa contribuição de cada um, na produção em que ambos cooperam, respeite se, ao menos, a lei acima indicada, dando-se ao trabalho actual aquillo que, visivelmente, lhe pertence, isto é, o mínimo de compensação essencial á dignidade da sua vida.

E' preciso ir alem: visto como o trabalho integral do homem, diligente e sadio, produz mais do que o necessário a 1<sup>o</sup> se mantenha e se perpetue, a retribuição do capital pelo trabalho comprado deve ser mais do que o mínimo de subsistências do operário e sua familia.

Ou então, para o mínimo de subsistência, é justo que o trabalhador não

seja obrigado a dar o máximo de energia diaria, mesmo sem prejuizo de sua saúde e de sua raça. Si lh'a dér, e, com isto, não prosperar, ha pelo menos a suspeita de que o exploram, de que não está "gozando ou soffrendo os resultados bons ou maus de suas acções", mas penando uma insufficiencia economica, por usurpação de um poder mais alto que suas forças.

Dahi o dever do Estado de fixar o Salario minimo, não só dos menores, mas de todos os operários.

Este salario minimo não pode ser inferior ao custo da vida social.

Este salario minimo não implica a venda de todas as horas possíveis do dia de trabalho, pois que, repitamos, os seus productos, mesmo não associados aos trabalhos alheios, excedem á satisfação normal das necessidades irreductiveis.

Daí o dever da lei em fixar o salario minimo. Prohíba ao operário trocar por menos o seu trabalho. Violência? "Faz parte da liberdade individual, sem duvida nenhuma, o direito de antepormos a outro qualquer o alvitre mais do nosso gosto, embora arriscado, si os riscos forem nossos. Mas esta noção não se applica ás classes. As classes, licitamente, podem e





devem ser protegidas contra os seus próprios actos quando elles se entrelaçam com as exigências de conservação da sociedade". (Ruy Barbosa, A Questão Social). Não se trata da observância de contractos livremente celebrados, mas em "dar, fóra desses contractos, acima delles, sem embargo delle, "por intervenção da lei", garantidos direitos, remédios que, contractualmente, o trabalho não conseguiria do capital" (Ruy Barbosa, op. cit.)

A fixação do salario minimo é uma providencia, e não uma oppressão. Bem pensado, nem sequer cerceia a liberdade, porque não é liberdade o poder que constrange o homem a escravisar-se.

Mas, fixando o salario minimo, terá, no mesmo ponto, a lei de fixar as horas máximas do dia, a que este salario corresponda.

Este máximo é, necessariamente, menos que as horas todas do trabalho quotidiano, possível, dentro do respeito ás condições physiologicas de conservação da especie. Si raiasse na maxima capacidade diaria de energia, a fixação legal das horas de trabalho importaria em desviar, para as algibeiras do capitalista, parte dos productos pertencentes ao trabalho, seria o caso inequívoco do "super-trabalho", a produzir "sobre-valor".

Mas, determinando o máximo de horas por dia, para o minimo do salario essencial á conservação da força de trabalho, não vemos porque haja a lei de prohibir ao operário mais de tantas horas de trabalho por dia ou por semana. Aqui as prescrições da lei já não patrocinarão a justiça nas relações do trabalho com o capital. Este estaria razoavelmente assegurado. Este estaria razoavelmente assegurado na fixação do salario minimo em tempo máximo. Elias visariam, ao contrario, afagando, eternizar a miséria.

Não é esta a opinião dominante nos centros operários. As organizações syndicalistas aspiram, como conquista mais alta, o dia de 8 horas, e a semana de 48 horas de trabalho. Na conferencia de Washington, realizada por força do tratado de Versailles, o delegado do governo inglez, Barnes, exprimiu com precisão o pensamento do dia máximo de trabalho. "Não se trata de limitar o tempo de trabalho, mas de garantir a liberdade de trabalhar as horas supplementares que puder e quizer.

mente de pleitear uma lei que prescreve um dia theorico de 8 horas de trabalho, com um salario supplementar para as horas supplementares de trabalho. O que se quer é que os operários tenham lazes. E' mais o descanso que o salario o que importa".

Attentemos bem nestas razões: "É mais o descanso que o salario o que importa".

Não ha duvida que o descanso deve ser uma preocupação do operário, para resguardar a sua saúde, a energia e o vigor de sua raça. Mas, quando é que os excessos de trabalho se tornam passíveis de amparo legal? E' quando os operários são livremente constringidos a executá-los, para não morrer de fome. Ahi cabe a interferencia providencial da lei. Mas, si já tenha a própria lei fixado, para menos de 8 horas, um salario justo, que exige o operário dessa contingência? Não seria, neste caso, tyranica a lei que obrigasse o operário a lazes forçados?

Replicariam, talvez, com estas palavras de Barnes: "como os salarios são influenciados por muitos outros factores alem das horas de trabalho", o salario supplementar tenderia a desaparecer no mesmo momento em que começasse a ser pago". O receio procederia, si não houvesse o salario minimo obrigatorio para horas máximas. Com esta providencia legal, porém, o receio é vão.

Por outro lado, mais do que a obsessão de garantir lazes, o que importa é assegurar aos trabalhadores meios de lograrem a sua independencia economica, meios de virem a ser produtores independentes. Não que deva a lei descurar da eugenia, do apuro da raça. Mas a raça não degenera, si deixar a cada trabalhador, depois de assegurada a sua subsistência, no salario minimo, para tempo máximo, a liberdade de trabalhar as horas supplementares que puder e quizer.

Façamos justiça ás intenções e motivos dos que propugnam, como dogma intangível, o dia de 8 horas e a semana de 48, ou 44, com descanso dominical. Em primeiro lugar, o salario estava á mercê da livre concorrência, e o operário era obrigado a vender-se, para não morrer de fome. Vendia-se por quasi nada, e dava tudo o que podia de trabalho. Era uma si-



tuação horrível, o cativo da miséria. Não podiam os pobres operários cuidar dos seus deveres de família, de religião, de sociedade. Não lhes sobrava o tempo. Servos da gleba, ou do capital, viviam, como os animaes de carga, para o serviço de um senhor. Não eram homens, mas escravos com farofa de liberdade. Foi, então, que se entraram de adensar os clamores contra o excesso do trabalho diário. A preocupação do descanso dos lazeres essenciaes aos deveres do homem, dominou os espiritos. A idéa da justiça de remuneração ficava na penumbra. Acima delia, urgia humanizar a vida do operário. Comprehende-se, nesta conjectura, a vivacidade destas palavras de Gompers, o delegado operário norte americano na conferencia de Washington: "Si não fosse fixado o dia máximo de 8 horas, melhor seria abandonar o estudo do assumpto, porque os trabalhadores americanos, europeus e dos outros paizes já não consentiriam em trabalhar mais de 8 horas diarias." Em nome dos trabalhadores americanos, estava eile auctorizado a declarar que a semana de 48 horas já não correspondia ás suas aspirações. O que elles pretendem é o dia máximo de 8 horas, com o descanso a partir do meio dia de sabbado, e, pois, a semana maxima de 44 horas.

Como reivindicação contra a absorvençia de todas as horas para um salario que apenas pernütte tolerar a vida, o dia de 8 horas é uma conquista liberal contra a qual nada devem os operários ceder. Mas se se logra esse mesmo salário em menos de 8 horas de trabalho diário, por isto que o trabalho do homem, em 8 horas diarias, excede, naturalmente, ás necessidades do seu sustento, a fixação legal do dia máximo, além da do salario minimo em tempo máximo, é uma tyrannia da lei contra a liberdade do trabalhador. Com ella, o operário vegeta a sua existência em completa pobreza. Ser-lhe-á quasi impossivel economisar, ajuntar dinheiro, pois que lhe pagam o minimo, e, si trabalhar horas supplementares, no mesmo passo, o "salario supplementar tenderia a desaparecer" no testemunho e previsão do delegado do governo inglez. O patrão saberia aproveitar-se dos pretextos que não faltam, para baixar o nivel

do salario de todas as horas ao minimo essencial a que se renega sempre o operário na dureza de salariar-se.

Ao passo que, na formula do salario minimo em horas maximas, menos de oito, com liberdade de trabalhar até a sua natural resistencia, o operário se sustenta com o salario minimo e economiza ou pode economizar com o trabalho excedente ás horas maximas do salario minimo.

As demais razões em que se estribam os apóstolos do dia de 8 horas de trabalho, e semana de 48, ou 44, perdem a importância com a formula de salario minimo para menos de 8 horas.

Uma delias é que, além de 8 horas diarias, o trabalho não rende, o operário perde parte de sua capacidade de trabalho, a taxa geral de produção diminue. Isto é verdade quando se trata do trabalho forçado. Mas o operário trabalha livremente, por ambição, para criar a sua independencia economica, o caso muda de figura. Pois é o que se verificará na formula que preconizamos.

Um outro argumento é que 8 horas quotidianas é a capacidade razoavel de trabalho. Sim e não. Os homens não apresentam todos a mesma capacidade de resistencia. Este haverá que, no fim de 6 horas, estará exgotado, mas aquelle não se cança com 10 ou 12 horas diarias de dispêndio de energia. A cada um pois, naturalmente e livremente, segundo a sua capacidade physica de trabalho.

A verdade é que a prohibição legal de trabalhar além de certo limite, depois de assegurado ao trabalhador o salario minimo, é uma violência á liberdade, venha da lei, ou, mesmo, das organizações operarias. No locar o operário os seus serviços ao capitalista, depois de assegurada a egualdade entre o capital e o trabalho no exigirem a mesma justiça, pleiteamos a liberdade de trabalho. No dia em que os operários comprehenderem que a liberdade do trabalho, sobre a base legal do trabalho minimo em horas maximas, menos que o dia normal, é a certeza da sua prosperidade economica, a intransigência do dia máximo de 8 horas será uma recordação, um marco que ficou atraz na sua avançada victoriosa para a liberdade.

Sampaio Doria.



Si sou um menino  
Gordo e corado  
devo tudo ao  
Biotonico  
Fontoura



# BIOTONICO FONTOURA



## O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

T.P.  
MESSER



# Biotonico Fontoura

## O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Torna os homens vigorosos, as mulheres  
formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA,

A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA

**AUGMENTA A FORÇA DA VIDA PRODUZ  
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE  
SAÚDE EVITA A TUBERCULOSE**

### MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

**Adultos:** 1 colher das de sopa ou meio cálice antes do almoço e antes do jantar.

**Crianças:** 1 colher das de sobremesa ou das de chá, conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

**Adultos:** 2 antes do almoço e 2. antes do jantar:

**Crianças:** 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em injeção intramuscular.

COM O USO DO

## Biotonico

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Aumento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de appetite.
- III — Desaparecimento completo das dores de cabeça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Aumento, intenso dos globulos sanguíneos e hypirleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do abatimento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos debilitados, predispostos e ameaçados pela tuberculose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e de saúde.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a mais antiga.
- XI — Após o parto, rápido levantamento das forças e considera/ti abundancia de leite.
- XII — Rápido e completo restabelecimento nas convalescenças de todas as moléstias que produzem debilidade geral.

O Biotonico Fontoura julgado pela probidade scientifica do professor **Dr. HENRIQUE ROXO**

Attesto que tenho prescripto a clientes ineus o

Biotonico Fontoura e que tenho tido ensejo de observar que ha, em geral, resultados vantajosos. Particularmente, mais proficuo se me tem afigurado o seu uso quando ha accentuada desnutrição e ocoerrem manifestações nervosas, delia dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfot Roxo

Professor de moléstias nervosas da Faculdade de Medicina do Rio.

O que diz o preclaro **Dr. ROCHA VAZ, professor da Faculdade de Medicina**

Tenho empregado constantemente em minha clinica o

Biotonico Fontoura e tal tem sido o resultado que não me posso mais furtar á obrigação (le o recetar.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1920.

**Dr. Rocha Vaz**

Professor de Clinica Medica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura

consagrado por um grande especialista brasileiro

Attesto ter empregado com os maiores resultados na clinica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1921.

**Â. Austregésilo**

Professor cathedatico de clinica neurologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

**Palavras do eminente cientista Exmo. Snr. Dr. JULIANO MOREIRA**

Tenho prescripto a doentes, meus e sempre que lhe acho indicação therapeutica o

Biotonico Fontoura

RTO de Janeiro, 20 de Julho de 1920.

**Dr. Juliano Moreira**

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"  
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo.





## CURIOSIDADES

---

### O UYRAPURU'

Dava o que falar em toda a margem do rio do Ouro, desde a confluência com o Xapary até As cabeceiras que por uin triz não desaguam também no Yaco, a sorte excepcional «lo Fortunato da Candinha, que collocado num papiry miserável acima «la cachoeira cio Buraco, fazia mais negocio que muita casa sortida muito regatão abarrotado, estabelecidos ou transitando num curso de quinze léguas.

E todos os que »Iludiam ao negocio «lo "cabra" terminavam por frizar a versão corrente de que a Candinha tinha "uyrapuru' preparado".

Ah! O uyrapuru'! Quanta coisa inverosímil ou simplesmente absurda, tem-sc dito de sua figura e do seu canto que poucos têm logrado a ventura de vêr e ouvir e do prestigio do seu sortilégio de que todos falam, criando-lhe novas fôrmas e novas abusões!

Ave rara, quasi microscópica, em dez annos de pervagar pelos meandros selvosos da Amazónia, uma só vez pude vel-a e duas ou tres ouvir-lhe o canto, mavioso assobio que parece tirado em flauta de oiro, pelo sopro

divino de um sylpho errabundo na floresta.

Desgracioso, vulgar de fôrmas, pequenissimo, coberto de pennas vermelho-sujas e desbotadas, o rei da harmonia, passa despercebido na riquíssima variedade ornithologica da Amazónia, que entretanto cresce, lendarlza-se com a fabula e a poesia do ignorado cantor.

Da sua existencia de mysterio, só fragmentos de lendas nos falam: que faz os ninhos nos taxizelros para que as formigas defendam-lhe os filhos, ou matem-nos na sanha que lhes provoca o appareimento de intrusos: por isso, o não encontrar-se um só exemplar vivo: que quando canta e Isto observamos, é facto, ha um silencio quasi absoluto na matta, pois os outros mimaes aves não se atrevem a erguer a voz: que os pássaros o seguem horas e horas, numa adoração após o canto: que morto e embalsamado, dá sorte a quem o possui desde que não seja o seu matador, a quem succedem males se o conservar em seu poder e, finalmente, que ao cahir morto deve-se observar a posição, pois se fôr embor-

eado é talisman feminino, se de papo para cima masculino e se em outras posições é propício ao jogo, commercio, etc.

As vezes em que o ouvi cantar, fôram todas antes do nascer do sol, inda na meia sombra da aurora, pousado na mais alta arvore da redondeza, um cedro gigantesco e erecto.

Após ouvir-lhe as melodias, espantei-o com um tiro dado a esmo e como da arvore apenas voasse o exemplar que já descrevi, supponho ter visto o uyrapuru'. Entretanto, embalsamado ou dissecado, muitas vezes tenho visto, postos á venda, especimens completamente differentes daquelle e que julgo passaras diversos fraudulentamente impingidos pelos regionues.

Uyrapuru! Mistério e poesia das selvas amazônicas!

Mas, perdido o fio conductor deste trabalho que não é conto e nem mera descripção de um typo curioso de nossa avi-fauna, vejamos se consigo explicar a sympathia que bafejava a casa de Fortunato.

Só se lhe vinha do nome. Porque de physico e de maneiras elle era

mesmo o paradigma da antipathia — bom de genlo apenas. Mas a mulher, n Candinha, máximõ numa terra onde mulheres contam-se com os dedos, era o que se podia chamar uma joia.

Quasi hella, amável até aos cumulos da gentileza, sabia fazer admiradores e por consequência freguezes.

O certo é que, canoas ou batelões, lanchas ou regatões, passantes a pé ou comboielros, todos faziam parada no porto do Fortunato.

Tal era a sorte da Candinha que um dia, numa rifa em que ignorava ter assignado bilhete, sahlu-lhe um par de brincos de valor e tão bellos que um regatão presente offereceu-lhe incontinentemente um conto de róis.

A Candinha recusou — para não perder a sorte. Todos se entreolharam e mais tarde, sob o toldo da pequena embarcação de commercio e pirataria, ouvia-se:

— Ella tem uyrapuru' preparado!...

— E preparado p'ra tudo porque tendo cahido emborcado serve até p'ra jogo!...

Farias Gama.

## A FEROCIDADE DOS CROCODILOS

A luta com as fêras, para os urbanistas, assume, nos actuaes tempos, uma fantazla, uma fabula, que se não pode explicar no caso de combate corpo a corpo. A fabula, porém, conserva sempre um fundo proximo ou remoto de verdade; parece mesmo que a fabula é o resultado de um facto authentico deturpado no curso da sua divulgação, porque quem conta um conto accrescenta um ponto.

O facto que vamos relatar tem todo o característico de verdade, occorreu em território nacional e além de tudo, máo grado de ter sido horrivel, segundo nos informam é frequente acontecer. Antes de entrarmos em apreciação das caçadas, hoje um verdadeiro sport cynegetico, relatamos o caso, talqualmente succedeu.

No dia 8 de Junho, no titio deno-

minado Realejo, no municipio de Santarém, no Estado do Pará, ás dez horas da manhã, no igarapé Aritapéra, o menor Raymundo de tal, de 12 annos de idade, apascentava o gado quando foi atacado por um formidável jacaré. O terrível amphibio colheu Raymundo, e zombando da resistencia que este lhe offercia, o foi arrastando para o fundo do igarapé, onde mais facilmente poderia sacrificar a sua victima, Raymundo embora fraco lutou, lutou com a força impetuosa do instincto de conservação, e em poucos momentos a fêra arrancou-lhe o braço direito. Raymundo viu-se liberto do jacaré, saiu do igarapé, correndo e gritando, sendo perseguido pela fêra que trazia o seu braço á bocca. Com um sacrificio inaudito, conseguiu o menor trepar num cacauero, fóra do alcau-

ce do jacaré; este collocou-se de baixo da arvore, onde a despeito dos gritos de soccorro do menino comeu o braço que havia arrancado á sua victimn. Raymundo, transido de dores e de medo, assistiu o jacaré mastigar e quebrar nos dentes o seu braço. Depois, o jacaré ergueu os olhos até onde o menor se achava e fixou-lhe um olhar terrivel tendo as fauces escancaradas, como dizendo que estava proinppto para comel-o todo.

Decorreram horas de tortura para o menor, até que o jacaré resolveu abandonar-o e ir para o Igarapé, regressando o menor para casa em estado lastimavel. Raimundo foi levado para Santarém, onde o soccorreram o medico dr. Tlieodorico Macedo e o Intendente coronel tirana. Os jorjiacs do fará noticiam esse facto que ali é frequente e commum, não causando espanto mais a ninguém.

Ha nos grandes rios e igarapés la região Amazônica enormes saurios ferozes, que accommetteni os incautos e distraliidos que se approximam de seus dominios.

Não é somente no Brasil, no nosso continente que ha desses ferozes animaes; na America Central vive o •Alligator l'uncutullatus", na America do Norte o "Alligator Misslssipensis" e o "Crocodilus Americanus", de Florida.

Nem todos os crocodilos e jacarés atacam o homem, porém, o crocodilo denominado tropical é ferocissimo. E' destes o que reside nas aguas Amazônicas.

Em geral esses amphibios, mesmo na Marajó, dizimam o gado, cachorros e anlmacs menores. Quando estão esfaimados, são aggressivos e temerários; abrem as fauces, erguem a cauda e andam ameaçadores em demanda da sua caça. l'ossuein, mandíbulas fortíssimas, partindo com facilidade uma tibia ou um fémur de louro. Não é somente isso, devoram tudo que encontram, embora tendo preferencia por terneiras, cães e homens, não fazem distineções de alimentos. Em seus estomagos se têm encontrado pedras, pedaços de melai, cngulidos no afan de devorar.

São protegidos por uma verdadeira couraça que lhes assegura uma fuga livre quando atacados por caçadores. Ha, entretanto, partes do corpo cm que, attingidos, ficam irremediavelmente feridos. Uma bala ou bordoa-da na ponta do nariz de lllll jacaré é sufficiente para pol-o no chão morto ou mortalmente ferido; o mesmo succede na Bocca. Onde também as balas penetram com facilidade é no peito. Fora desses pontos as balas resvalam, riceoheleam, são inúteis, mesmos os poderosos modernos 44.

No Amazonas a caçada de jacarés-é um trabalho de perigosas aventuras e ás vezes terminam com a morte de 40 ou 50 saurios. E' preciso muita gente. A's vezes fazem a caçada mlt-a a páo e a tiro, encurralaudo-os cm igarapés rasos, nos quacs não possam nadar.

Em Costa Rica, onde abundam esses monstros em grande quantidade, (Rio Grande dei Fárcoles) a caçada é feita a faelio e figa, durante a noite. Os nativos desse paiz são exímios caçadores de jacaré, sabem liarpoal-os admiravelmente. Para isso escolhem as noites mais densas, e em pirogas indígenas descem o Rio (Irando dei Tarcoles, ria sua embocadura, sem fazer ruído, penetrando nas lagoas e remansos, em que o rio espraia, jior entre a floresta.

A piroga conduz tres caçadores, o remador, o liarpoador e o encarregado do facho.

Em dado momento, o homem d» facho o accende e os saurios deslumbrados pelos effeitos da luz, ficam como que pasmados. A piroga enca-minha-se para a féra; a habilidade está no homem do facho, que não deve tirar a luz dos olhos do amphibio; a certa distancia o harpoador atira o harpéo que vae certoiro encravar-se no peito do jacaré, único lognr onde penetra.

E' uma situação horrível, lai o esforço que o animal faz para desvencilhar-se da figa; finalmente é vencido a pauladas no focinho. Para içal-o até á embarcação, não é o trabalho é o perigo para os caçadores.



E' um perigo a existencia desses saurios, porém, difficillimo se torna libertar as paragens ribeirinhas dos rios e igarapés da Amazônia.

O caso do menor Raymundo não é raro, comtudo serve de advertencia aos que trabalham proximos á zona habitada pelos jacarés.

## NOSSO PLANETA PODE MORRER DE VELHICE OU DE UM ACCIDENTE

Desde os tempos em que a terra evoluia no espaço, sob a fôrma de uma nebulosa, o nosso planeta fez bastante progresso. Devemos concluir que, seguindo o cyclo commum a todas as coisas, a terra, depois de ter tido um começo c de ter pouco a pouco progredido, encaminlia-se agora para um fim definido?

Sobre isto não ha duvida, asseveraram os sábios.

E' indiscutivel que diversas forças agem lentamente, mas seguramente, para tornar a terra inhabitavel ao homem. Entretanto, os seus resultados estão assás longe para que possamos encaral-os com tranquila curiosidade. A menos, bem entendido, que uma causa tão súbita como imprevista venha bruscamente pôr termo á historia da terra.

Não menos é verdade que a eventualidade do fim do mundo sempre preoccupou os homens. Unicamente as hypotheses variaram. O Scientific American consagra ao estudo destas diversas hypotheses um longo artigo, do qual resumimos aqui os trechos mais ouriosos.

### A SECCA

A agua é um elemento indispensável á vida, seja qual fôr a fôrma em que se apresente, á vida humana particularmente.

Ora, a agua desaparece gradualmente do nosso planeta.

Sabe-se que a agua é um composto de dois gazes: o oxygenio e o hydrogenio. A principio, a terra estava munida de uma quantidade definida destes gazes, que existiam juntos ou separadamente, cm diferentes corpos. Nenhum meio exterior, tendo trazido estas matérias, segue-se que a terra conservará a suá provisão de

agua na medida em que guardar o oxygenio e o hydrogenio.

Calculou-se que um corpo da dimensão e da densidade da terra exercia uma attracção sufficiente para reter á superficie todo o objecto que se mova a uma velocidade inferior de 11 kil. 040 por segundo. Toda parcela de matéria, attingndo uma velocidade superior, achar-se-lia, portanto, liberta e escapar-se-ha no espaço, errando nelle até encontrar uma outra massa cuja attracção será sufficiente para retel-a.

Maxwell demonstrou que a velocidade do hydrogenio era de 11 kil. 840 por segundo, e a do oxygenio, de 2 kil. 880 sómente. A velocidade do hydrogenio, sendo superior cm 800 metros á velocidade critica da terra, cedo ou tarde, todas as moléculas de hydrogenio, libertas de um modo ou de outro, adquirirão uma velocidade sufficiente para ir errar nos espaços interplanetários.

Notemos, para apoiar esta theoria, que a velocidade critica da lua é mais fraca que a velocidade de qualquer um dos nossos gazes, e que os sábios declaram que a lua não possui atmosphaera.

Do que vemos acima, conclue-se que cada vez que a agua é decomposta nos seus elementos, o hydrogenio e o oxygenio, o primeiro não tarda em tomar o que commummente se chama "tangente", isto é, a desaparecer no espaço. A mais frequente das decomposições da agua é a produzida pela corrente electrica. Ella tem logar cada vez que uma tempestade de chuva é acompanhada de raios.

Diversas reacções chimicas têm o hydrogenio da agua; assim o sodio, o cálcio, o potássio, quando se acham em contacto com a agua, com-





Dinam-se com o oxygenio e libertam o hydrogenio.

E', pois, indiscutivel que a agua desaparece, pouco a pouco da superficie da terra.

A extensão coberta pelos mares, actualmente, é menor que em qual-quer outra época do passado, e hoje vias ferreas seguem o leito de rios desseccados.

#### A INUNDAÇÃO

Se bem que nos pareça paradoxal, não é impossivel que a humanidade se ache, um dia, seriamente incommodada por uma superabundância de agua.

Os logares elevados da terra são, com effeito, constantemente corroídos pelos phenomenos de erosão, e os muerlaes que lhe são retirados vão depositar-se no fundo das aguas.

Não esqueçamos que aqui se produz um plienomeno compensador.

Crê-se que das profundezas tia terra parte um movimento destinado a deslocar certas camadas geologicas, collocadas abaixo dos mares para fazel-as novamente vollar ao seio da terra. Resultaria desta operação uma elevação dos continentes.

Infelizmente, esta elevação seria inferior á corrocção produzida pelas aguas, gelos e ventos; isto porque os materiacs situados sob as massas continentaes lornar-se-hiain cada vez mais densos e diminuiriam de volume.

A continuidade deste plienomeno Jevar-nos-ia a prever o momento onde as superelevações seriam insufficientes para manter os continentes acima do nivel do mar. O globo inteiro seria inteiramente coberto de um oceano único, e os nossos descendentes deveriam introduzir profundas modificações, de accordo com a sua existencia, para sobreviverem a essa total submersão.

#### O RESFRIAMENTO

A hypothese mais geralmente conhecida é a que se baseia no resfriamento gradual do sol.

Depois de crer, durante muito tempo, que o calor do sol era o resultado directo á sua combustão, actualmente é admittido que a maior parte deste calor é o resultado do trabalho feito pela contracção gradual da sua massa. Se nós admittimos a theoria das nebulosas, emittida por Laplace, também sabemos que a matéria que compõe o sol devia ser, ao começo, diffundida em uni espaço tão grande quanto o circumscripito pela orbita de Neptuno. Produziu-se, portanto, uma formidável contracção que, aliás, continua de modo apreciavel.

Quando o sol se contrair, a ponto de tomar a fôrma solida, elle resfriar-se-ha rapidamente e não dará mais luz nem calor. Os planetas tornar-se-lião astros mortos, onde reinam ES baixas temperaturas dos espaços interplanetários.

Dizer que a terra acabará por uma das causas acima, equivale a concluir que morrerá de velhice, porém, ella tainbein pôde ser victinia de um accidente.

#### A COLUSÃO

O accidente mais provável seria o de uma collisão com um outro mundo.

De tempos em tempos, os astrónomos nos annunçain o apparecimento de uma estrella, onde antes não a havia; ou bem vêem uma estrella sem importancia, tomar um novo fulgor, até se tornar de segunda ou primeira grandeza. Innumeros sócs visiveis passeiam em direcções que nada fixa aos nossos olhos, enquanto astros mortos errnm, invisiveis, no espaço. E'-se levado a pensar que as vezes se produzem collisões e que o súbito encontro de dois sócs leva as suas massas á incandescência e provoca o apparecimento de uma nova estrella.

Por que crer que a terra esteja ao abrigo de taes perigos? O nosso sol e sua côrte de planetas, dirigem-se para a constellação de Hercules, n velocidade de 19 kilometros por segundo. Quem nos diz que algum corpo celeste, ainda invisivel, não estará no cuminho?



Em um systema tão minuciosamente regulado, como o solar, bastaria uma pequena influencia exterior, minima, para tudo alterar seriamente. EW aliás, bem provável que, muito antes da collisão, toda a

manifestação de vida teria cessado sobre a terra, devido aos cataclysmos precusores.

Kené Bétourné

("O Paiz", Rio).

## UM LIVRO DE VIAGENS

Em S. Paulo, onde costumo cair de vez em quando, por instineto magnético, quando se afrouxa a gravitação dos trabalhos que me prendem ao Rio de Janeiro, encontrei numa livraria allemã o pequenino e curioso livro de Colin Ross, sobre a America do Sul.

São pouco mais de trezentas paginas com illustrações photographicas intercaladas entre as folhas de papel de guerra, que é ainda hoje o material commum de impressão, e trazem o titulo que recommendo aos que se interessem: Sudamcrika, die aufsteigende Welt.

Pertence o livro a essa literatura de films, que corresponde exactamente á falta de tempo de que sofre a carcassa humana sem elasticidade e atrozadissima deante das suas próprias obras de velocidade: o auto, o telegraphio, o avião...

Rem considerado, o homem está atrás de si mesmo uns cem annos. Que havemos de fazer para nos ajustarmos a essa vertigem?

It \* \*

Voltemo-nos para o livro de Colin Ross.

Cá vem o viajante e para que?

Veuu, elle o diz, na portada do livro, como pioneiro a ver a terra nova onde poderiam os seus companheiros achar o pão e a vida que a grande guerra lhes roubara.

O pioneiro, porém, logo teve uma breve decepção. A sociedade americana é a mesma européa, com hierarchias de nome differente, mas igualmente oppressivas, sem aquella igualdade social que um mundo inteiramente novo poderia offerecer.

A America e a Europa formam uma unidade de civilização, com a

só differença que a primeira possui todas as possibilidades de thesouros já esgotadas na outra. A America será a renascença viciosa do velho continente.

Corno quer que seja, para Colin Ross é um mundo que surge agora (die aufsteigende Welt), com a finalidade de substituir e continuar o mundo antigo.

C. Ross percorreu quasi toda a America do Sul, informou-se da vida rural e urbana, das questões do trabalho. Aqui veiu encontrar as mesmas doenças das creves e das reivindicações sociaes.

Fôra disto, o mais ou quasi tudo era novo e admiravel pela natureza ou pelas intenções do homem.

Ainda a bordo do — "Frisla" — admirava-se da gentileza de alguns brasileiros para com o viajante allemão quasi suspeito:

— Por que, então, perguntou elle, entraram os senhores na guerra contra a Allemanha?

— "Isso foi uma coisa com que o nosso povo nada tinha que ver, responderam-lhe. Foi apenas um negocio que fizeram os nossos politicos com a Inglaterra e os Estados Unidos."

E achou sinceridade na resposta.

\* \* \*

As paginas que C. Ross escreveu sobre a vida dos teuto-brasileiros, no interior do paiz, embora não nos revelem coisas novas, confirmam idéas e factos que alguns de nós ainda põem em duvida.

Os colonos allemães (do Brasil (diz elle), mesmo ao cabo de tres gerações, continuam allemães. Não fallam sequer uma palavra do portuguez e, muitas vezes, frequentemen-

te, 110 meio delles, tive de servir de interprete.

E nccrescenta que os "brasileiros nada fazem para os assimilar". Os nacionaes são considerados estrangeiros (Fremden). De nenhum modo pensam os allcmães americanos em possível annexação á mãe patria: e, essa suspeita só serviu para fazer máu sangue e criar prevenções injustas durante a guerra.

"Os teuto-brasileiros são seres equivocos, soffrendo interiormente de intima discórdia. Não são brasileiros, mas ainda menos são allcmães: da velha patria herdaram apenas tradição e a vida sentimental".

"Os teuto-brasileiros do Rio Grande se não são brasileiros, são rio-grandenses, e para falar mais exacto, são são-leopoldenses, novo-hamburgenses... Isto é, são colonos municipalistas das suas colonias".

Esse particularismo explica-se pela vida economica, e não civica, que os define. Pertencem ao torrão e não á terra.

O governo ordenou que nas escolas allemãs se ensinasse o portuguez. Assisti uma vez a uma dessas aulas na floresta. Dava-se a lição de arithmetica e o mestre questionava successivamente em allcnião e em portuguez: mas as crianças só conheciam de casa o ullemão e o proprio mestre pouco sabia do portuguez".

O casamento, que seria o meio mais efficiente da assimilação das duas racas, não é praticamente appetecido, porque a mulher brasileira tem pretenções e exigencias que molestariam ao mais paciente allemão.

Com o correr do tempo, e^ses equívocos e differenças naturalmente vão desaparecer e teem já desaparecido nas grandes cidades, onde a pressão é mais alta.

\* \* \*

Depois de andar pelas terras do sul, pelas colonias e pelas fazendas de café de São Paulo, cujo progresso inteno admira, chega o nosso viajante ao Rio de Janeiro.

E' um deslumbramento. A grande cidade dos tropicos produz-lhe Impressão profunda. Assim, começa o capitulo sobre o Rio, com essas palavras do Evangelho:

"E levando-o ao mais alto dos montes, mostrou-lhe o diabo todos os reinos do mundo e a soberba gloria delles."

O pioneiro sentiu essa fascinação do demonio. Tudo ali estava aos seus pés, tudo que o mundo podia reunir de seducção.

"O Rio de Janeiro é, talvez, a cidade mais bella (lo mundo. Isto é Já sabido e tantas vezes escripto, que seria ocioso perder Inúteis palavras. Ainda mais, não ilevo tomar agora a empresa de descrever tamanha formosura, porque ella excederia a medida e a narrativa."

Comtudo, o autor fala com entusiasmo das montanhas senhoris que emmolduram a cidade, da agua, do céu e do sol que a illumina, das palmeiras, das avenidas importantes dos autos, do movimento humano.

"De nenhum modo, diz elle, faço minhas as malévolas palavras argentinas que dizem do Brsil: La naturaleza todo, los brasilenos nada.

São palavras perversas e falsas. A cidade é não só a mais bella capital, 6 a primeira cidade de banhos, e tão salubre hoje como outra qualquer que o seja em todo o mundo. E será inda a "mais bella", a mais fantástico, mais grandiosa", quando em tempo ainda próximo se completarem as suas perfeições incomparáveis, que o homem abi iuciu com grande magnificência.

Parceceu-me que não fazia mal divulgar esse ditliyrambo de um pioneiro que viu Nova York, Chicago, Buenos Aires e as grandes cidades europeas.

Divulguemo-lo, sem vaidade, para abrandar um pouco o nosso pessimismo.

Estuguemos o passo para alcançar a cidade que já vae adeante de nós.

João Ribeiro

("Gazeta do Noticias", Rio).

## COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO?

No Congresso Feminino, ha pouco reunido nesta capital, o dr. Renato Kehl, conhecido eugenista, leu uma interessante memoria sobre a maneira salutar a que deve obedecer o bello sexo, com referencia á escolha de maridos.

Disse o dr. Renato Kehl:

"Confesso, sinceramente, que foi com algum receio, aliás justificável, que me propuz a escrever o presente trabalho. Isso, entre outros, pelos seguintes motivos: sempre fui avesso ás funções de conselheiro em matéria de casamento, pelo temor das responsabilidades de aconselhar ou desaconselhar corações apaixonados.

Se hoje me aventuro a entrar neste melindroso assumpto, é porque, como eugenista, não podia recusar o convite, para mim muito honroso, de collaborar na propaganda em beneficio da educação das mães brasileiras, no que diz respeito á belleza e robustez dos nossos futuros patricios.

Em se tratando de proteger a especie contra a degeneração, o que o mesmo é propugnar jiela felicidade dos nossos semelhantes, indicando-lhes os meios de evitar os males, a miséria, as dôres, — sinto-me com coragem para perlustrar todos os assumptos, mesmo aquelles ligados á educação sexual, difficeis de ser encarados num meio como o nosso, ainda pouco maduro, sob esse ponto de vista.

Com estas premissas, a titulo de explicações, espero merecer p beneplácito das minhas illustradas leitoras— e entro no assumpto, opportuno, e digno de attenção das minlias jovens patricias, as quaes cabe o sagrado dever de zelar pela hygldez somatopsychica dos brasileiros de amanhã.

Todas as mulheres, ao chegar á cupidiana idade da juventude, a essa deliciosa phase da vida em que tudo parece sorrir, são tocadas por doce e estranha preocupação de encontrar uma parte do seu eu, uma qualquer coisa, incompreendida, mas que faz falta; são tocadas, repito, pelo desejo

de encontrar a outra "metade", emfim, de descobrir um noivo, um marido.

Muito embora os actos exteriores não denotem essa tendncia; apesar dos factos demonstrarem o contrario e a própria pessoa negar a preocupação matrimonial; não obstante ella negar essa aspiração no desejo constante de frequentar reuniões, onde se encontrem com individuos do sexo opposto — o sub-consciente mantem-se dominante, na acção soberana de proteger a perpetuidade da especie.

Não estão com a verdade e com a normalidade physiologica aquelles que negain essa chimlotaxia j>ositiva entre os dois sexos; só nos casos de aberrração deixa de existir a doce prepotência da natureza que uma passagem hiblica se expressa com as palavras "crescei e multiplicac-vos".

A lei da perpetuidade é universal; delia não se desobrigam os seres da mais ínfima especie. Mesmo aquelles cuja existencia se conta por minutos como a Palingenia virgo, que, logo após lançada no turbilhão da vida, a primeira coisa que faz é procurar o indispensável companheiro, para juntos festejarem o hymineu, aliás scintillante e fugaz, iniciado e concluído num ligeiro desprender de azas, como a passagem de uma estrela candente pelo espaço.

Nada, pois, mais digno, mais justo, mais natural, por parte das moças e dos moços, do que procurar a fracção que lhes falta e de se unirem pelos lidimos e sagrados laços do matrimonio.

Esse passo porem, representa o mais sério da nossa vida; delle depende a felicidade nossa e de nossos filhos, da nossa patria e da humanidade, em summa. Uma creança, quando nasce, traz consigo o tlesouro de uma vida de saúde ou a miséria de uma vida infeliz de soffrimentos.

Os que se casam devem, pois, ter em mente o patrimonio vital, que vão legar aos descendentes, aos quacs estará reservado um futuro risonho ou um porvir tenebroso.



Não é exagero dizer-se que nas mãos dos noivos se acham as luzes ou as trevas da prole. São elles que no consorcio de caracteres optimos dão nascimento a filhos fortes e bellos, como os portadores de taras e degenerações dão nascimentos a idiotas, a aleijões, a monslriparos de todfl sorte.

Quem se casa, pois, deve ter consciência do acto que pratica, e essa consciência subordina-se ao conhecimento do passo que se vac dar.

Os moços e as moças devem lembrar-se que, quem se casa, não deve, apenas, preoccupar-se com a satisfação dos proprios interesses, descuidando-se dos da descendencia. Ha muita verdade na phrase "lembrae-vos que não sois senão ephemeros depositorios de um legado eterno". Quando recebemos esse legado, que é a vida, a saúde e a beileza temos o dever de transmittil-o integro aos que nos succedrem.

A funeção mais nobre da mulher, todos o sabemos, e todos proclamam, é a maternidade; é a funeção da qual depende a existencia da especie. "Dae-me mães, disse um estadista, e eu vos formarei uma nação superior a qualquer outra". "A mãe, não tem em suas fracas mãos um poder maior, do que o mais hábil dos legisladores? A raça, o valor da espécie não depende delia em grande parte? São palavras da Senhora Hoffmann, que accrescenta, ainda "pode ser-se má lavandeira, má cozinheira, má artista, poder-se-á desse modo causar algum dainno a outrem. Mas o mal, que faz uma única mãe ruim, é incalculável, porque repercute de geração em geração, corrompendo-as e envenenando-as umas após outras".

Conheço casos de casamentos, que nunca se deveriam ter realizado; de individuos portadores de males e de taras transmissiveis; de individuos consanguíneos, com caracteres degenerativos liomogeneos, propensos a natural multiplicação; conheço os frutos desgraçados nascidos desses tristes conluios.

Ainda ha bem poucos dias, contava-me uma illustre senhora a des-

ditada de um casal de cacoplastas; a mãe paralytica, o marido desequilibrado e quatro filhos surdo-mudos. Ninguém ignorava na familia dos nubentes que ambos eram portadores de males transmissiveis. Entretanto, ninguém se oppoz ao casamento e quando o padre, na leitura dos prociamos, diz que é dever de todo christão revelar se existe inpedimentos á realização do acto, nem uma voz se levantou, como sempre acontece, para evitar a consummação de um verdadeiro crime consciente, como é o caso vertente.

A lei de 24 de janeiro de 1890 estipulava o exame medico facultativo dos nubentes menores ou, curatelados. Como o novo Codigo, a jurisprudência nacional, já disse uma vez, no que diz respeito ao matrimonio, deu um passo atraz, retrogradou lamentavelmente. O professor Souza Lima, meu preclaro mestre, ha pouco fallecido, diz nas suas "Observações sobre o Codigo Civil": "Quanto aos motivos de opposição, é objecto de minha extranhesa e reparo o desapparecimento da disposição consignada no artigo 20 da citada lei, que faculia nos paes, tutores e curadores de menores interdctos, exigir aos pretendentes aos mesmos, antes de consentir no casamento, exame medico atestando que não têm lesão que ponha em perigo proximo a sua vida, nem soffrem moléstia incurável ou transmissivel por contagio ou herança. Não descubro a explicação desse corte relativo a urna providencia salutar, acauteladora dos interesses sanitários da familia e da sociedade, e que, nos termos em que foi estabelecida, sempre interpretei como um tímido ensaio, preparando o terreno para torna-la opportunamente obrigatória e generalizada a todas as edades, rompendo desassombadamente com os mal entendidos escrupulos, que a têm tornado letra morta".

Já vêem as leitoras que tanto a igreja como a jurisprudência, tiveram sempre em alta conta a protecção da familia contra a degeneração. Infelizmente, apesar de tudo, continuam a casar-se alcoolatras, luéticos, tuberculosos, cpylepticos, etc., e



depois do irremediável é commum ouvir-se dos paes dos infelizes filhos dizerem, com o coração trespassado de dor: — "Que havemos de fazer? E' uma dura prova que Deus nos reservou: que seja feita a sua vontade."

Ah! não, não se concebe semelhante blasphemia. "E' bem santa a vontade de Deus para Impor tamanha desdita a pobres innocentes." A causa desses infortúnios cabe á ignorância, quasi sempre a caprichos do coração, a imposições sociaes, a interesses ou conveniências não confessáveis.

A essa ignorancia devemos oppor o educação das moças, futuras mães, que devem ser instruidas naquillo que diz respeito ás suas funções de mulheres, no conhecimento do abysmo que se abre a seus pés com um mão casamento e do dever maternal imposto pelas leis sagradas da Providencia.

A's mulheres, mais que aos homens, cabe o papel de defensora da raça que habitará a nossa grande Patria, nos séculos que se succederem. Por que? Porque ellas poderão defender-se dos máos casamentos, evitando, assim, a má prolicação.

O dever maternal, eugenicamente encarado, inicia-se com a escolha do marido.

— Mas como encontrar um bom marido?

— Responderei sem hesitação: illustrando-se, tomando tento na escolha das relações de amizade, aprendendo a discernir o homem de bem desses que, na opinião de Latino Coelho, "são a nobilitação da ociosidade, o vicio tornado elegante, doirado, ennobrecido, cercado de uma aureola radiante de luz, a esconder as maculas da vida desordenada"; conservando-se nos dietames da boa e sã moral, seguindo os hábitos e costumes sociaes dos nossos antepassados e que a civilização manqué, a civilização hysterica do século presente tudo faz para modificar; fugindo dos bulidos a festins, onde trescalam os **almiscares** da dissolução, onde Impeira o mundanismo pervertido.

— Nos meios assim pernicioso nunca encontrareis um bom marido, encontrareis, sim, os individuos neologicamente baptizados de "almofadinhas" e por companheiras futilidades vestidas de damas, dessas damas "artificiaes", "multiformes", que, no dizer do autor ha pouco cilado, têm um coração pura rada homem, uma sensibilidade para cada palavra, um tregeito para cada sentimento; assim como um vestido para cada baile, uma paixão para cada polka, um amor pura cada valsa". Para estar mais de accordo com á época substituiria a polka pelo "puladinho" e a valsa pelo "tremidinho". A valsa e a polka estão como dizem as melindrosas... catalogadas entre as velharias de 1830..

Estou certo de que a leitora perdoará o que acima ficou dito porque concordará commigo que realmente é moda dizer-se — "isto cheira n 1330" — "fóra com isso", — "estamos em 1822"; a moda dominante é a que nasceu hontem no "boulevard", que o figurino reproduz, que a tela cinematographica, transformada em código impõe, e que os romances inculcam.

Não faz muitos dias, assistindo á prgação de illustre reverendo, devotado propugnador de bons conselhos e normas capazes de garantir a felicidade dos lares de seus parochianos, referiu-se o mesmo ao modo vicioso pelo qual se estabelecem, Infelizmente, em muitas casas as relações de amizade das moças com rapazes estranhos. Não me é possível reproduzir fielmente suas jocosas expressões, mas procurarei traduzir em poucas palavras, o seu justo reparo, a sua desapprovação a esse habito, que se vae generalizando, pura desgraça da sociedade brasileira.

Eis o caso:

— Mamãe, veja que "linha" tem aquella rapaz, como elle é elegante, como se calça bem; vou convidá-o para vir á nossa casa amanhã.

A mãe ao envez de, sensatamente, dissuadir a filha disso, não hesita:

— Convida-o, minha filha, para tomar chá amanhã comnosco. Orga-



nizaremos um "assustado". Mas, veja lá, não contem comigo para fazer os bôlos.

No dia seguinte, lá está o rapaz de "linha", com as calças irreprelivelmente passadas, as botinas pontcagudas na moda, muito á vontade como velho conhecido, inclusive a percorrer as dcpndncias da casa.

A apresentação, o reconhecimento prévio das qualidades moraes do individuo, de sua família, nada valem, no caso; e para que, se o rapaz tem "linha" e sabe "dançar bem"?

Verificado ser financeiramente um bom partido, no fim de pouco tempo, — eis o casamento tratado e realizado.

O rapaz de "linha", está afinal casado. Mas... pobre da linhagem... Também, que importa a linhagem, a filliã não está casada?

Assim, effcluam-se milhares de casamentos.

Chegou, afinal, o momento de dizer, em poucas palavras, o verdadeiro ponto, que desejo tornar esclarecido, isto é, como se escolhe um bom marido sob o ponto de vista cugenico.

l'arn o fim que vizamos de garantir a belleza e robustez das gerações vindouras, aconselhamos uma pratica essencial, a ultra-prophyiastia, o medico ultra-nupcial.

No meu ultimo livro "Melhoremos e prolonguemos a vida", ha pouco apparecido, no capitulo "Pretende casar-se", deixei bem clara a importância desse cuidado ante-matrimonial, na seguinte passagem: os que aspiram ao matrimonio com sentimentos louváveis, perseguindo um

fim superior do interesse social: os que antes de tudo anlielam a constituição de um lar feliz, onde reine a sauire, a alegria e a ventura — deverão procurar um medico amigo, confiar-lhe os seus segredos de saúde deixar-lhe a vista os males que por acaso existem. liste, dentro da sua qualidade de amigo e da responsabilidade profissional, dará licença para o casamento, ou protelará se achar necessário, ou impedirá, se assim fôr preciso.

E, da maneira que, para o noivo, por que não exigir da noiva a "folla corrida" do seu estado sanitario, passado por um profissional idoneo?

Não é uina innovação essa de certificado de saúde para fins de casamento. Eni muitos paizes é obrigatório, conjunctamente com os papeis inatrimoniaes, apresentar um attestado, que evidencie não soffrerem os candidatos ás nupcias male3 contagiosos ou transmissíveis um ao outro e a prole. No proprio clero americano lia prelados que não effectuam casamentos sem préviamente se munirem os nubentes de uma prova de perfeita saude.

Emquanto a lei não iinpuzer essa medida preinuntoria deverão as moças impól-a por si próprias, para salvaguarda de sua saude, para satisfação de um dever de consciência perante os filhos, os netos e toda a geração.

Estae certas queridas leitoras, que assim procedendo, prestareis inestimáveis serviços á família brasileira e cumprireis o vosso dever de iulher perante a humanidade.

("Correio da Manhã" Itio.)

## O FOLK-LORE DA GUERRA

Continuando a colligir dados sobre o vasto e esquecido folk-lore, nascido em todo o nosso palz com a guerra do Paraguay, não posso esquecer a lenda, corrente 110 interior do Ceará, sob a influencia das leituras de velhos e populares livros de cavallarín, como as historias de Carlos Magno e <la Donzélia Theodo-

rn, duma gigante que combatia em favor dos nossos inimigos. Não sobem mais os sertanejos explicar de onde veio e porque era partidaria do tyranno Lopez; porém, affirmam que se apresentava em combate desgrehnada, soltando vivas e brandindo em coda mão unia peça de artilharia! O quadro é digno das "ges-



tas" medievas ou dos combates descriptos no celebre "Livro dos Reis", de Abulkasim-el-Firdusi.

De nosso lado nunca existiram gigantasticas amigas; mas não nos faltaram mulheres que fossem gigantes do heroísmo. Seus nomes estão na historia. Houve mesmo algumas que ficaram celebrizadas nas tradições populares de guerra. O escriptor Hormino Lyra recolheu, segundo me communica, esta curiosa quadra alagoana, cantada ás margens do S. Francisco:

"Sinhá Mariquinha,  
De tropa de linha,  
Tem crista de gallo  
Com pé de galinha!"

E acrescenta:

"Conta-se que, na guerra do Paraguay, se disfarçou Sinhá Mariquinha T. em trajos masculinos e se apresentou num quartel, com o fim de seguir para o campo de batalha: descobrindo-se, porém, que era mulher, não poude assentar praça na tropa de linha — o que deu lugar aos dois primeiros versos da quadra. Quanto aos dois últimos, fôra possuidora de grande excrecencia carnoça engastada na narigão, tendo a face muito enrugada."

O sr. Rodrigo de Oliveira Costa, de São José do Jacury, Peçanha, Minas Graes, escreveu-me para narrar uma anecdota verídica do tempo dos voluntários da Patria.

Quando mais accessa andava a grande luta e, por toda a parte, a mocidade se offercia voluntariamente para defender o paiz, dois jovens mineiros — os irmãos Modesto e Thieobaldo Vieira — allstaram-se. Ao partirem para a campanha, o dr. José Feliciano Pinto Coelho, Barão de Coaes, perguntou-lhes se queriam uma carta de recommendação para o general Osorio, seu amigo. Os dois distinctos rapazes responderam-lhe: — "Muito obrigado, sr. Barão. Vamos para o Paraguay defender os brios de nossa terra. Se formos felizes e vencermos, conquistaremos alguma coisa por nosso proprio mere-

cimento e não por influencia de outros."

Para bem commentar tal resposta, digna daquellas priscas eras, basta fazer notar em como seria desharmonica com os costumes e sentimentos da vida de hoje, baseada no pistoão..

Do seu leito de enfermo, em Nitheroy, escreve-me o digno voluntário da Patria, sr. José Leite da Costa Sobrinho, applaudindo a idéa de juntar as tradições esparsas da guerra do Lopez e offerecendo-me a narrativa do feito heroico do "Corneta da Morte", o famoso João José de Jesus, morto na batalha de 24 de Maio, aos olhos do grande Osorio, que teve uma ode de José Ronifacio, o moço e merecia ser cantado por Paul Deroulède:

"Puis dans la forêt pressée,  
Voyant la charge lancée  
Et les zouaves bondir,  
Alors le clairon s'arrête,  
Sa dernière tache est faite,  
Il achève de mourir!"

Tinham sido mortos ou feridos pelas balas inimigas todos os cornetas do 12 de voluntários de São Paulo. Todos, menos um, o negro retinto José de Jesus, natural de Jacarehy. Recebeu uma bala no braço esquerdo e continuou a tocar o signal de fogo. Outro pelouro quebra-lhe uma perna. Cae de joelhos, recosta-se a um montão de mortos e continua a tocar o signal de fogo!

Os paraguayos cercam de todos os lados o heroico 42, que perde o commandante e dois terços da officialidade e do effectivo. Um punhado de valentes que luta á sombra da bandeira e ao som formidável da corneta do preto Jesus!

O grande Osorio, á frente de dois batalhões, chega em soccorro do 42 de voluntários. E' quando o heróe, sempre a dar o signal de fogo, recebe um ferimento mortal no peito direito. Arquejante, a vista turva, ainda com esforço o peito ensanguentado e toca, tremulo, a "marcha batida" da Victoria!





Grande numero de episodio» e anedotas desse interessante folklore militar se encontra nus "Reminiscências", tão curiosas, do general Dionysio de Cerqueira, bem como no mais recente livro do sr. Escagnolle-Taunay, director do Museu Paulista, "No Brasil Imperial", no capitulo "Tradições Militares".

Todavia, o que lia de verdadeiramente mais interessante é o que se acia esparso na memoria collectiva. Não será possível obter tudo; entretanto, com paciência, pôde-se salvar muita coisa.

A's vezes, no meio de manifestações folk-lóricas inteiramente modernas, topa-se, por acaso, um traço sobrevivente das que brotaram por

ocasião da guerra com o Paraguay. Por exemplo, na lista das cantigas de "embolada" dos "côcos de embigada", dansados no litoral dos Estados do Nordeste, ainda hoje vive esta, inteiramente relativa á guerra que durou cinco annos:

"Foi o Duque de Caxias  
Que mandou me chamar,  
"Môde" ir ao Paraguay  
E aprender a brigar!..."

Assim, lentamente, pôde-se, talvez, de trovas, lendas, relatos e anedotas ir reconstituindo o variado cabedal da guerra.

**João do NORTE!**



# AS CARICATURAS DO MEZ

## SONDANDO O FUTURO



A *Chiromante* — Pelas linhas da mão, vejo que você continua em crise por estes annos mais chegados.

*Braz Bccó* — E depois «Dona aquella»? E depois?

A *Chiromante* — Depois ... você fica acostumado...

«Jornal tio Brasil» — lio

## NA PENSÃO



— Ouça, seu Rangel, preciso falar-lhe...

— Sim, Madame. Mas, antes, seria bom uma conferencia preliminar para reduzir os armamentos ...

»D. Quixote» — Rio

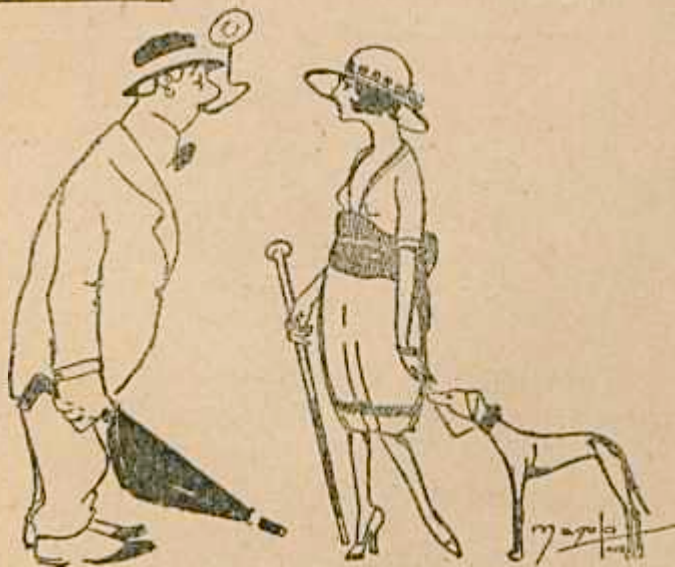


— O medico disse que eu tenho *embaraço2de circulação*, só para contrariar a gente.  
?!

— Elie sabe muito bem que meu marido é inspector devehiculos.

«D. Quixote» — Rio

MAL ENTENDU



— Lindo cãosinho ! A menina é da Sociedade Protectora dos Animaes ?

— Sou; alguém maltratou o cavalheiro?

«D. Quixote» — Km

A CRISE DE HABITAÇÕES NO ANNO

60 DEPOIS DA CREAÇÃO



Os pretendentes apresentam a carta de fiança.

«D. Quixote» — Rio

NO MUNICIPAL



— Francamente, esses novos-ricos sabem francez?

— Não, mas *falam*.

«D. Quixote» — Rio

## INDICE

|                                                                                       |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| O momento, por P. P.                                                                  | 1         |
| A proposito de uma importante descoberta archeologica brasileira,<br>por Arthur Neiva | 4         |
| Recordações de D. Quitéria, por João Ribeiro                                          | 8         |
| Consentimento ao matrimonio, por Heitor Maurano                                       | 14        |
| Uma farça, por Julio Cesar da Silva                                                   | 18        |
| A velhice e o conceito de Voronoff, por F. Mendes da Rocha Filho                      | 26        |
| Uma carta inédita de Anchieta, por Gentil Moura                                       | 28        |
| "Fairy-land" por A. C. Couto de Barros                                                | 30        |
| A reivindicação feminina em New York, por Orlando Machado                             | 35        |
| A Santos Dumont, por Pethion de Villar                                                | 38        |
| Anciã eterna, por Gentil de Camargo                                                   | 41        |
| A vida, de Rodrigues de Abreu                                                         | 42        |
| O livro de Goldberg, por Gilberto Freyre                                              | 43        |
| Crónica de Arte, por Mario de Andrade                                                 | 50        |
| O guizo, por José Mesquita                                                            | 54        |
| Bibliographia                                                                         | 59        |
| Resenha do Mez                                                                        | 65        |
| Debates e Pesquisas                                                                   | 77        |
| Curiosidades                                                                          | 8-><br>93 |
| As caricaturas do mez                                                                 | 93        |
| O momento, por M. L.                                                                  | 97        |
| Seis séculos de calumnias, por João Leda                                              | 103       |
| Recordações de Dona Quitéria, por João Ribeiro                                        | 100       |
| Adeus ao Rio, por Antonio Salles                                                      | 114       |
| Os varredores, por Oswaldo Orico                                                      | 114       |
| Ambos os dois, ambos de dois, por José Patricio de Assis                              | 119       |
| Sofrimentos voluntários, por Julio Cesar da Silva                                     | 131       |
| Religião e loucura, por Amando Caiuby                                                 | 137       |
| A medicinophobia de Molière, por Mucio da Paixão                                      | 156       |
| Bibliographia                                                                         | 163       |
| Resenha do mez                                                                        | 163       |
| Debates e pesquisas                                                                   | 163       |



|                                                                                        |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Curiosidades . . . . .                                                                 | 183 |
| As caricaturas do mez . . . . .                                                        | 190 |
| Inquérito Literário Sul-Americano . . . . .                                            | 193 |
| Tragedia de um capão de pintos, por Monteiro Lobato . . . . .                          | 206 |
| Ultimo escripto de Tolstoi, por Francisca B. Cordeiro . . . . .                        | 215 |
| A especulação da saúde publica, por Heitor Maurano . . . . .                           | 217 |
| Tributo insano, por Luiz Gonzaga Fleury . . . . .                                      | 221 |
| Movimento editorial . . . . .                                                          | 229 |
| A toponymia geographica indigena em Minas Geraes, por Nelson<br>de Senna . . . . .     | 231 |
| Capitulo dos sapatos, por Paulo de Freitas . . . . .                                   | 239 |
| Onça versus maruá, por Francisco Mondino . . . . .                                     | 243 |
| A medicinophobia de Molière, por Mucio da Paixão . . . . .                             | 250 |
| Bibliographia . . . . .                                                                | 259 |
| Resenha do mez . . . . .                                                               | 263 |
| Debates e Pesquisas . . . . .                                                          | 278 |
| Curiosidades . . . . .                                                                 | 286 |
| As caricaturas do mez . . . . .                                                        | 291 |
| Natividade Saldanha em Bogotá, por Argeu Guimarães . . . . .                           | 293 |
| Recordações de D. Quitéria, por João Ribeiro . . . . .                                 | 313 |
| O rapto, por Monteiro Lobato . . . . .                                                 | 318 |
| A communhão paulista, por Oliveira Vianna . . . . .                                    | 326 |
| Três documentos inéditos sobre Braz Cubas, por Gentil Moura . . . . .                  | 329 |
| Arte de Amar, por Julio Cesar da Silva . . . . .                                       | 334 |
| Portico, de Remigio Fernandes . . . . .                                                | 335 |
| Crónica de Arte, por Mario de Andrade . . . . .                                        | 336 |
| Aspectos modernos da alimentação, por Gustavo Lessa . . . . .                          | 340 |
| Itinerário descuidoso, por J. Pinto Guimarães . . . . .                                | 347 |
| Relações sanitarias entre o homem e o meio cosmico, por Aristides<br>Ricardo . . . . . | 333 |
| Bibliographia . . . . .                                                                | 358 |
| Notas de Arte . . . . .                                                                | 362 |
| Resenha do mez . . . . .                                                               | 363 |
| Debates e Pesquisas . . . . .                                                          | 370 |
| Curiosidades . . . . .                                                                 | 373 |
| As caricaturas do mez . . . . .                                                        | 386 |



**Ritinha** — é o segundo dos livros de Léo Vaz. Não é romance como **O professor Jeremias**. São contos e novellas, em que, com aquelle mesmo humour que o consagrou na grey dos humoristas universaes, dá-nos capítulos de adoravel philosophia. Lêl-o é aprender a sorrir.

Preço : 4D(1000)



Amando Caiuby, cuja obra — **Sapezaes e Xigueras** — foi a revelação de um contista, acaba de publicar as esperadas **Noites de Plantão**» em que reafirma as suas qualidades. Delegado de policia — em S. Paulo, soube aproveitar os casos que lhe foram affectos, fazendo de cada um conto em que não se sabe que mais admirar: se o inacreditável do facto, se a maneira original por que o põe em letras de fôrma.

Preço : 4f000



Editores: **Monteiro Lobato & Cia.**  
**Rua Victoria, 47**

# A POESIA HUMORÍSTICA

conta com mais dois novos cultores -- Octacilio Gomes e Cesidio Ambrogi, cujas obras acabam de sair do prelo: — **Os filhos da Candinha e As moreninhas.** Ambos estão á venda, ao preço de 3\$000, que bem valem as gargalhadas que proporcionam.

Ha que juntar também o nome de Antonio Lavrador, cujas satyras — **Soietaços** — têm ardido como pimenta em nosso mundo politico e social. (Prço : 3\$000).



**Para rir**, não ha, porém, comp **O arara** de CALIBAN, pseudonymo que mal encobre o nome de um dos nossos maiores romancistas, de ha muito conhecido no Brasil e em Portugal. A segunda edição já está á venda, em bello volume, ao preço de 4\$000.



Façam seus pedidos a

**Monteiro Lobato & Cia.**

Rua Victoria, 47

S. PAULO





# DIARETICOS

y / \_\_\_\_\_ WV ) J ® preciso combater a perda W  
// \_\_\_\_\_ -y de assucar. tonificar o or-  
ganismo. regularisar as funcções dos orgãos internos  
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção  
digestivo pelo uso da

## GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de  
plantas indígenas brasileiras

**PAU FERRO . SUCUPIRA**

**JAMELÃO e CAJUEIRO**

Usa-se de 3 a 6 colheres  
de chá por dia em agua

Ultimas Edições da Casa

## Monteiro Lobato (Si C.

III

|                                                                       |         |
|-----------------------------------------------------------------------|---------|
| MUNDO DA LUA", de Monteiro Lobato . . . . .                           | 4\$000  |
| NEGRINHA, de Monteiro Lobato . . . . .                                | 4\$000  |
| RITINHA, contos de Léo Vaz . . . . .                                  | 4\$000  |
| BABEL, estudos de Mario Rodrigues . . . . .                           | 3\$500  |
| A FELONIA DE VERSALHES, de Mario Pinto<br>Serva . . . . . V . . . . . | 3\$500  |
| 14 MEZES NA PASTA DA MARINHA, de Veiga<br>Miranda . . . . .           | 10\$000 |
| O ARARA, de Caliban . . . . .                                         | 3\$500  |
| OS FILHOS DA CANDINHA, versos de Octacilio<br>Gomes . . . . .         | 3\$000  |
| TROVAS DE HESPANHA, de Affonso Celso . . . . .                        | 4\$000  |
| SONETAÇOS, de Antonio Lavrador . . . . .                              | 3\$000  |
| MASCARAS, poema de Menotti Del Picchia . . . . .                      | 3\$000  |
| ORPHEU, poema de Homero Prates . . . . .                              | 4\$000  |
| NOITES DE PLANTÃO, de Amando Caiuby . . . . .                         | 4\$000  |
| CORAÇÃO ENCANTADO, de Cleômenes Campos . . . . .                      | 3\$500  |
| MORENINHAS, de Cesidio Ambrogi . . . . .                              | 3\$500  |
| POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL, de<br>Oliveira Vianna . . . . .     | 12\$000 |
| OS SERÕES DE DONA BRANCA, contos de Paulo<br>de Freitas . . . . .     | 4\$000  |
| PEDRA D'ARMAS, contos de Pedro Calmon. . . . .                        | 3\$500  |
| TARANTULA, contos de Carlos Rubens. . . . .                           | 3\$000  |
| DUAS ALMAS, do conego Manfredo Leite. . . . .                         | 4\$000  |

Rua Victoria N.o 47

CAIXA 2-B - S. PAULO



**AS MACHINAS**

# LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá**

**São as mais recommendaveis  
para a lavoura, segundo expe-  
riencia de ha mais de 50 an-  
nos no Brasil.       :       :       :**

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accesorios para a lavoura.

**Correias - Óleos - Telhas de Zinco -  
Ferro em barra - Canos de ferro gal-  
vanisado e mais pertences.**

**CLING SURFACE** massa sem rival para conservação de correias.

**IMPORTAÇÃO DIRECTA** de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanisado para encanamentos de agua, etc.

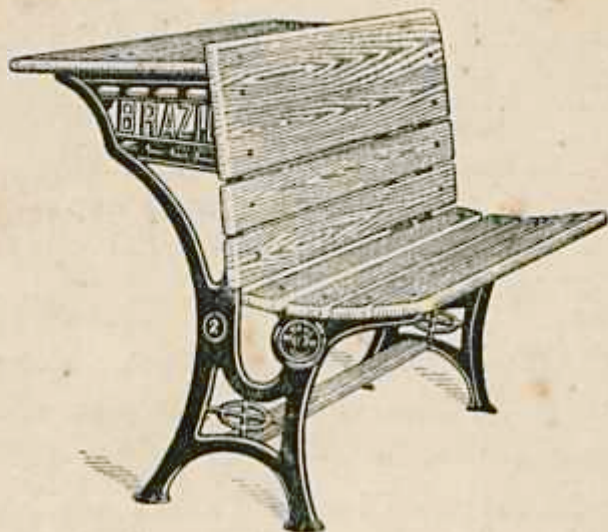
**PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.**

**DIRIGIR-SE A'**

**Rua Florêncio de Abreu, 112 - S\* Paulo**



# Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á  
**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES**  
**"EDUARDO WALLER"**

DE

**J. Gualberto de Oliveira**

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Tel. Cid. 1216

**SÃO PAULO**